

Patrícia da Silva Ferreira

ORDO VIRGINUM

MEMÓRIA, PROFECIA E INSERÇÃO SOCIAL

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientadora: Prof.a Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos

Apoio: CAPES

Belo Horizonte

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

2020

Patrícia da Silva Ferreira

ORDO VIRGINUM

MEMÓRIA, PROFECIA E INSERÇÃO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis

Orientadora: Prof.a Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos

Belo Horizonte

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

	Ferreira, Patrícia da Silva
F383o	<i>Ordo Virginum</i> : memória, profecia e inserção social / Patrícia da Silva Ferreira. - Belo Horizonte, 2020. 98 p.
	Orientador: Profa. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.
	1. Vida consagrada. 2. Castidade. 3. Ordo Virginum. I. Vasconcelos, Aparecida Maria de. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título
	CDU 271

Patrícia da Silva Ferreira

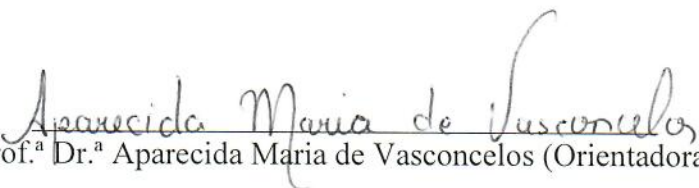
ORDO VIRGINUM

MEMÓRIA, PROFECIA E INSERÇÃO SOCIAL

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 15 de maio de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof.^a Dr.^a Aparecida Maria de Vasconcelos (Orientadora)


Prof.^a Dr.^a Zuleica Aparecida Silvano


Prof.^a Dr.^a Aurea Marin Burocchi / PUC Minas (Visitante)

AGRADECIMENTOS

- A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida a mim oferecido e pela presença ao longo desta pesquisa, um momento de encontro com as Suas Graças e com o Seu infinito Amor.
- A meus pais, Pascoal Ferreira Raimundo e Maria Efigênia Silva Ferreira, a minha família e a amigos pelo amor incondicional em todas as etapas de minha vida.
- Ao Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, por ter me acolhido de “braços abertos” na Arquidiocese de Belo Horizonte como consagrada no *Ordo Virginum*.
- Ao Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Montes Claros, Dom João Justino de Medeiros Silva, por me acompanhar paternalmente, por ser um bispo bem preparado, por sua escuta profunda, por sua grande capacidade de discernimento, por seu estímulo na realização deste trabalho.
- Ao Vigário Episcopal para a Comunicação da Arquidiocese de Belo Horizonte e Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Padre Fernando Lopes Gomes, por sua confiança e incentivo, por grande sintonia no trabalho de evangelização, por ser um sinal visível da bênção de Deus na minha vida. Um homem rico em sabedoria, iluminado e abençoado. Seu apoio e seu incentivo foram uma ajuda fundamental no desenvolvimento deste trabalho.
- A minha Orientadora, Prof.a Dr.a Aparecida Maria de Vasconcelos, pela competência, dedicação e incentivo ao longo da elaboração deste trabalho. Agradeço, sobretudo, pela disponibilidade e alegria constantes ao longo desses anos.
- Ao Reitor e Professor Dr. Geraldo Luiz De Mori, SJ, e todos os professores, funcionários e funcionárias da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.
- O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Compreendi que a Igreja tem um coração e que esse coração arde de amor. Compreendi que só o Amor leva os membros da Igreja a agir; que, se o Amor viesse a extinguir-se, os apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os mártires se negariam a derramar o sangue... Compreendi que o Amor abrange todas as vocações, que o Amor é tudo, que abrange todos os tempos e todos os lugares... numa palavra, que ele é Eterno!”

Santa Teresinha do Menino Jesus

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AA – Decreto *Apostolicam Actuositatem*
- CDC – Código de Direito Canônico
- CIC – Catecismo da Igreja Católica
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
- GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*
- LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja
- MD – Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*
- PC – Decreto *Perfectae Caritatis*
- PO – Decreto *Presbyterorum Ordinis*
- PR – Pontifical Romano
- RCV – Rito de Consagração das Virgens
- SC – Constituição *Sacrosantum Concilium*
- SCh – Constituição Apostólica *Sponsa Christi*
- VC – Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*

RESUMO

Ao longo da história do cristianismo, inúmeras pessoas consagraram suas vidas a Deus de forma radical e exclusiva, no seguimento de Jesus Cristo. O objetivo desta pesquisa é identificar a história do *Ordo Virginum*, desde suas origens nos primeiros séculos até a atualidade. Será apresentado o caminho até seu renascimento após o Concílio Vaticano II, que confirmou a autenticidade desta forma de vida consagrada na Igreja, encontrando também uma colocação no Direito Canônico. Uma reflexão bíblico-teológica dará o fundamento desta forma de vida consagrada que foi, desde os primeiros dias da Igreja, a forma especial de santidade e de plenitude espiritual, sobretudo para as mulheres. O aprofundamento sobre o *Ordo Virginum* foi um caminho que possibilitou constatar a autenticidade desta forma de vida, bem como a importância de seu testemunho na atualidade, além da necessidade de um ulterior aprofundamento sobre a importância da mulher consagrada na Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: *Ordo Virginum*. Vida consagrada. Castidade. Jesus Cristo. Igreja.

ABSTRACT

Throughout the history of Christianity, countless people have consecrated their lives to God in a radical and exclusive way, following Jesus Christ. The purpose of this research is to identify the history of *Ordo Virginum*, since its origins in the first centuries until the now days. The path to its rebirth after the Second Vatican Council will be presented, which confirmed the authenticity of this way of consecrated life in the Church, while also finding a place in Canon Law. A biblical-theological reflection will provide the foundation for this form of consecrated life that has been, since the early days of the Church, the special form of holiness and spiritual fulfillment, especially for women. The deepening of *Ordo Virginum* verified the authenticity of this form of life, as well as the importance of its witness today, in addition to the need for further studies on the importance of the consecrated woman in the Church.

KEYWORDS: *Ordo Virginum*. Consecrated Life. Chastity. Jesus Christ. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTO BÍBLICO DA VIDA CONSAGRADA	13
1.1 A castidade no Antigo Testamento	13
1.2 A castidade no Novo Testamento	17
1.2.1 No evangelho de Mateus	18
1.2.2 Na comunidade paulina.....	23
2 <i>ORDO VIRGINUM</i> : FRUTO DE UMA PRIMAVERA NA IGREJA.....	32
2.1 Nos primeiros séculos do Cristianismo.....	32
2.1.1 Época Apostólica	32
2.1.2 Época Patrística.....	35
2.1.3 Época Medieval	41
2.1.4 O caminho até o Concílio Vaticano II.....	44
2.1.5 A promulgação do Rito	46
3 <i>SPONSA CHRISTI</i> : UMA LEITURA TEOLÓGICA.....	51
3.1 O Cânon 604	51
3.1.1 Uma forma de vida consagrada	53
3.1.2 Seguimento de Cristo	54
3.1.3 A consagração.....	55
3.1.4 Rito litúrgico.....	58
3.1.5 <i>Sponsa Christi</i>	59
3.1.6 A escolha de servir.....	61
3.1.7 Possível associação das consagradas	62
3.2 Solene Oração Consecratória	63
4 <i>SPONSA CHRISTI</i> : FECUNDIDADE E ALEGRIA NO SENHOR.....	70
4.1 Na Igreja e para a Igreja	70

4.2	O júbilo da consagração	73
4.3	Dimensão escatológica	75
4.4	Dimensão profética	77
4.5	Maria, modelo de seguimento.....	82
	CONCLUSÃO	85
	REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

O carisma do *Ordo Virginum*, que vem florescendo na Igreja nas últimas décadas, tem as suas raízes nos primeiros quatro séculos do Cristianismo. Com um decreto datado em 31 de maio de 1970, a Congregação para o Culto Divino restabeleceu o rito da *Consecratio Virginum* para as mulheres que vivem no mundo e, deste modo, renasceu a antiga Ordem das Virgens. Em 1983, o Código de Direito Canônico dedicou o cânon 604 a esta forma de vida consagrada.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* (§ 7) diz que essa antiga Ordem marca presença nas comunidades cristãs desde os tempos apostólicos. Em At 21,8-9, encontramos, em Cesareia, a pequena comunidade das quatro irmãs, filhas de Filipe, dotadas do carisma da virgindade e da profecia.

Estimulados pela necessidade de aprofundar sobre o tema e a partir da constatação do crescimento dessa forma de consagração nas últimas décadas, bem como o seu pouco conhecimento, interessa-nos investigar nesta dissertação: suas origens; sua colocação no Código de Direito Canônico; a teologia do rito, considerando sua ressonância para a atualidade.

O método a ser utilizado é o da pesquisa bibliográfica. Procederemos com uma análise das fontes consultadas, com a interpretação dos escritos bibliográficos, inferindo deles o objeto que julgamos nortear o objetivo maior de nossa pesquisa e, por fim, buscando a atualização do tema para os dias hodiernos. No desenvolvimento da pesquisa, passaremos por alguns temas, como: a história da vida consagrada, a liturgia, o Direito Canônico, a teologia da mulher, entre outros, mas, devido a nossa delimitação, não nos aprofundaremos sobre eles especificamente.

Embora a Ordem das Virgens não seja um instituto de vida consagrada, a entrega realizada não é inferior às Congregações femininas. As candidatas são consagradas a Deus com um título diferente, pessoal, formando um *status* jurídico próprio, que se assemelha aos institutos de vida consagrada. O Código de Direito Canônico realça tal peculiaridade e salienta sua semelhança com outros institutos de vida consagrada.

Consideramos importante atestar que o trabalho de investigação sobre o *Ordo Virginum* é uma ocasião para que o olhar sobre esta específica forma de vida consagrada se amplie, porque tal carisma reflete a intensidade das origens e a novidade para os tempos modernos.

A imagem da consagrada como a esposa de Cristo está presente em todo o rito de consagração, ou seja, o que Jesus Cristo realizou na sua união com a Igreja, realiza também, em modo peculiar, com a pessoa consagrada, de tal modo que ela se torne um sinal da unidade

da Igreja com seu Esposo. Daí resulta a união da consagrada com o mistério de Cristo e da Igreja.

Memória, profecia e inserção social: são estas as características que este trabalho ressalta ao longo da pesquisa. Desde os primeiros séculos presente na Igreja, esta forma de vida renasce nas últimas décadas, mas atualmente é pouco conhecida e, portanto, pouco escutada, na vida eclesial, na reflexão teológica, como também nas propostas vocacionais.

Desenvolveremos o tema sobre o *Ordo Virginum* desde os primeiros séculos até a atualidade. Veremos como o Concílio Vaticano II confirmou a autenticidade desta forma de vida consagrada na Igreja, encontrando também uma colocação no Direito Canônico. Faremos uma reflexão bíblico-teológica sobre a virgindade que foi, desde os primeiros dias da Igreja, a forma especial de santidade e de plenitude espiritual, sobretudo para as mulheres.

A pesquisa está apresentada em quatro capítulos. No capítulo I, cujo título é *fundamento bíblico da vida consagrada na Igreja*, procura-se ao longo da Bíblia textos sobre o estado de consagração a Deus, especificamente a castidade consagrada. Tomaremos, em consideração, dois trechos bíblicos: Mt 19,10-12 e 1Cor 7,7.32-35.

A seguir, no capítulo II, *Ordo Virginum: fruto de uma nova primavera na Igreja*, faremos um breve *excursus storico* sobre o *Ordo Virginum*. Inicialmente, observaremos os quatro primeiros séculos do Cristianismo. A Patrística apresenta uma vasta reflexão sobre o tema, mas selecionamos três Padres que fizeram uma reflexão pontual sobre tal assunto. São eles: Santo Ambrósio (339-397), São João Crisóstomo (349-407) e, por último, Santo Agostinho (354-430). O percurso histórico finaliza-se com a obra de renovação do Concílio Vaticano II, na qual a Ordem das Virgens é reavaliada em sua forma original, pública e solene.

Dando continuidade, no capítulo III, intitulado *Sponsa Christi: uma leitura teológica: em 1983*, veremos que o Código de Direito Canônico lhe dedicou o Cânon 604, sobre o qual nos debruçaremos para compreender o contexto, o desenvolvimento e as implicações jurídicas. A seguir, analisaremos o Rito de Consagração das Virgens. Consideraremos especialmente a Solene Oração consecratória, presente no Rito, para desenvolver a teologia desta forma de vida consagrada. Definiremos o *proprium* da consagração vivida no *Ordo Virginum* por meio do aprofundamento do conceito de consagração, nas suas conotações bíblicas, cristológico-trinitárias, antropológicas, eclesiológicas e escatológicas. Oferecemos tais elementos, a fim de compreender a originalidade dessa forma de vida em relação a outras formas de consagração.

Finalizando a dissertação, o IV e último capítulo, *Sponsa Christi: fecundidade e alegria no Senhor*, dá continuidade à exposição anterior, apresentando algumas características típicas da forma de vida específica do *Ordo Virginum*.

Uma vez expostos esses elementos introdutórios, começamos a percorrer o caminho proposto. Como não poderia ser diferente, iniciaremos apresentando a reflexão bíblica sobre a castidade, com o objetivo de buscar nas Sagradas Escrituras a razão e a origem da vida consagrada. Apresentaremos, brevemente, a visão veterotestamentária, para depois nos adentrarmos no Novo Testamento, o qual nos mostra a pessoa de Jesus Cristo como modelo no seguimento. Responde-se, portanto, à indagação sobre o fundamento bíblico da vida consagrada.

1 FUNDAMENTO BÍBLICO DA VIDA CONSAGRADA

Neste capítulo, consideraremos, de modo particular, a visão do Novo Testamento sobre a castidade consagrada, especialmente dois textos: Mt 19,10-12 e 1Cor 7,7.32-35. Observa-se que a castidade, como valor humano e sobrenatural, nasce com o Novo Testamento. Esses dois trechos bíblicos nos mostram o fundamento bíblico da vida consagrada, da qual o *Ordo Virginum* foi a primeira expressão, no que concerne a consagração feminina. A nossa atenção, ao analisar os textos, será dirigida nesse aspecto. Todavia, acreditamos ser oportuno nos adentrarmos na visão veterotestamentária sobre a vida em relação profunda a Deus, relativamente a *insights* ao tema da castidade.

Vale ressaltar que, nesta dissertação, optamos por utilizar, na maioria das vezes e na medida do possível, o termo *castidade* com o objetivo de enfatizar que a escolha da vida casta é o aspecto fundamental para viver a vida consagrada e, também, para fazer parte do *Ordo Virginum*. Isto quer dizer que, mesmo se a integridade física de uma pessoa foi tocada, isto não é um impedimento para que ela faça a escolha pela vida consagrada.

São Tomás de Aquino, na Suma Teológica, explica com muita clareza o valor da castidade:

Deve-se dizer que a pudicícia está, essencialmente, na alma e, materialmente, no corpo, tal como a virgindade. Por essa razão, Agostinho diz que, embora “a virgindade seja conservada na carne”, e seja então corporal, “no entanto, ela é espiritual, porque jurada e conservada pela piedade e pela continência”. (...) Deve-se dizer que a integridade física tem relação acidental com a virgindade, porque a integridade do membro permanece quando alguém, por determinação da vontade, se abstém do prazer sexual. Portanto, se acontecer de alguém, eventualmente, perder a integridade do corpo, de algum outro modo, isso não prejudica a virgindade mais do que o ferimento de uma das mãos ou de um pé. (AQUINO, São Tomás. Suma Teológica. IIª. IIae, q. 152, a. 1)

1.1 A castidade no Antigo Testamento

No Antigo Testamento não encontramos um ensinamento relevante sobre a castidade, mesmo porque não é vista com muita estima. Certamente, é apreciada antes do matrimônio¹ e

¹ Dt 22,13-21: “Se um homem se casa com uma mulher e começa a detestá-la depois de ter tido relações com ela, acusando-a de atos vergonhosos e difamando-a publicamente, dizendo: ‘Casei-me com esta mulher, mas quando me aproximei dela, descobri que não era virgem’, o pai e a mãe da jovem pegarão a prova da virgindade dela e levarão a prova aos anciãos da cidade para que julguem o caso. [...] Se a denúncia for verdadeira, isto é, se não acharem a prova da virgindade da moça, levarão a jovem até à porta da casa de seu pai e os homens da cidade a apedrejarão até que morra, pois ela cometeu uma infâmia em Israel, desonrando a casa do seu pai”.

é condição para alguns tipos de casamento², mas como estado de vida permanente é considerada uma desonra, um castigo divino, tal como a esterilidade.

O AT não conhece absolutamente a virgindade como condição na qual, por motivos religiosos, uma pessoa dedica a vida inteira. A condição de virgindade é apreciada na mulher na perspectiva do matrimônio e da maternidade, que representam os verdadeiros lugares para a sua realização.³

Especialmente enaltecido é o matrimônio junto com a prole numerosa, por isso a castidade é funcional ao futuro matrimônio, ou seja, a mulher é fundamentalmente orientada à procriação e seu valor consiste essencialmente em ser mãe. Portanto, a castidade é vivida e orientada na perspectiva do futuro matrimônio e é, globalmente, nesta linha que se caracteriza todo o AT.⁴

A afirmação acima se compreende facilmente ao recordar o preceito do livro do Gênesis e sua longa história e aplicação em Israel: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a!” (Gn 1,28).

Lemos a indicação mais clara do pouco valor da castidade nas palavras da filha de Jefté que, tendo tomado conhecimento do cruel voto do pai, lhe faz um pedido: “Concede-me somente isto: deixa-me que vá sobre as colinas durante dois meses, para chorar a minha virgindade com as minhas amigas” (Jz 11,37). A condição de castidade se torna, para ela, motivo de pranto, porque deverá morrer assim, sem deixar nenhuma descendência.

Concepção análoga encontramos na fala dos profetas em que chamam o povo de Israel de “a virgem”, para indicar a condição de miséria e de opressão: como a virgem, o povo morre sem deixar uma descendência, condenado a desaparecer.

No mesmo conceito de infortúnio e de maldição, são justificadas as normas que regulam os eunucos, quando se lhes proíbe de oferecer sacrifícios porque foram rebaixados à condição de bastardos e excluídos do povo.⁵ Estes traços negativos não esgotam, porém, a mensagem que o Antigo Testamento nos transmite sobre a castidade. É possível vislumbrar indícios positivos, preparatórios do Novo Testamento.

² Lv 21,10-14: “O sumo sacerdote, escolhido entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi derramado o óleo da unção e foi consagrado com a investidura das vestes sagradas, [...] ele tomará por esposa uma virgem; não se casará com viúva ou com mulher repudiada, desonrada ou prostituta, mas se casará com uma virgem do seu povo, para não profanar seus filhos no meio do povo”.

³ PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. *Temí Teologici della Bibbia*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2010. p.1495, tradução nossa.

⁴ DE LORENZI Lorenzo, Verginità. In ROSSANO P.; RAVASI G.; GIRLANDA A. (a cura di) *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1988. p. 1640, tradução nossa.

⁵ Dt 23,3: “Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem sua décima geração não entrará na assembleia do Senhor”.

A relação entre a continência sexual e o culto já é uma primeira indicação de um certo valor positivo da castidade, interpretada como separação do profano e como presença de santidade. Vê-se um exemplo disso em 1Sm 21,5, no qual se coloca a condição de que os jovens evitem “o contato com mulheres” para que Aquimelec, sacerdote de Nob, conceda os “pães sagrados”, ou seja, os pães da apresentação que acabavam de ser retirados da presença do Senhor, a Davi e seus companheiros.

Um caso análogo diz respeito à expedição militar de uma guerra.⁶ Estar continente era algo importante durante as atividades bélicas, pois para Israel as guerras são santas, como santa é a terra e sagrado é o povo. Portanto, as guerras são do Senhor⁷ e se assemelham a algo de litúrgico, de cultural e de sagrado.

O mesmo sentido de continência encontramos no livro do Êxodo.⁸ Antes de legitimar a aliança e proclamar a lei, Moisés ordena ao povo de se purificar por três dias com a continência temporária.

Nesses três casos, não se encontra somente um purismo ritual, mas podemos constatar que a continência temporária é considerada como uma forma de santificação.

De fato, na Bíblia o relacionamento matrimonial nunca é considerado como um ato de impureza, por isto é importante destacar o vocabulário utilizado: não se fala de “puro” ou “não contaminado” (*tahôr*), mas sim de “santo” (*qadôš*), cujo contrário não é “impuro” ou “contaminado” (*tame'*), mas “profano” (*hol*).⁹

O termo *pureza* é, em certo sentido, negativo porque expressa somente a ausência de mancha ou contaminação, enquanto *santidade* é uma qualidade completamente positiva, já que emprega na pessoa o que é característico de Deus (Deus é santo por definição) e a separa de qualquer outro sujeito ou objeto que é *comum* ou *profano*.

“O Senhor falou a Moisés: Fala a toda a comunidade dos israelitas e dize-lhes: Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,1). Ser santificado, portanto, significa participar, de alguma forma, da esfera do divino e é a continência temporária, antes do culto, que torna o ser humano participante do divino.

⁶ O caso de Urias, o heteu em 2Sm 11,8-13.

⁷ Nm 21,14: “Por isso se diz no livro das guerras dos Senhor”.

⁸ Ex 19,15: “Moisés desceu da montanha até onde estava o povo. Ele os santificou, e eles lavaram suas vestes. Depois disse ao povo: ‘Ficai prontos para o terceiro dia, e não vos achegueis a mulher’”.

⁹ DE LORENZI, 1988, p. 1642, tradução nossa.

Uma confirmação eloquente temos na prescrição para a ordenação sacerdotal de Aarão e de seus filhos, na qual, mesmo se não expressamente citada, a continência temporária é certamente subjacente.¹⁰

Em tempos já do Novo Testamento, nos escritos rabínicos, lemos que, segundo uma escola, as relações conjugais aos sábados eram proibidas, pois é um tempo reservado para Deus e, sendo assim, tempo “sagrado”. O sábado não pode ser considerado como os outros dias, de fato a procriação é um comando divino, mas de ordem comum e, neste sentido, atividade “profana”.

Analogamente, para Moisés, com o objetivo de salientar a “santidade” de sua missão e a constante presença de Deus com ele, acredita-se que, depois da visão da sarça ardente, ele não teve mais relações conjugais. Desde então, ele é totalmente e para sempre “consagrado” ao único escopo da sua vida, que é a missão que o Senhor lhe confiou.

Entre os profetas, parece que a Escritura leva a acreditar que Elias e Eliseu viveram no celibato, mesmo se não é formalmente atestado. O caso do chamado de Jeremias é explícito sobre o comando de Deus para viver o celibato.

Esta conotação negativa do celibato é confirmada pelo celibato que foi pedido a Jeremias como sinal profético (Jr 16,1-13). Para anunciar a deportação e o exílio que Deus fará viver o povo pecador (Jr 16,10-13), para representar ao vivo a distância que Deus toma a respeito do seu povo, o profeta é convidado a permanecer celibatário: “Não tomes mulher, nem tenhas filhos ou filhas neste lugar” (Jr 16,2). A própria vida de Jeremias se torna anúncio da desolação e do abandono que o povo irá sofrer. Não somente oráculos ou gestos proféticos anunciarão a vontade de Deus, mas a própria vida do profeta, marcada pela solidão celibatária, será sinal de morte para a qual o povo está indo ao encontro. Portanto, o celibato é assumido como um símbolo de morte, como símbolo negativo da situação infeliz que o povo conhecerá. Assumindo esta condição de infecundidade, o profeta expressa o distanciamento da bênção para o povo e manifesta o julgamento de Deus sobre o povo. Ao mesmo tempo, como o símbolo nupcial expressa o amor e a aliança entre Deus e o povo, assim o símbolo do celibato expressa maldição e ruptura da aliança. Torna-se, isto é, sinal que anuncia uma palavra de Deus. Adquire significado profético.¹¹

A partir das considerações feitas acima, é possível afirmar que, excluindo alguma exceção, a visão do Antigo Testamento em relação à castidade é basicamente negativa, enquanto é fundamental a procriação, a perpetuação da estirpe e a conservação do nome da família.

¹⁰ Lv 8,33-35: “Durante sete dias, não saireis da entrada da Tenda do Encontro, até se completarem os dias da vossa investidura, pois vossa investidura requererá sete dias. Assim como se fez hoje, o Senhor ordenou que fosse feita a expiação por vós. Durante sete dias, dia e noite, ficareis à entrada da Tenda do Encontro, e guardareis o que o Senhor mandou, para não morrerdes. Assim é que me foi ordenado”.

¹¹ PENNA; PEREGO; RAVASI, 2010, p. 1497, tradução nossa.

A castidade como valor humano e também sobrenatural surge com o Novo Testamento, marcando o início dos tempos novos. O Verbo encarnado indica a castidade como resposta à presença do Reino de Deus na terra, assim como ao matrimônio cabe apontar o mistério das núpcias entre Cristo e sua Igreja, conforme encontramos na explicação de Paulo na Carta aos Efésios (5,31).

Foi Jesus, que permaneceu virgem como João Batista e Maria, quem revelou plenamente o sentido e o caráter sobrenatural da virgindade. Esta não é um preceito (1Cor 7,25) e sim um apelo pessoal de Deus, um carisma (7,7). Além dos eunucos que nasceram tais do seio materno e dos que tais se tornaram pela ação dos homens, há também os que tais se fizeram em vista do “Reino dos céus” (Mt 19,12). Só o Reino dos céus justifica a virgindade cristã; só compreendem essa linguagem aqueles aos quais isso é concedido (19,11).¹²

1.2 A castidade no Novo Testamento

Os evangelhos não afirmam nada, em modo direto, sobre a castidade de Jesus. No entanto, o silêncio dos evangelistas deve ser interpretado como uma afirmação da sua condição de celibatário, não o contrário. Uma confirmação disso pode vir da constatação que encontramos nos escritos neotestamentários em que, mesmo citando frequentemente a presença dos familiares de Jesus, não se encontra nenhuma alusão a uma esposa ou filhos.

Ele aparece como um pregador itinerante que, livre de qualquer laço, na urgência do Reino agora presente, anuncia em todos os lugares o advento dos tempos esperados e convida à fé e à conversão.

Vendo uma grande multidão ao seu redor, Jesus deu ordem de passar para a outra margem do lago. Nisso, um escriba aproximou-se e disse: “Mestre, eu te seguirei aonde fores”. Jesus lhe respondeu: “As raposas têm tocas e os pássaros do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. (Mt 8,18-20)

Trata-se de uma existência totalmente consagrada ao serviço do Reino de Deus. Jesus não é um asceta isolado, mas um homem que conhece a vida de um vilarejo, um rabi que vive as alegrias da amizade e da companhia.

Analisaremos, mesmo se brevemente, dois trechos do Novo Testamento que nos indicam o pensamento de Jesus e da Igreja nascente sobre a castidade.

¹² LÉON-DUFOUR *et al* (Orgs.). Virgindade. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 1090.

A razão do celibato é de natureza essencialmente escatológica, indicando a presença do Reino de Deus, na Pessoa de Jesus Cristo. A vida casta nasce com base na novidade da presença do Reino na história. O Reino não é simplesmente o objetivo final, mas a razão radical e constitutiva que dá origem, determina e modela internamente a escolha dos discípulos. E, desde o momento em que o Reino de Deus se identifica com Jesus, com a sua pregação e suas obras, a motivação assume um caráter notoriamente cristológico.

O fundamento evangélico da vida consagrada há de ser procurado naquela relação especial que Jesus, durante a sua existência terrena, estabeleceu com alguns dos seus discípulos, convidando-os não só a acolherem o Reino de Deus na sua vida, mas também a colocarem a própria existência ao serviço desta causa, deixando tudo e imitando mais de perto a sua forma de vida. (VC, n. 14)

1.2.1 No evangelho de Mateus

O primeiro texto bíblico que escolhemos, encontra-se no capítulo 19 do Evangelho segundo Mateus. A tradição eclesial desde o segundo século atribui o “primeiro” evangelho a Mateus (em hebraico *Matthai*, abreviação de *Matthanaja*, que significa *dom de Deus*). Ele é identificado como sendo Levi descrito em Mc 2,14 e Lc 5,27-29 e o homem sentado no posto de arrecadação (Mt 9,9), que Jesus chamou para segui-Lo, mencionado unanimemente nos elencos apostólicos.

A finalidade de Mateus é demonstrar que Jesus de Nazaré é realmente o Messias anunciado pelo Antigo Testamento e ansiosamente esperado pelos judeus. Em troca, é fortemente acentuada a culpa deles e, em particular, de seus chefes, que não acreditam no Messias e o colocam na cruz.

O contexto no qual estamos é explicitado claramente no primeiro versículo do capítulo 19: “Depois que concluiu essas palavras, Jesus deixou a Galileia e foi para a região da Judeia, do outro lado do Jordão”. Esta indicação geográfica é muito importante porque determina o ponto de vista com o qual será lido e interpretado os próximos capítulos do texto mateano. Trata-se, de fato, de um caminho rumo à paixão, morte e ressurreição de Jesus, que leva ao cumprimento da sua missão redentora. Portanto, não é uma meta geográfica, mas sim teológica, constituindo, assim, o vértice da história da salvação que está para se realizar.

Jesus deixa a Galileia e se encaminha para a Judeia. É uma passagem de lugar, mas ainda mais de existência. Conclui-se um ciclo, ou seja, a missão na Galileia, caracterizada pelo anúncio do Reino, pela pregação à multidão, pela realização de sinais prodigiosos pela era messiânica, pelo ensinamento aos discípulos e pela aversão dos fariseus e dos mestres da Lei. Inicia-se um novo capítulo da vida de Cristo, o

último. A conclusão acontecerá em Jerusalém com a trágica morte e a gloriosa ressurreição. As etapas mais importantes deste novo ciclo são os contrastes sempre mais violentos com os adversários, que alcançarão o seu vértice nas duras controvérsias ocorridas na cidade santa e resultando no discurso anti-farisaico do capítulo 23, no discurso sobre as realidades finais (cc. 24-25), na paixão e a morte (cc. 26-27), na ressurreição (c. 28). No capítulo 10 de Marcos havia uma unidade de caráter temático referente à vida doméstica desenvolvida em três subtemas: o matrimônio, as crianças, os bens. O interesse catequético da igreja justifica a formação. No capítulo 19, Mateus segue esta ordem do segundo evangelho, mas insere um pequeno trecho sobre o celibato (vv. 10-12), que associa ao motivo do matrimônio.¹³

O capítulo 19, como também o capítulo seguinte, Mateus o reservou para a sua comunidade, indicando-lhe a via da perfeição (cap. 19) e da humildade no serviço (cap. 20), que têm sua justificativa e seu parâmetro de comparação em Jesus, que oferece sua vida até a morte de cruz. A reflexão que se desenvolve nestes capítulos é muito profunda, seja em nível moral como também espiritual, e parece ser um forte estímulo ao crescimento do Reino, além de uma espécie de testamento espiritual, que Mateus quer deixar a sua comunidade.

Passamos, então, à análise do trecho que abordaremos. Tomaremos em consideração os três versículos que falam explicitamente sobre a virgindade ou castidade cristã. O trecho que segue é um complemento ao que Jesus afirmou nos primeiros do capítulo 19, respondendo à pergunta provocatória dos fariseus sobre a liceidade do repúdio da mulher. Jesus responde não se remetendo a mestres ou a escolas judaicas, mas ao desígnio de Deus, anunciado pelos profetas.

Naquele tempo o princípio do divórcio era admitido pacificamente, aceito em toda a tradição bíblica do AT e codificado na lei mosaica. Ao invés, era discutida a questão dos motivos que legitimavam a prática divorcista. Duas escolas rabínicas estavam em conflito, uma rigorista, que se remetia à autoridade do rabi Shammai, que aceitava como única causa o adultério da mulher; a outra laxista sob a jurisdição do rabi Hillel, que aceitava um motivo qualquer, até pouco sério.¹⁴

Em seguida, diante de uma afirmação ainda que perplexa dos discípulos, Jesus fala sobre o chamado a “se fazer eunucos por causa do Reino dos Céus”.

Os discípulos disseram-lhe: “Se tal é a condição do homem em relação à mulher, é melhor não se casar”. Ele respondeu: “Nem todos são capazes de entender essa palavra, mas só aqueles a quem foi dado. Com efeito, há eunucos que nasceram assim do ventre da mãe, e há os que foram feitos eunucos por mão humana, e há os que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem puder entender, entenda”. (Mt 19, 10-12)

¹³ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *I Vangeli*. Assisi: Citadella, 1978. p. 419, tradução nossa.

¹⁴ BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI, 1978, p. 422, tradução nossa.

Como sabemos, é característica do judaísmo uma consideração extremamente alta do matrimônio. Uma exceção era constituída pela seita dos essênios, de tipo monacal, cuja doutrina e prática apresentam alguns elementos incomuns ao judaísmo tradicional. Ao invés, segundo a opinião dominante, o matrimônio era para o homem (mas não para a mulher) um dever religioso. O celibato ainda era considerado como uma desobediência ao mais antigo de todos os mandamentos de Deus: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28). Mas, se o laço do homem no matrimônio é assim tão severo como emerge das palavras de Jesus, então, é melhor não se casar, porque somente assim se foge do sofrimento que pode ocorrer assumindo uma união indissolúvel. Esta é a conclusão dos discípulos.

O adjetivo *eunuchos* (εὐνοῦχος) há, evidentemente, um duplice significado físico ou fisiológico e metafórico. O eunuco pode ser aquele que não tem capacidade generativa, o castrado, como também aquele que renuncia espontaneamente a tal exigência, o celibatário.

Com toda a probabilidade, a expressão de Jesus, presente somente no primeiro evangelho, retoma o termo pejorativo e ofensivo “eunuco” com o qual eram injuriados o próprio Jesus (que era também difamado como um “comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores” Mt 11,19) e alguns dos seus seguidores, para mudar em positivo a negatividade do atributo. Se há homens que, desde o nascimento são impotentes para realizar o ato sexual por impedimentos físicos ou psíquicos, e se há homens que, por causa da castração, tornaram-se incapazes de gerar, há outros homens que, livremente e por amor, por causa do Reino de Deus, se abstêm do matrimônio e da capacidade de gerar. Que a expressão não seja entendida no sentido literal, mas metafórico, como abstenção do matrimônio, emerge do fato de que Jesus está respondendo à pergunta sobre a conveniência ou não do matrimônio (Mt 19,10). Jesus (e há boas probabilidades de que a expressão seja mesmo de Jesus) abre assim a possibilidade, no espaço do seguimento cristão, do celibato a motivo do Reino. Ou seja, um celibato que tem o Reino como fomento, causa e fundamento. O celibato do discípulo é, portanto, realidade relativa ao Reino, há valor de sinal em referência ao Reino, isto é, ao evangelho (Mc 10,29; Mt 4,23; 9,35; 24,14), a Cristo (Mc 8,35; Mt 16,25; Lc 9,24). É, portanto, realidade profética e escatológica, não funcional. A possibilidade do celibato aberta por Jesus é um dom que é chamado a “criar espaço” (*chōréō*: Mt 19,11-12, normalmente traduzido com “compreender”) no discípulo que o acolhe como própria verdade pessoal. Não uma obrigação, não uma prescrição reservada a alguns “perfeitos”, mas um dom que pode se abrir a quem reconhece naquela forma de seguimento a própria resposta autêntica às exigências evangélicas. Trata-se de uma condição que exige, para ser vivida, uma intensa relação com o Senhor, na oração, mas também na vida de relação no espaço comunitário e fraterno, e na missão para qual o discípulo é enviado. Ou seja, a trílice relação com Deus, com os irmãos da comunidade cristã e com os homens e mulheres todos.¹⁵

O termo *eunuchos* (εὐνοῦχος) é duro, não somente para nossos ouvidos, mas também para aqueles dos interlocutores de Jesus. A palavra tinha, geralmente, uma conotação ofensiva.

¹⁵ BIANCHI, Enzo. Verginità e Celibato. PENNA, Romano. PEREGO, Giacomo. RAVASI, Gianfranco (a cura di). *Temî Teologîci della Bibbia*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2010. p.1501, tradução nossa.

De acordo com diversos exegetas, não é para se excluir que o uso deste termo na boca de Jesus seja devido ao fato de que os adversários o haviam acusado de ser “um eunuco (εὐνοῦχο)”, pois não tinha uma esposa. Em tal hipótese, temos uma ulterior confirmação de seu celibato. Respondendo à objeção tipicamente judaica de Pedro (v. 10), Jesus retoma a acusação dos adversários fazendo-a sua e aproveita para explicar, fazendo referência a uma *eunuchia* absolutamente nova, para compreender como um dom particular concedido por Deus àqueles que são chamados (v. 11).

A expressão “*mas só aqueles a quem foi dado*” (*dédotai*), gramaticalmente, é “um passivo divino”, utilizado para evitar de pronunciar diretamente o nome de Deus, e significa: “*aqueles a quem foi dado*”. As motivações dessa escolha não podem ser de caráter humano ou físico, social ou cultural, mas somente de ordem teológica.

O conteúdo teológico da motivação é dado pela categoria “Reino de Deus”: o “*por causa*” supõe um significado de determinação causativa: “por motivo de”, “por causa de”. A castidade para o Reino, de fato, não deriva da capacidade do ser humano ou de argumentações de ordem simplesmente racional ou humano, mas somente do chamado de Deus “*aqueles a quem foi dado*” é exclusivamente dom de Deus.

Jesus não elaborou a respectiva teoria, mas adotou por própria conta um comportamento particular e endereçou aos homens um apelo. Com efeito, Jesus não viveu como os rabis judaicos que pelo costume deviam ser casados. A provável prática do celibato entre os essênios (Qumran) talvez contribuiu para excluir reações de estranheza ou escândalo pela situação de Jesus neste ponto. Mas em Jesus não se trata dum ascetismo hostil à mulher. Compreendemos qual a sua motivação nas seguintes palavras que constituem uma velada confidência: “Há eunucos que se fizeram tais em vista do Reino dos céus” (Mt 19,12). Essa declaração é um convite para “os que a podem compreender”; (...). Um tal programa de vida só se compreende em função duma realidade nova, que se revela em Jesus: a vinda do Reino de Deus, no qual se entra “seguindo-o”. O acesso a esta nova ordem de coisas pode convidar a ir além do mandamento da criação, dando um sentido à continência voluntária.¹⁶

A linguagem é forte e a frase é, talvez, a resposta a uma acusação ou a um insulto feito pelos “adversários” contra Jesus, que não era casado, e contra os discípulos, que o seguiam sem carregar consigo as esposas: “*vocês são todos eunucos!*”.

Jesus responde usando, sem constrangimento, aquele termo infame, confirmando, desta forma, o fato de não ser casado e demonstrando sua liberdade em relação à tradição judaica que exigia o matrimônio aos mestres da Lei.

¹⁶ LÉON-DUFOUR, SEXUALIDADE, 1972a, p. 971.

A castidade dele não era uma situação meramente fisiológica ou civil e nem mesmo ascética. Era uma escolha de dedicação absoluta ao Reino de Deus.

Esta motivação: “por causa do Reino” exige algumas explicações. O Reino de Deus, nos evangelhos sinóticos, é a situação nova de salvação inaugurada com a vinda e com a pregação de Jesus. A decisão de viver como eunucos (de não contrair matrimônio) é associada a esta nova situação: o Reino. É necessário traduzir “por causa do Reino” porque a sua realidade abre novas perspectivas e oferece novas possibilidades? Ou “em perspectiva do Reino” com o objetivo de participar plenamente dele e de servi-lo melhor? A palavra grega *dia* permite ambos os significados; mas o primeiro parece ser o mais apropriado ao contexto. É a presença do Reino que explica o fato de não se casar e a sua possibilidade. Considerada a característica violenta da imagem, a estrutura semítica da declaração (gênero de provérbio numérico) e a estranheza e a novidade do ensinamento proposto, pode-se deduzir que se trate, essencialmente, de uma frase que é do próprio Jesus, e não uma criação da comunidade. Resta agora colocá-la, possivelmente, no seu contexto originário. Além de considerá-la como uma profecia que anuncia o celibato cristão que, de fato, é praticado desde o início do cristianismo, temos necessariamente que supor um seu enraizamento na vida e no ensinamento do próprio Jesus.¹⁷

A tríplice distinção ilustra essa concepção da castidade cristã. Começa-se pelos impotentes sexuais por disfunções genéticas e se passa através da evocação dos “castrados”, que no antigo Oriente eram uma verdadeira e própria categoria de funcionários. Por fim, chega-se à escolha pessoal e livre da abstinência que não é simplesmente abstenção dos atos sexuais ou do matrimônio, mas uma opção positiva para um compromisso ideal religioso e caritativo.

No livro do Apocalipse lemos:

Estes são os que não se contaminaram com a prostituição, pois são virgens. Eles seguem o Cordeiro aonde quer que vá. Foram resgatados do meio da humanidade, como primícias, para Deus e para o Cordeiro. Em sua boca, não foi encontrada mentira. São íntegros! (Ap 14,4-5).

Talvez aqui encontra-se a alusão à virgem esposa do Cordeiro que é a Igreja. É evidente que não se propõe uma autocastração, como pode acontecer em caso de interpretação literalista da antiguidade. O conceito subjacente à brutalidade do termo *eunuchos* (εὐνοῦχος) é, ao invés, positivo e fala de consagração total do ser e do amor a um ideal e a uma missão.

No reino de Deus, que Jesus inaugurou, duas são as condições de vida dos fiéis, aquela da união matrimonial indissolúvel e aquela do carisma da pessoa virgem. A segunda se destaca em relação à primeira. E o evangelista conclui exortando a sua comunidade para que saiba apreciar a grandeza do carisma da virgindade: “Quem puder entender, entenda!”¹⁸

¹⁷ MATURA, Thadée. *Il radicalismo evangelico alle origini della vita Cristiana*. Roma: Borla, 1981. p. 74, tradução nossa.

¹⁸ BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI, 1978, p. 427, tradução nossa.

Com esta resposta de Jesus que o evangelista Mateus nos reporta, vemos, assim, enunciada a novidade mais surpreendente que caracteriza a vida cristã. É esse o fundamento evangélico daquela que hoje chamamos de “vida consagrada”, da qual o *Ordo Virginum* é a expressão germinal (pelo menos no que diz respeito às mulheres).

Nasce, deste modo, um segundo estado de vida no mundo e o trecho do Evangelho de Mateus é a “*magna charta*”. De fato, não existia, antes de Jesus, uma condição de vida comparável a esta instituída por Ele. Os essênios de Qumran conheciam e praticavam eles também uma forma de celibato, mas isto tinha, para eles, uma conotação ascética, de renúncia e purificação, mais do que uma conotação escatológica. Não era motivada pela vinda do Reino, mas sim pela sua espera. Não podia, de resto, que ser assim. Só a presença do Reino na terra podia instituir esta segunda possibilidade de vida que é o celibato para o Reino.¹⁹

1.2.2 Na comunidade paulina

A primeira carta aos Coríntios testemunha a castidade para o Reino de Deus como um dom do Espírito, paralelamente ao do matrimônio, e a apresenta como uma escolha que antecipa os tempos futuros, oferecendo indicações fundamentais sobre os conteúdos de ordem teológico, cristológico, pneumatológico, eclesiológico e escatológico.

Paulo escreve à comunidade cristã de Corinto, uma vez que é “chamado a ser apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus”, encarregado de proclamar o Evangelho (1Cor 1,1; 9,1.17-18). Ele, com toda razão, se considera o fundador e o pai da igreja coríntia, a qual, portanto, é também a marca da sua função de apóstolo. Com base nesta influente função, ele intervém com a sua carta para esclarecer equívocos, aprofundar ou decidir questões abertas, sugerir atitudes e estabelecer normas de comportamento. Em outras palavras, poder-se-ia chamar o nosso escrito de “carta apostólica”, no sentido paulino do termo “apóstolo”, ou seja, de alguém chamado por Deus para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo como fundamento da fé para chegar à salvação.²⁰

Paulo evangelizou Corinto, a capital da Acaia, portanto, uma das principais cidades da Ásia menor.

Mencionada por seis vezes nos textos do NT – quatro vezes no epistolário paulino e duas nos Atos dos Apóstolos – a cidade de Corinto é um dos principais pilares na estratégia missionária de Paulo. Aquela que o Apóstolo vê e visita diversas vezes nas suas viagens por terra ou por mar é a *Nea-Korinthos*, fundada novamente por Júlio César no ano de 44 a.C., com o título de *Colonia Laus Iulia Corinthiensis*. (...). Em outras palavras, a cidade de Corinto controla não somente o tráfego comercial que passa através do Istmo, mas também aquele marítimo que provém da Ásia – Éfeso –

¹⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *Verginità*. Milano: Ancora, 1988. p.17, tradução nossa.

²⁰ FABRIS, Rinaldo. *Prima lettera ai Corinzi*. Milano: Paoline, 1999. p. 14, tradução nossa.

e do Oriente rumo à Itália e vice-versa. Com razão, à cidade de Corinto é atribuído e conservado o velho título de *aphneios*, “opulenta”.²¹

Entre todas as comunidades cristãs fundadas por Paulo, a Igreja de Corinto ou, como expressa o apóstolo, “a Igreja de Deus que está em Corinto” (1Cor 1,2) representava a marca do seu apostolado. Motivo de consolação, era ao mesmo tempo causa de contínuas preocupações e de atenções vigilantes. A pregação de Paulo encontrou terreno fértil sobretudo entre as camadas mais modestas da população (1Cor 1,26-28), provenientes principalmente do mundo pagão.

A carta de Paulo à igreja de Corinto é concebida como uma resposta aos problemas que a própria comunidade lhe apresentou por meio de um escrito que chegou até ele por meio de uma delegação (1Cor 7,1; 16,17-18). A esta fonte de informações, se acrescentam outras de caráter mais informal favorecidas pelas conversas entre a comunidade coríntia, o Apóstolo e os seus colaboradores (1Cor 4,17.19; 16,5-6.19-21). Paulo tomou conhecimento de que havia divisões e discussões entre os diferentes grupos eclesiais, que acontecem casos de imoralidade intolerável, que se verificam discriminações quando se reúnem para a ceia do Senhor (1Cor 1,11; 5,1; 11,17-18). Para dar uma resposta aos interrogativos dos coríntios e motivar as suas disposições práticas, o Apóstolo recorre ao conteúdo essencial do Evangelho que ele proclamou aos Coríntios e sobre o qual se fundamenta a fé cristã da comunidade (1Cor 15,1-11). Trata-se do *kērygma* que Paulo recebeu da respeitada tradição da primeira Igreja, junto com outros elementos como a celebração da ceia do Senhor e alguns princípios éticos e normas disciplinares (1Cor 7,10; 11,2.16.23-25; 14,36-37).²²

O anúncio da fé em Cristo gerou sinais de grande renovação, mas persistia a tentação do antigo espírito pagão com miscigenações culturais e éticas. O encontro da “jovem fé” com as correntes do pensamento e as diversas religiões de Corinto, o impacto com a corrupção moral e com o relaxamento dos costumes da cidade colocavam os numerosos neófitos numa situação em que era necessário um acompanhamento mais constante por parte de Paulo.

A igreja de Corinto formada por vários grupos de pequena dimensão, e também por pessoas pertencentes a diversos estratos socioculturais, está buscando o próprio equilíbrio interno. Os relacionamentos com o ambiente externo também criam problemas. A igreja coríntia vive em uma grande metrópole, onde estão na moda o sincretismo religioso e o pluralismo ético. Se por um lado não há conflitos com o ambiente, por outro há o risco da perda de identidade ou de assimilação. Para responder a esta série de interrogativos e problemas, alguns explícitos, outros implícitos, Paulo escreve a sua carta que é ao mesmo tempo um documento do seu método de trabalho e um espelho da vida de uma igreja paulina em seu estado nascente.²³

²¹ FABRIS, 1999, p. 23-24, tradução nossa.

²² FABRIS, 1999, p. 18-19, tradução nossa.

²³ FABRIS, 1999, p. 30, tradução nossa.

A intenção do Apóstolo não é oferecer um texto de caráter sistemático. Ele responde aos diversos assuntos concretos dos quais teve conhecimento e às perguntas que lhe fizeram, com a única preocupação de evangelizar e recolocar ordem na comunidade de Corinto.

No entanto, a carta não está desprovida de uma organicidade estrutural. Nela é possível distinguir, além do preâmbulo que contém a introdução e os agradecimentos (1,1-9) e as recomendações e saudações finais (16), duas partes essenciais: na primeira, enfrenta o problema das divisões e dos escândalos (1-6); na segunda, ele responde às questões que lhe foram feitas, além de dar algumas orientações disciplinares a serem seguidas (7-15).

O texto da primeira Carta aos Coríntios é apresentado em sete antigos papiros do NT, entre os quais se destacam o papiro 46, com origem no III século – que traz quase por completo o texto de 1Cor – e o papiro 15, também do III século que, porém, tem somente uma pequena seção (1Cor 7,18-8,4). Entre os numerosos códigos maiúsculos gregos, devem ser mencionados dois do IV século, o Sinaítico e o Vaticano, e um do V século, o Alexandrino. Estes manuscritos reproduzem o texto integral da primeira Carta aos Coríntios. Ao testemunho dos primeiros manuscritos, precisa ser acrescentado o testemunho dos escritores e comentadores antigos que citam o texto da carta paulina. Inácio de Antioquia na sua Carta aos Efésios – primeira década do II século – por duas vezes remete ao texto de 1Cor. Com base nesta documentação, é possível estabelecer um texto grego criticamente seguro.²⁴

Uma das mensagens da epístola paulina é que somente o Senhor Jesus é a única rocha sobre a qual está construída a existência dos batizados. Sendo assim, presumir-se de colocar outros fundamentos significa construir em modo inconsistente e instável, com o risco de graves consequências. Não há outro fundamento autêntico.

O capítulo 7 da primeira carta aos Coríntios é o nosso ponto de referência neste presente estudo. Faremos referência a alguns versículos do já citado capítulo.

Paulo compara matrimônio e virgindade como duas legítimas possibilidades para o fiel, seja homem, seja mulher. Não coloca nenhuma assimetria entre os gêneros, ambos estão em posição de perfeita paridade na vida conjugal como naquela celibatária. Exorta cada um a viver “na condição que o Senhor lhe atribuiu, e na qual Deus o chamou” (1Cor 1,17). (...) A virgindade, ao invés, expressa já na história a novidade do Reino; permite viver para o Senhor, de servi-Lo com o coração indiviso numa dedicação total, sem distrações. Não faltam, certamente, neste tipo de vida as tribulações e as fadigas. Ele mesmo é testemunha de uma existência conturbada, mas os numerosos e imprevisíveis sofrimentos aos quais é constantemente submetido, também estão ligados à cena deste mundo, são relativos ao Reino, antecipam a vida pascal feita de morte e de ressurreição (2Cor 4,10-5,10; 11,22-29). Paulo, o celibatário, é um homem apaixonado por Cristo e, portanto, tem o coração aberto para

²⁴ FABRIS, 1999, p. 22, tradução nossa.

todos, capaz de assumir os pesos de todos os irmãos, também aqueles que criam obstáculos ao seu ministério.²⁵

O capítulo 7 de 1Cor não representa um tratado sistemático sobre o matrimônio e a castidade. Efetivamente é uma resposta – quase ponto por ponto – às perguntas que foram feitas ao apóstolo. Primeiramente, Paulo fala de questões sobre a condição das pessoas casadas e sobre o matrimônio entre cristãos e pagãos. Logo após, Paulo explica sobre a condição das pessoas não-casadas, entre as quais particularmente as virgens, os namorados e as viúvas. A subdivisão não é rigorosa, a virgindade é por vezes nomeada a propósito do matrimônio e vice-versa. No entanto, a perspectiva de fundo é comum: a urgência escatológica que envolve o mundo e a existência cristã, qualquer que seja a situação de vida dos batizados, matrimonial ou virginal.

Paulo, respondendo às questões dos cristãos de Corinto, não faz um tratado sobre o matrimônio, nem expõe em modo sistemático os princípios e normas do matrimônio cristão. Ele analisa as diversas situações, as confronta com um projeto ideal, avalia o pró e o contra e retira daí as consequências para a escolha do estado de vida. Os critérios para avaliar e escolher são o chamado de Deus e a relação com o Senhor. Sobre eles se baseiam a paz e a liberdade dos cristãos, que correspondem aos valores do bem, da dignidade e do equilíbrio. Paulo, diante dos problemas vitais dos cristãos de Corinto, responde em modo pacato e confortador.²⁶

Segue a citação:

Aliás, gostaria de que todos fossem como eu. Mas cada um recebe de Deus um dom particular: um, de um modo; outro, de outro. (...) Eu gostaria de que estivésseis livres de preocupações. O homem não-casado preocupa-se com as coisas do Senhor e como agradar ao Senhor. O casado preocupa-se com as coisas do mundo e procura agradar à mulher. E, assim, fica dividido. Do mesmo modo, a mulher não-casada e a virgem preocupam-se com as coisas do Senhor e procuram ser santas de corpo e espírito. A mulher casada, porém, preocupa-se com as coisas do mundo e como agradar ao marido. Digo isso para o vosso próprio bem e não para vos armar um laço, mas para que vivais de modo honesto e sirvais constantemente ao Senhor sem distrações. (1Cor 7,7.32-35)

Ao exortar os cristãos a se casar para evitar a imoralidade sexual, Paulo dá, à primeira vista, a impressão de ter uma concepção extremamente redutiva do matrimônio, quase como se fosse um simples remédio para a incontinência sexual. Na realidade, ele assumia uma clara posição contra o grupo de ascetas de Corinto que rejeitava a sexualidade e convidavam,

²⁵ FARINA, Marcella. Verginità. Centro Internazionale Vocazionale Rogate (a cura di). *Dizionario di Pastorale Vocazionale*. Roma: Rogate, 2002. p. 1250, tradução nossa.

²⁶ FABRIS, 1999, p. 95, tradução nossa.

consequentemente, os casais cristãos a não ter relações sexuais. Afirma, portanto, sem rodeios, que o matrimônio implica uma total e recíproca doação, e que a abstenção dos relacionamentos conjugais em comum acordo pode ser uma coisa boa, mas temporariamente.

Afirma também que Deus concede aos fiéis um particular dom espiritual seja para o matrimônio como para a virgindade. Enquanto os ascetas de Corinto exaltavam o celibato anulando o matrimônio, Paulo exalta a sua escolha celibatária sem anular nem diminuir o grande valor religioso do matrimônio, definido implicitamente, como a mesma escolha virginal, ou seja, “dom de Deus”.

A preferência paulina pela condição celibatária não impede Paulo de identificar seja o celibato que o matrimônio como carismas, dom de Deus. Se celibato é *chárisma*, o é também o matrimônio: “Gostaria que todos fossem como eu. Mas cada um recebe de Deus um dom particular: um, de um modo; outro, de outro” (1Cor 7,7). O discurso sobre a virgindade (1Cor 7,25-38) se dirige a jovens namoradas, noivas e aos respectivos namorados e noivos. Paulo sugere a solução, preferida por ele (permanecer sem se casar), mas sem obrigar e fundamentando o seu conselho na “necessidade presente” (1Cor 7,26), expressão que sintetiza a mensagem escatológica evangélica e que coloca o tempo presente sob o sinal do fim iminente, da vinda do Senhor na glória, e sobre a vontade de evitar as “tribulações na carne” ligadas ao estado matrimonial. Duas são, portanto, as motivações fundamentais que emergem do texto de 1Cor 7 acerca do estado celibatário. Em primeiro lugar, um motivo “escatológico”: “A necessidade presente” (1Cor 7,26); “O tempo oportuno abreviou-se” (1Cor 7,29); “Pois passa a figura deste mundo” (1Cor 7,31). Depois, um motivo “espiritual” e “cristológico” inerente a assiduidade com o Senhor: Paulo não somente quer evitar as tribulações na carne a quem já deve enfrentar as tribulações e os sofrimentos da era escatológica, mas quer dirigir ao Senhor a preocupação do fiel orientando para uma relação com o Senhor sem *divisões e sem distrações*. Em síntese: Paulo não somente não mostra desprezo pelo matrimônio, mas o defende diante de um ascetismo rigoroso inimigo da corporeidade. A sua preferência pelo estado celibatário não é absolutamente devida a motivos ascéticos ou morais, mas por motivos inerentes à novidade cristã, que é novidade cristológica e escatológica, que torna possível e praticável um estado de vida particular como sinal do Reino que está por vir.²⁷

Nos versículos de 32 a 35, vemos que o paradigma de fundo é sempre o ato de liberdade interior, solicitado aos batizados, com a consciência da plenitude do tempo atual e, portanto, da relatividade da condição presente: “pois passa a figura deste mundo” (7,31). O imperativo à liberdade interior é um chamado ao discernimento do que tem realmente valor em relação ao que tem menos, mesmo sem tirar nada de qualquer situação existencial. O primado compete ao Senhor e a sua salvação, todo o resto fica em segundo lugar. O discurso paulino equivale, sob este aspecto, à formulação que encontramos no evangelho segundo Mateus: “buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6,33).

²⁷ BIANCHI, 2010, p.1502, tradução nossa.

A colocação inicial “livres de preocupações” (*amerimnous*) e o reflexivo “preocupa-se” (*mérimna*, por quatro vezes) são o fio condutor do trecho. As duas expressões devem ser entendidas corretamente, para não incorrer na ideia de que a vida consagrada seja uma espécie de descomprometimento ou alienação em relação à condição de todos os outros.

A aspiração de ver os coríntios “sem preocupações” se especifica em modo diverso para Paulo em relação ao matrimônio ou à castidade. Neste sentido, é possível vermos dois paralelismos. Em relação à castidade, significa “preocupar-se” com as coisas do Senhor, a como agradar ao Senhor, para ser santos no corpo e no espírito. No matrimônio, significa “preocupar-se” com as coisas do mundo e como agradar ao marido.

A castidade consagrada comporta algumas preocupações, dado que envolve uma entrega ao Senhor com todo o próprio ser, dedicando-se a Ele em pureza de espírito e corpo. “As coisas do Senhor” referem-se a tudo o que lhe dizem respeito, isto é, o seu Reino, o seu amor misericordioso, a sua Igreja, o anúncio do Evangelho.

Não é verdade que essas pessoas não se casam. Os virgens não são aqueles que renunciaram ao casamento; são aqueles que renunciaram a se casar com uma criatura. Isto se torna verdadeiro e evidente para a virgem, no momento em que faz a descoberta pessoal de Jesus como Senhor da própria vida e toma consciência que este Senhor não é uma pessoa pertencente somente ao passado – quando estava na terra – ou somente ao futuro – quando também nós estaremos nos céus –, mas, que em força da sua ressurreição, ele vive no Espírito, e está presente a todo o momento à sua Igreja. Não se trata, portanto, para o virgem ou a virgem, de renunciar a um amor concreto para um amor abstrato, a uma pessoa real para uma pessoa imaginária; trata-se de renunciar a um amor concreto para um outro amor concreto, a uma pessoa real para uma pessoa infinitamente mais real. A diferença é que em um caso a união acontece segundo a carne, no outro segundo o Espírito; em um se forma uma só carne, no outro um só Espírito. Está escrito, de fato, que *quem se une ao Senhor, torna-se com ele um só Espírito* (1Cor 6,17). É este realismo de fé que fazia com que a virgem Santa Inês, diante da proposta de casamento humano: “Já sou casada... Ligou-me a si com o anel, o meu Senhor Jesus Cristo” (antigo ofício da festa).²⁸

Dos versículos da epístola paulina, podemos ver que emergem dois aspectos: 1) a motivação que fundamenta e determina a escolha de consagração é Jesus Cristo e é radicalmente orientada a Ele e ao seu serviço; 2) a natureza da castidade como escolha de vida não é de tranquilidade, mas uma situação existencial que requer um cuidado constante, um “preocupar-se” incessante com as “coisas do Senhor” para estar unidos a Ele “sem distrações” (v. 35).

Os versículos 32 (“Preocupa-se com as coisas do Senhor e como agradar ao Senhor”) e 34 (“Preocupam-se com as coisas do Senhor e procuram ser santas no corpo e no espírito”) nos

²⁸ CANTALAMESSA, 1988, p.37-38, tradução nossa.

sugerem algumas preciosas indicações sobre as orientações que Paulo deu à comunidade de Corinto.

Podemos ver que a primeira forma deste “preocupar-se”, em sentido ativo e positivo, é como “agradar ao Senhor”, em que o verbo *agradar* (*arésko*) tem o sentido de olhar em direção ao Senhor, com uma dedicação total a seu Nome e a tudo o que corresponde a sua vontade, em paralelo ao empenho de amor de um cônjuge para com o outro e o desejo de vê-lo feliz. O verbo *agradar*, deste modo, aponta a uma viva e permanente atenção do consagrado ao Senhor. O segundo aspecto do “preocupar-se” concerne a sua pessoa, a seu compromisso para manter-se “santa no corpo e no espírito”. O apóstolo rompe, por um momento, o paralelismo para ressaltar esta exigência.

O termo “santa” (*haghios*) remete para o “se reservar” do consagrado/consagrada só para o Senhor e, assim, indica uma orientação de dedicação, de consagração a Ele e a seu serviço. O “ser santa” do consagrado/consagrada se contrapõe ao “fica dividido” do casado/casada, deixando espaço para a interpretação sobre a vivência da castidade como um “coração indiviso”, um coração que ao se unir ao Senhor encontra unidade em si mesmo e harmonia interior.

Os dois enunciados “agradar ao Senhor” e “ser santa no corpo e no espírito”, em seu conjunto, como especificação do “preocupar-se com as coisas do Senhor”, se completam mutuamente, sendo que o primeiro concerne Àquele ao qual a virgem se consagra; o segundo, a pessoa que se consagra.

Nos versículos de 32 a 35, Paulo retoma o diálogo pastoral com os cristãos de Corinto. Como fez com os esposos cristãos, assim agora propõe o seu ideal aos jovens que estão namorando, explicitando as motivações de caráter prático: “Eu gostaria que estivésseis livres de preocupações” (v. 32). Trata-se de preocupações relacionadas com o estado matrimonial e que no contexto da crise escatológica são colocadas com a etiqueta da “tribulação na carne”. Por isso, em um quadro simétrico apresenta duas situações contrapostas: de uma parte aquela de quem não é casado e de outra aquela de quem é casado. O confronto é feito em base à dúplice posição expressa pelos verbos “preocupar-se com as coisas...” e “agradar a...”. Sobre quem é casado, Paulo faz a seguinte constatação: “é dividido”. Ele segue com a dúplice relação sobre a mulher não casada ou virgem – a jovem solteira ou que está namorando – e a mulher casada. No primeiro caso, no lugar do verbo “agradar a...” se introduz uma frase que indica o compromisso ou a intenção de “preocupar-se com as coisas do Senhor”, isto é, “para ser santa no corpo e no espírito”. Em tal modo, é colocada em evidência a condição da mulher não casada que vive integralmente a sua consagração ou pertença ao Senhor. No final Paulo sente a necessidade de especificar a intenção da sua proposta com uma frase equilibrada. Na primeira parte ele procura dissipar a suspeita dos coríntios apegados à sua autonomia e liberdade, quase querendo conquistá-los com a sua proposta. Na segunda, diz abertamente que ele quer orientá-los a escolher o que é o bem para eles, que se realiza na adesão ao Senhor sem esquizofrenias ou tensões. Portanto, segundo Paulo todos os cristãos, homens e mulheres, casados ou não, celibatários ou solteiros, como resposta ao chamado de Deus se empenham a viver,

cada um no próprio estado ou condição de vida, a relação com o Senhor. Ele recorda que os casados, homens e mulheres, necessariamente são tomados pelas “preocupações” típicas da sua condição de vida. Isto comporta uma certa tensão ao viver o relacionamento deles com o Senhor.²⁹

A vida consagrada baseia-se naquela consagração primária que é a batismal, pela qual o cristão é incorporado a Cristo e à Igreja. Ela, na Igreja, é um dom de graça, não um esforço ascético-moral do ser humano. É evidente que a graça encontra um substrato natural, capaz de acolher o dom de Deus, mas não é tal substrato humano a causa eficiente da consagração.

Causa eficiente da consagração é Deus, que chama em maneira especial. Deus consagra a pessoa comunicando-lhe um carisma específico e a graça para atuá-lo, configurando-a a Cristo em um seguimento mais estreito e assumindo a forma de vida que Ele mesmo viveu, bem como unindo-a em modo especial à Igreja e a seu mistério.

Tal ato consagrante de Deus se manifesta e converge num rito da Igreja, como existe em diversos ritos de consagração. A partir disto, temos uma forma estável de vida, um estado de consagração que pertence veementemente à vida e à santidade da Igreja.

O ato de Deus e o estado alcançado são, de uma parte, dom de Deus e, de outra, uma exigência e uma ajuda de graça para que a pessoa consagrada responda à consagração divina e viva uma vida santa, em conformidade ao dom recebido, dedicando-se à edificação da Igreja: à salvação do mundo, buscando a caridade no serviço do Reino de Deus, tornando-se sinal luminoso que preanuncia a glória celeste.

A castidade consagrada e o matrimônio cristão fazem parte de um único mistério salvífico e se fundamentam na união sponsal que há entre Cristo e a Igreja. Todavia, não hesitamos em afirmar que a virgindade consagrada, por um dom do Espírito Santo, manifesta mais completamente a realidade última e inovadora da nova aliança, ou seja, o amor casto de Cristo pela Igreja, sua esposa, e a fecundidade sobrenatural dessa união. Tudo isso é apresentado, objetivamente mais pleno, por aqueles que são chamados a caminhar com o coração indiviso no seguimento de Cristo.

Sob o impulso do Espírito Santo, a vida consagrada «imita mais de perto, e perpetuamente representa na Igreja» a forma de vida que Jesus, supremo consagrado e missionário do Pai para o seu Reino, abraçou e propôs aos discípulos que O seguiam (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,10-11; Jo 15,16). A luz da consagração de Jesus, é possível descobrir na iniciativa do Pai, fonte de toda a santidade, a nascente originária da vida consagrada. Na verdade, Jesus é aquele que «Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder» (At 10,38), «aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (Jo 10,36). Recebendo a consagração do Pai, o Filho consagra-Se por sua vez ao Pai pela humanidade (Jo 17,19): a sua vida de virgindade, obediência e pobreza exprime a

²⁹ FABRIS, 1999, p. 106-107, tradução nossa.

adesão filial e plena ao desígnio do Pai (Jo 10,30; 14,11). A sua oblação perfeita confere um sentido de consagração a todos os acontecimentos da sua existência terrena. (VC, n. 22)

Portanto, diante disto, constatamos que é necessário recuperar o sentido cristão-evangélico da vida consagrada, que a cultura secularizada marginalizou e rebaixou, como, aliás, acontece com o próprio sacramento do matrimônio.

A Igreja, desde os primeiros séculos, expressou sua grande estima sobre a vida consagrada. De fato, o papel de sinal, atribuído pelo Concílio Vaticano II a ela, se manifesta no testemunho profético dos valores do Evangelho na vida cristã. Testemunho este que faz parte do patrimônio histórico eclesial. Ao longo dos séculos, desde o início da era cristã, homens e mulheres dedicaram suas vidas inteiramente a Jesus Cristo e à Igreja.

Após ter exposto algumas linhas, sem a pretensão de exaurir os argumentos, sobre o fundamento bíblico da vida consagrada, daremos continuidade a nosso trabalho, percorrendo a história do *Ordo Virginum*, que é a primeira forma de vida consagrada, nascida nos primórdios da vida cristã.

2 *ORDO VIRGINUM*: FRUTO DE UMA PRIMAVERA NA IGREJA

Neste capítulo, desenvolveremos o tema sobre o *Ordo Virginum* a partir de suas origens nos primeiros séculos até a atualidade. Mostraremos como foi, desde os primeiros dias da Igreja, a forma especial de santidade e de plenitude espiritual, sobretudo para as mulheres. Veremos como o Concílio Vaticano II confirmou a autenticidade dessa forma de vida consagrada na Igreja, encontrando também uma colocação no Direito Canônico.

2.1 Nos primeiros séculos do Cristianismo

Na Igreja, a presença das virgens é atestada já em época apostólica, torna-se, entretanto, mais explícita e consistente na patrística. No século I e, sobretudo, durante o século II, existem homens celibatários e mulheres não casadas. Estas últimas são chamadas virgens, mesmo se não é possível encontrar um reconhecimento eclesial para este modo de viver delas.

No final do século III, as virgens encontram um estatuto definitivo na vida cristã e na espiritualidade: é representado com as metáforas de “vida angélica”, “esposa de Cristo”, “místicas núpcias”, “oblação”.

Nos séculos IV e V, explode a literatura sobre a virgindade. Um dos aspectos mais relevantes refere-se ao fato de que os Padres consideravam que o mais alto grau de santidade estava ligado ao martírio unido à castidade.

Na vivência cristã anterior ao IV século, é necessário considerar a importância do martírio como elemento referencial para alcançar a santidade, como exemplo supremo de *sequela Christi*. Esta visão do martírio vai influenciar a virgindade de tal modo que o modelo mais alto de santidade será representado por quem conquistou a coroa do martírio unida à virgindade. Por isto escreverá Ambrósio à Inês: *in una hostia duplex martyrium, pudores et religionis*.¹

2.1.1 Época Apostólica

Nas comunidades apostólicas e pós-apostólicas, seguindo o exemplo e o conselho do Senhor, alguns homens e mulheres viveram a continência voluntária para o Reino dos céus.

Sensibilizada aos valores da virgindade testemunhada também por João Batista, o “amigo do noivo” (Jo 3,29), a primitiva tradição cristã considera que ele viveu na virgindade.

¹ RODRIGUEZ, Marcelo Merino (dir.). *Ambrosio de Milán, escritos sobre la virginidad*. Madrid: Ciudad Nueva, 2011. v. 85. p. 14, tradução nossa.

“Foi Jesus, que permaneceu virgem como João Batista e Maria, que revelou o verdadeiro sentido e o caráter sobrenatural da virgindade”.²

Na comunidade de Cesareia, o diácono Filipe tem quatro filhas virgens com o dom da profecia: “Filipe tinha quatro filhas solteiras, que profetizavam.” (At 21,9).

Queremos simplesmente salientar o modo como nas comunidades apostólicas homens e mulheres, seguindo o exemplo e o conselho do Senhor (Mt 19,10-12), viviam a continência voluntária por causa do Reino. Já se tendo mostrado sensível aos valores da virgindade pelo testemunho ascético de João Batista, “o amigo do esposo” (Jo 3,29), a primitiva tradição cristã acha que o apóstolo João, tipo do discípulo perfeito do Senhor, viveu na virgindade. Paulo, depois de convertido a Cristo, vive no celibato para dedicar-se totalmente à causa do evangelho e se torna teórico e divulgador da doutrina sobre a virgindade consagrada (1Cor 7,1.7-8.25-38). Na comunidade de Cesareia, o diácono Filipe “tinha quatro filhas virgens, que possuíam o dom da profecia” (At 21,6).³

Os dados bíblicos não nos permitem identificar outros discípulos que tenham escolhido a castidade para o Reino dos céus. No entanto, o Novo Testamento se conclui com um diálogo entre Cristo-Esposo e a Igreja-Esposa: “Sim, eu venho em breve”. “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,20).

Quando João escreveu o Apocalipse, o estado virginal já está sendo vivido na Igreja e assumido como símbolo: lá onde se fala dos 144.000 resgatados da terra, se diz que são virgens e seguem o Cordeiro em qualquer lugar:

Cantavam como que um cântico novo diante do trono, diante dos quatro seres vivos e dos anciãos, e ninguém podia aprender o cântico a não ser os cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra. Estes são os que não se contaminaram com a prostituição, pois são virgens. Eles seguem o Cordeiro aonde quer que vá. Foram resgatados do meio da humanidade, como primícias para Deus e para o Cordeiro. Em sua boca, não foi encontrada mentira. São íntegros! (Ap 14, 3-5)

Podemos ver que o termo *virgens* indica aqueles que seguem a Cristo na totalidade do próprio ser, excluímos, por isso, a possibilidade de que o texto traga a intenção de argumentar a favor da virgindade. No entanto, se para indicar os “resgatados” é indicada a imagem da virgindade, isto significa que na Igreja Primitiva ela é muito valorizada, porque somente um grande valor pode se tornar um símbolo.

O termo *parthénos* (no plural) é utilizado em sentido figurado em Ap 14,4 para designar os 144.000, “que foram resgatados da terra” (Ap 14,3). Deles se diz que “não

² DE LA POTTERIE, Ignace. Verginità. LEON-DUFOUR, Xavier (dir.). *Dizionario di Teologia Biblica*. Casale Monferrato: Marietti, 1971. p. 1353, tradução nossa.

³ CALABUIG I. M.; BARBIERI, Roberta. Virgindade consagrada na Igreja. SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1235.

se contaminaram com a prostituição, pois são virgens. Eles seguem o Cordeiro aonde quer que vá” (Ap 14,4). A referência à virgindade aqui deve ser entendida em sentido figurado, como alusão ao fato de que estes fiéis não se contaminaram com a idolatria, não caíram na apostasia cedendo ao culto do Imperador. A virgindade deve ser entendida no contexto da prostituição do Antigo Testamento, símbolo de idolatria. Além disso, ela expressa a realidade da comunidade cristã na história como dedicação, com fidelidade integral, ao seguimento do Cordeiro, isto é, do Cristo morto e ressuscitado. São aqueles que vivem, em plenitude, a redenção obtida para eles pelo sangue de Cristo.⁴

Alguns escritos dos Padres Apostólicos nos informam sobre comunidades paulinas e joaninas onde floresce a vida virginal. Clemente Romano (35-97) escreveu assim aos Coríntios: “Como são ricos e admiráveis os presentes de Deus, meus amados! Vida em imortalidade, esplendor em justiça, verdade em liberdade, fé em confiança, continência em santidade!”⁵ Na mesma carta, o sucessor de Pedro exorta os Coríntios: “O casto em sua carne não se ensoberbeça pois sabe que é outro quem lhe dá a continência”.⁶

Santo Inácio de Antioquia (35-106) escreveu a São Policarpo de Esmirna (69-155), que foi discípulo de São João Evangelista. Foi nomeado bispo da cidade de Esmirna, na atual Turquia. Policarpo nasceu numa família cristã, rica e nobre, no ano 69, na mesma cidade de seu episcopado, e teve a graça de conhecer outros apóstolos do grupo dos Doze, que conviveram com Jesus. Assim escreveu Santo Inácio a propósito da castidade cristã: “Se alguém é capaz de perseverar na castidade em honra da carne do Senhor, persevere sem orgulho.”⁷ Policarpo, por sua vez, orienta os membros da comunidade dos filipenses, dirigindo-se às virgens: “devem viver com consciência irrepreensível e pura.”⁸

Por volta do ano 150, São Justino (100-165) atesta que grande número de pessoas faz a escolha pelo estado virginal.

De fato, desde os tempos apostólicos, viceja e floresce esta virtude no jardim da Igreja. Quando nos Atos dos Apóstolos se diz que as quatro filhas do diácono Filipe eram virgens, a expressão significa certamente bem mais um estado de vida do que a idade juvenil. E pouco depois, Santo Inácio de Antioquia, saudando-as nomeia as virgens que já então, juntamente com as viúvas, constituíam parte importante entre os cristãos da comunidade de Esmirna. No século II, como testemunha S. Justino, “muitos homens e mulheres de sessenta e setenta anos, educados desde a infância na doutrina de Cristo, mantêm perfeita integridade”. Pouco a pouco, cresceu o número dos que

⁴ BIANCHI, 2010, p. 1502, tradução nossa.

⁵ CLEMENTE ROMANO, Papa. *Carta de S. Clemente Romano aos Coríntios. Primórdios Cristãos e Estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 43.

⁶ *Ibidem*, p. 45.

⁷ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Santo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia: Comunidades Eclesiais em Formação*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 87.

⁸ CLEMENTE ROMANO; INÁCIO DE ANTIOQUIA; POLICARPO DE ESMIRNA; O PASTOR DE HERMAS; CARTA DE BARNABÉ; PÁPIAS. *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 142.

consagravam a Deus a castidade; e ao mesmo tempo aumentou consideravelmente a importância deles na Igreja.⁹

Tudo isso mostra que esta forma do seguimento de Jesus Cristo, ou seja, a opção de se doar completamente ao Senhor na virgindade, alcançou um notável número de pessoas, apesar da grande novidade que esta escolha trazia com relação a cultura e a mentalidade do tempo.

Nesta fase inicial, tem-se acesso ao estado de consagração virginal por meio de um simples propósito, isto é, uma intenção interior do coração. Os autores falam normalmente de homens e mulheres que abraçam a vida casta como expressão do dom de si ao Senhor, mesmo não havendo ainda um reconhecimento oficial da Igreja, e ainda menos uma consagração solene, da qual encontramos a documentação somente a partir do IV século.

Se a presença das virgens marca a época apostólica e pós-apostólica, na patrística se torna mais forte e relevante.

2.1.2 Época Patrística

A era dos Padres é particularmente importante na história da vida consagrada na Igreja. Nessa época, o ideal da castidade conhece extraordinário florescimento e é objeto de notável aprofundamento doutrinal.

Como dissemos anteriormente, a literatura cristã do final do século II coloca o “testemunho da virgindade” imediatamente após o “testemunho do sangue” próprio dos mártires. Com o atenuar-se da fúria das perseguições, a figura daquela que se consagra totalmente a Deus se torna o tipo mais representativo da santidade da Igreja.

As mulheres consagradas que continuam a viver em suas casas são consideradas como componentes de uma categoria particular do povo de Deus (*Ordo Virginum*), junto com as viúvas e diaconisas, enquanto no âmbito masculino estão os diáconos, presbíteros e bispos.

As viúvas que já não são jovens têm a sua ‘ordem’ (*viduatus*), mas a viuvez não é função: é estado de vida, elevado na ordem, a ideal ascético e organizado. As viúvas não são ‘ordenadas’, mas ‘inscritas’ ou ‘constituídas’; não prestam serviço litúrgico, mas dedicam-se à oração, praticam o jejum; visitam os enfermos e fazem-lhes uma imposição das mãos, mas não se trata de função; é intervenção de tipo carismático, privilégio da vida santa. No início, as viúvas serviam como critério de imitação para as virgens (no séc. II encontramos as “virgens chamadas viúvas”). Posteriormente,

⁹ PIO XII, Papa. *Encíclica do Santo Padre sobre a Sagrada Virgindade*. Curitiba: AEC do Brasil, 1954. p. 5-6.

foram associadas às próprias virgens. Desde o fim do séc. IV, existe o rito de consagração das virgens, que confere estatuto oficial na igreja.¹⁰

As virgens, por vocação, são dedicadas ao culto divino e, frequentemente, lhes é reconhecido o carisma da profecia. Pelo compromisso assumido, são um exemplo de caminhada cristã nas comunidades. Pela sua conduta santa, são objeto de particular cuidado pastoral, como escreveu São Cipriano (200-258):

Elas são flor nascida da Igreja, beleza e esplendor da graça espiritual, alegria da natureza, obra perfeita e merecedora de toda a honra e louvor, imagem divina em que se reflete a santidade do Senhor, a mais ilustre porção do rebanho de Cristo. Compraz-se nelas a Igreja e nelas floresce exuberante a sua gloriosa fecundidade; de modo que, quanto mais aumenta o número de virgens, tanto mais cresce a alegria da mãe.¹¹

Nos séculos IV e V, o número das virgens consagradas aumenta e, com elas, cresce a literatura sobre o tema da virgindade cristã.

Depois do Concílio de Nicéia (325), o interesse pelo tema da virgindade consagrada, longe de se enfraquecer, intensifica-se e dilata-se: nos séculos IV e V, os séculos de ouro da época Patrística, aumenta consideravelmente o número das virgens consagradas e a reflexão teológica sobre a virgindade cristã atinge o seu auge. Mas, também nos séculos VI e VII, considerados já declinantes, mantém-se viva a atenção dispensada à praxe e à doutrina da virgindade cristã.¹²

Os louvores dos Padres em favor da castidade consagrada são muitos e carregados de poesia e encanto. As afirmações que recorrem com mais frequência são: a virgem é a esposa de Cristo; é a flor da Igreja; exemplo na terra da vida dos anjos; imagem do Deus incorruptível; o sacerdócio da castidade; a demonstração da origem divina da religião cristã.

Por conta do limite da pesquisa, tomaremos em especial consideração alguns escritos de três Padres: Santo Ambrósio (339-397), São João Crisóstomo (347-407) e Santo Agostinho (354-430).

Santo Ambrósio nasceu por volta do ano 339, em Tréveris, hoje Trier, na Alemanha. Quando o pai faleceu, a família foi estabelecer-se em Roma. Foi eleito bispo de Milão, em 374, por unanimidade. Homem inteligente e culto, amava a Sagrada Escritura e dedicava tempo para cuidar dos pobres da sua diocese. Influenciou consideravelmente a vida de Santo Agostinho.

Um dos Padres que mais escreveu sobre a virgindade foi Ambrósio, pois, para ele, a virgindade e o matrimônio são dois estados integrados na Igreja. Seus ensinamentos sobre a

¹⁰ GOLDIE R. Mulher. In SARTORE, Domenico; TRIACCA, Domenico (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 802

¹¹ PIO XII, 1954, p. 21-22.

¹² CALABUIG; BARBIERI, 1992. p. 1238.

virgindade são estreitamente ligados às virgens consagradas, como também às viúvas que, como sabemos, no início do cristianismo permaneciam em suas casas, formando, todavia, uma classe dentro da Igreja.

A sua irmã, Marcelina, dedicou a primeira obra que escreveu em 377: *De Virginibus* (Sobre as Virgens). Nesta obra, ele publica os sermões que pronunciou sobre o tema da virgindade consagrada, inspirado pela escolha de sua irmã. Certamente, a presença de Marcelina foi muito importante para as reflexões de Ambrósio sobre tal tem, mas devemos considerar também que, naquele período, muitas mulheres fizeram a escolha de viver a virgindade cristã.

Interessa-nos, principalmente, neste trabalho, conhecer a sua segunda obra: *De Virginitate* (Sobre a Virgindade), composta por duas homilias, nas quais esclarece algumas objeções feitas pelos seus contemporâneos e reafirma a excelsa beleza da vocação à virgindade, mas, ao mesmo tempo, ressalta a liberdade das pessoas para abraçarem essa forma de vida.

Na pequena obra, Ambrósio tece elogios à virgindade, afirmando reiteradamente, que faz parte do seguimento de Cristo. Em outros termos, encontra o sentido e fundamento em Jesus Cristo.

Depois que o Senhor se encarnou, associando a divindade e a humanidade, sem confundi-las, por todo o mundo espalhou-se a virgindade, vida mais celeste que humana. Os anjos, servindo-o na terra (Mt 4,11), prefiguravam a geração que estaria a serviço do Senhor, num corpo imaculado. Esta é aquela milícia celeste que os anjos, louvando a Deus, anunciavam na terra. Possuímos, portanto, exemplos antiquíssimos de virgindade, mas só a encontramos professada plenamente a partir de Cristo.¹³

Ele ainda ressalta o relacionamento sponsal da virgem com seu Esposo, Jesus Cristo, e imagem da relação Cristo-Igreja. Nesse laço, Jesus Cristo é a rocha, isto é, o fundamento da relação e origem da fecundidade.

Considerai ainda outro mérito da virgindade: Cristo é o esposo das virgens. Talvez se possa dizer: Cristo é o esposo da castidade virginal, pois esta vem de Cristo, embora Cristo não pertença exclusivamente às virgens. Virgem é também a Igreja que desposou Cristo, que nos trouxe em seu seio e nutriu de seu próprio leite. A seu respeito lemos: quantos prodígios obrou a virgem Jerusalém! No rochedo não faltarão mananciais, nem ao Líbano a neve, e jorrará a água levada por vento impetuoso. Que virgem é esta que se banha nas fontes da Trindade, para a qual fluem as águas do rochedo, os veios não secam e o mel sempre destila? Segundo o Apóstolo, o rochedo é Cristo. Portanto, esta virgem não sentirá falta das fontes que jorram do Cristo, da

¹³ AMBRÓSIO, Santo. *A Virgindade*. Coleção Os Padres da Igreja, v. 2. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 37.

claridade de Deus, da torrente do Espírito Santo. É a Trindade: o Pai, o Cristo e o Espírito Santo, que fecunda a sua Igreja.¹⁴

É oportuno notar aqui a ação do Espírito Santo na vida da pessoa consagrada. Encontramos, portanto, explicitado o aspecto pneumatológico. A iniciativa é de Deus, e é o Espírito Santo que inspira nos corações o desejo do relacionamento exclusivo com o Senhor.

Considerai quão grandes riquezas o Espírito Santo apresenta nas palavras da Sagrada Escritura: a realeza, o ouro, a beleza. A realeza, porque és esposa do Rei eterno e porque, com invencível coragem, não te deixas arrastar pelas seduções dos prazeres, mas as domina como rainha. O ouro, porque como esse metal, sob a ação do fogo, torna-se mais precioso, assim a beleza do corpo virginal, consagrada ao Espírito Santo, adquire maior formosura. Quem pode avaliar beleza superior à da amada do Rei, daquela a quem o Juiz louva, daquela que é consagrada ao Senhor e devotada a Deus? Sempre esposa e sempre virgem, de modo que o amor não tem fim, nem o pudor perde o seu brilho.¹⁵

Adentremos a outro escritor patrístico. João, que sucessivamente foi chamado de Crisóstomo (boca de ouro) pela sua eloquência, nasceu em Antioquia, capital da Síria, por volta da metade do IV século, talvez no ano de 347. Foi ordenado sacerdote no ano de 386 e bispo de Constantinopla em 397. Nos anos de episcopado, deu grande prova de sua capacidade de oratória e escreveu a maior parte de suas homilias, pelas quais é conhecido.

Em ambiente antioqueno, São João Crisóstomo escreve, por volta do ano 380, o tratado *De Virginitate* (Sobre a Virgindade). Em seu escrito, “se por um lado são colocados em evidência e celebrados os valores próprios do estado virginal, do outro não é desvalorizado o matrimônio, pelo contrário, é defendido contra determinados ambientes heréticos”.¹⁶ Ainda se observa que, “devido ao equilíbrio das suas posições no confronto entre virgindade consagrada e matrimônio, mereceu ser chamado “defensor do matrimônio e apóstolo da virgindade””.¹⁷

Nosso terceiro autor, Santo Agostinho, nasceu em Tagaste, a atual cidade de Souk-Ahras, na Argélia, no ano de 354. Na juventude, abandonou a fé cristã, mas, depois de anos de busca, encontrou na fé em Jesus Cristo o sentido da sua vida. Em 387, foi batizado pelo bispo Santo Ambrósio, e em 395 foi ordenado bispo em Hipona.

Agostinho, no ano de 401, escreve o tratado *De sancta virginitate* (A santa virgindade), uma verdadeira obra-prima, em que demonstra e expressa a estima e o amor pela virgindade

¹⁴ AMBRÓSIO, 1980, p. 42.

¹⁵ AMBRÓSIO, 1980, p. 51.

¹⁶ ZINCONE S. Giovanni Crisostomo. DI BERARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (Org.). *I Dizionari di San Paolo – Letteratura Patristica*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007. p. 591, tradução nossa.

¹⁷ CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 1238.

sem, porém, desprezar o matrimônio, ensinando a cultivar a humildade para preservar a pureza do corpo e do coração.

Faz pouco tempo publicamos o livro: “Dos bens do matrimônio” (*De bono coniugali*). Advertíamos aí as virgens de Cristo, e tornamos agora a adverti-las, de não terem pouco apreço aos que foram os pais e mães do povo de Deus, ao prevalecerem-se do dom mais eminente que receberam do Senhor. Ora, o Apóstolo, para reprimir qualquer orgulho, representa-os como a oliveira viçosa (Rm 11,17-18) na qual fomos enxertados como oliveira selvagem.¹⁸

Esse tratado agostiniano distingue-se de suas obras anteriores pela maneira nova e apropriada na escrita para dissertar sobre a virgindade. *De sancta virginitate* é uma das primeiras obras dele como bispo, fazendo uma apologia à virgindade e uma viva exortação ao voto de perpétua castidade aliada à prática da virtude da humildade.

Por conseguinte, não se pode estabelecer nenhuma comparação entre a fecundidade carnal e a virgindade, ainda que seja a do corpo. Pois não é por si mesma que a virgindade é digna de ser honrada, mas por ser consagrada a Deus. E a virgindade, ainda que conservada no corpo, o será por um espírito religioso e de piedade toda espiritual. Dessa forma, a virgindade, ainda que a corporal, torna-se espiritual porque é a piedade que a consagra a Deus, e a continência que a conserva.¹⁹

Agostinho ressalta o valor eclesial da consagração ao reconhecer que em si mesma a virgindade é desprovida de dignidade particular. É a consagração que lhe dá todo o valor e fixa o coração em Deus, e nenhum outro amor poderia ser mais sublime.

Esta estirpe de virgens não é fruto de nenhuma fecundidade corporal: não é fruto da carne nem do sangue. Se perguntarem quem é sua mãe, ei-la: é a Igreja. As virgens sagradas só podem nascer de uma virgem sagrada, daquela que “foi desposada a um esposo único, a Cristo, a quem deve ser apresentada como virgem pura” (2Cor 11,2). É dessa Igreja – que não é inteiramente virgem no corpo, mas é toda virgem no espírito – que nascem as virgens santas, no corpo e no espírito.²⁰

Desse amor a Deus nasce a filiação privilegiada que une a virgem consagrada à Igreja.

Nem nós louvamos nas virgens o serem virgens, mas o fato de estarem consagradas a Deus, com piedosa continência. (...) A virgem, que com razão pode ser anteposta à mulher casada, não é a que se mostra a todos pra se fazer admirada, nem a que busca entre tantos o amor de um só; tampouco a que, tendo encontrado marido, procura como agradá-lo “cuidando das coisas do mundo” (1Cor 7,34). A virgem a ter primazia é a que está tomada por grande amor por “aquele cuja beleza ultrapassa a de todos os filhos dos homens” (Sl 44,3), e que – já que não pode concebê-lo corporalmente, mas

¹⁸ AGOSTINHO, Santo. *Coleção Patrística Santo Agostinho: Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez: cartas a Proba e a Juliana*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 99.

¹⁹ AGOSTINHO, 2000, p. 108.

²⁰ AGOSTINHO, 2000, p. 112.

somente em seu coração – consagra a ele, inteiramente, a exemplo de Maria, a santa virgindade de seu corpo.²¹

Não satisfeito somente com especulações teóricas, elabora um ensino prático decorrente de sua teologia. A atitude que ele recomenda às virgens é de um constante louvor a Deus por seus dons gratuitos, pois a virgindade consagrada tem uma origem sobrenatural: é puro dom de Deus.

Convém, pois, que as virgens tenham a sabedoria, para que suas lâmpadas não se apaguem (Mt 25,4). E como poderão elas tronar-se sábias? Sem pretensões de grandeza, sentindo-se solidárias com os mais humildes (Rm 12,16). Com efeito, a própria sabedoria disse ao homem: “a piedade é a verdadeira sabedoria” (Jó 28,28). “Se, pois, não tens nada que não tenhas recebido (1Cor 4,7), “não te ensoberbeças, mas teme” (Rm 11,20). E, acima de tudo, não ames pouco a Deus como se ele te tivesse perdoado pouco; antes, ama muito aquele que te concedeu com abundância. Pois, se Deus ama aquele a quem foi perdoado para que não tenha de reparar, quanto mais não deve ele amar aquele a quem foi dado para possuir! Na verdade, quem quer que se mantenha puro desde o começo é porque Deus é seu guia. E quem, de impuro que era, torna-se puro, é porque Deus o converte.²²

Um aspecto fundamental para o bispo de Hipona é a humildade, para ele é impossível separá-la da virgindade. É a disposição basilar que resume toda a ascese de Agostinho. Ela assegura o equilíbrio que destrói qualquer tentativa de orgulho. A consagrada de Deus deve ser modelada em Cristo para se tornar uma autêntica esposa do Verbo.

Todos os cristãos devem, pois, observar a humildade, visto que o próprio nome de cristãos deriva de Cristo, cujo Evangelho ninguém pode ler atentamente sem aí encontrá-lo como Doutor da humildade. Portanto, os que se distinguem dos outros, por qualquer bem que seja, devem ser seguidores e guardiães fiéis dessa virtude. Cuidem bem de recordar a palavra que transcrevi acima: “Quanto maior és, mais te debes humilhar em todas as coisas, e acharás graça diante de Deus (Eclo 3,20). Ora, como a continência perpétua e principalmente a virgindade é tão grande bem entre os santos de Deus, esses devem guardá-lo com a máxima vigilância, para não ser corrompido pela soberba.²³

O tratado possui textos importantes da Mariologia agostiniana. Acima de todas as virgens sobressai Maria, virgem mãe, perfeito modelo da Igreja, visto que também ela é mãe e virgem, inviolada na fé e fecunda em seu corpo místico. A sua imitação, as consagradas possuem meios para que sua castidade não seja estéril. Toda castidade autêntica tem de ser fecunda.

²¹ AGOSTINHO, 2000, p. 1010-111.

²² AGOSTINHO, 2000, p. 156.

²³ AGOSTINHO, 2000, p. 140-141.

Maria deu à luz corporalmente a Cabeça desse corpo. A Igreja dá à luz espiritualmente os membros dessa Cabeça. Nem em Maria nem na Igreja a virgindade impediu a fecundidade. E nem em uma nem em outra a fecundidade destruiu a virgindade. Portanto, se a Igreja universal é santa de corpo e espírito, sem contudo ser virgem universalmente pelo corpo, mas só pelo espírito, quanto mais excelente deve ser a santidade naqueles seus membros em que ela é virgem, e pelo corpo e pelo espírito.²⁴

Todos esses escritos citados e outros, que, por motivo do limite da pesquisa, não citamos testemunham o crescimento da virgindade consagrada na época patrística e atestam a presença já consolidada de uma Ordem das Virgens, isto é, de uma categoria estruturada na Igreja, que caminha ao lado dos bispos, presbíteros, diáconos, diaconisas e das viúvas.

Subjacente à institucionalização da virgindade consagrada, há um verdadeiro e próprio rito de consagração. Os estudiosos concordam em considerar que até o século IV a emissão do *propositum virginittatis* (propósito da castidade) não comporta uma específica celebração litúrgica, mas, quando a Igreja, posteriormente ao Édito de Milão (313), inicia sua progressiva institucionalização, o acesso à consagração virginal se realiza por meio de um rito específico.

Algumas fontes nos informam, ainda que de modo fragmentário, a respeito da maneira como se processava em Roma e, com ligeiras diferenças em todo o Ocidente, na segunda metade do séc. IV, o rito de consagração das virgens. A cerimônia é sóbria, mas não destituída de solenidade: o bispo a preside, os fiéis que vêm são numerosos; o dia é particularmente significativo (natal, epifania, páscoa); com toda probabilidade celebra-se a eucaristia. A virgem consagranda fica perto do altar, cercada de outras virgens já consagradas. As sequências rituais parecem assim ordenadas: proclamação das leituras; homilia do bispo, que recorda o sentido do rito e as obrigações inerentes à consagração; renovação, talvez, diante da comunidade eclesial do *propositum* já formulado privadamente diante do bispo; oração de bênção sobre a virgem; entrega do véu virginal-nupcial, previamente colocado sobre o altar, símbolo de Cristo que santifica a virgem.²⁵

2.1.3 Época Medieval

São Tomás de Aquino (1225-1274), em 1244, ingressou na ordem religiosa dos dominicanos. Em 1265, começou a escrever a sua obra mais importante: a *Summa theologiae*. Herdeiro do pensamento e da reflexão patrística e, também, ponto de referência no âmbito teológico, tratou do tema da castidade na parte moral de seu livro.

Segundo o Aquinate, o essencial dessa escolha é seu caráter de gratuidade, ou seja, trata-se de um conselho e não de um preceito. Tal atitude provém da “nova lei” que é o Evangelho, que se dirige à pessoa humana, guiada pela vontade racional.

²⁴ AGOSTINHO, 2000, p. 102.

²⁵ CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 1240.

Diversamente, a fecundidade da ordem da criação, que visa a conservação da espécie, é sim um preceito, e sob a antiga aliança foi um dever, para assegurar a multiplicação do povo eleito. Entretanto, depois da vinda de Cristo, esse dever não obriga mais a todos, e o culto do verdadeiro Deus é assegurado com a propagação espiritual da fé, favorecida por uma vida casta.

Ora, a virgindade religiosa se abstém de todo prazer sexual, para se entregar mais livremente à contemplação divina, segundo diz o Apóstolo: “A mulher sem marido e a virgem preocupam-se com as coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e de espírito. Mas a mulher casada preocupa-se com as coisas do mundo: ela procura como agradar ao marido”. Donde se conclui que a virgindade, longe de ser viciosa, merece louvor. (IIª. Ilae, q. 152, a. 2)

No pensamento de S. Tomás, o elemento essencial da virgindade cristã é sua opção feita por causa de Deus. Desse elemento, destaca particularmente um aspecto: a renúncia que a virgem cristã faz está ordenada à consecução de um fim altíssimo, que é a vida contemplativa, o bem máximo da alma.

Ao observar o contexto vital de Aquino, parece-nos apropriado mencionar algumas transformações substanciais que ocorrem no modo de viver a castidade consagrada antes e depois desse autor.

No declínio da época patrística, há uma evolução na modalidade concreta de viver a castidade consagrada, pois o mosteiro se torna o lugar específico onde realizar e viver essa forma de vida.

A *virgo sacra* se transforma progressivamente em uma *sanctimonialis*: o mosteiro toma o lugar da casa paterna; à autoridade do bispo se acrescenta a da superiora; no serviço eclesial, desempenhado no meio da comunidade, se introduz o serviço monástico, prestado com frequência em lugar separado, em regime de separação da vida ordinária dos fiéis; a sequela *Christi* vivida sem estruturas particulares na própria residência é substituída por uma forma de sequela minuciosamente programada pela regra, correspondendo às necessidades da vida comum. A partir do séc. IV, realmente, escrevem-se numerosas regras monásticas.²⁶

A forma monástica, que vai se afirmando a partir do medievo, determina uma evolução no modo de compreender o valor da castidade: a vida da pessoa consagrada é considerada como uma “liturgia vivente”, numa oração incessante em nome de e para a Igreja, sustentada pela *lectio divina*, centrada no sacrifício eucarístico e feita possível pelo progressivo caminho de conversão.

Desse modo, podemos afirmar que a específica missão da pessoa consagrada é a de ser responsável pela liturgia de louvor e de intercessão da Igreja. Inicialmente, a formação das

²⁶ CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 1240.

comunidades femininas coexiste com a realidade das consagradas que continuam a viver em sua família. No entanto, gradualmente, acontece a passagem do carisma à instituição. Em outras linhas, a castidade escolhida e vivida por uma mulher que não entra num mosteiro se torna e permanece uma escolha interior, que não é objeto de qualquer reconhecimento, visto que a pessoa não vive a celebração litúrgica e não tem acesso ao *Ordo Virginum*. Portanto, por muito tempo, a vida consagrada se identifica com a vida num Mosteiro.

No século X, o carisma originário das primeiras virgens cristãs apagou-se, uma vez que surgiram os carismas dos grandes fundadores da vida monástica. A crise é tanta que o Concílio Lateranense II, no ano de 1139, decide abolir a Ordem das Virgens:

Nós decretamos que o costume pernicioso e detestável que se espalhou entre algumas mulheres que, embora não vivam nem de acordo com a regra do bem-aventurado Bento, nem Basílio, nem Agostinho, ainda desejam ser pensado por todos como freiras, deve ser abolida. Para quando, vivendo de acordo com a regra nos mosteiros, que deveriam estar na igreja ou no refeitório ou dormitório em comum, elas constroem para si seus próprios retiros e privadas habitações, onde, sob o pretexto de hospitalidade, de forma indiscriminada e sem qualquer pena, elas recebem convidados e pessoas seculares contrários aos sagrados cânones e aos bons costumes. Porque todo mundo que faz o mal odeia a luz, essas mulheres acham que, escondido na tenda dos justos, eles podem se esconder dos olhos do juiz que vê tudo, então nós proibimos em todos os sentidos esta injusta e odiosa conduta vergonhosa e proibimos de continuar sob pena de excomunhão.²⁷

Por volta dos séculos XII e XIII, com o surgimento das ordens mendicantes, entre as quais se destacam os Freis Menores, fundados por São Francisco de Assis, e os Freis Pregadores, por São Domingos de Guzmán, algumas mulheres tomam a decisão de aderir a essas novas formas de viver a espiritualidade, e também ao trabalho apostólico. Elas entravam na ainda incipiente Terceira Ordem ou se tornavam religiosas no correspondente ramo feminino. No entanto, por causa das condições sociais da época, as ordens mendicantes adotam também para as virgens religiosas a forma de vida claustral.

A partir do século XV, não se usará mais o rito de consagração das virgens utilizado pelas monjas, dado que a profissão religiosa resulta suficiente para definir o estado de vida delas.

²⁷ II CONCÍLIO LATERANENSE, ano 1139, n. 26. Disponível em: <https://sites.google.com/site/evangelizandocommaria/concilios-da-igreja-catolica/segundo-concilio-de-latrao/canones-do-segundo-concilio-de-latrao>. Acesso em: 08 set. 2019.

2.1.4 O caminho até o Concílio Vaticano II

A grande turbulência doutrinal e disciplinar causada pela Reforma protestante atinge também o pensamento sobre a castidade consagrada. De fato, o modo de se expressar dos grandes mestres da Reforma é completamente contrário. Enquanto a tradição católica mantém a tese de que ela é superior ao matrimônio, os reformadores ensinam que este deve ter a prioridade em relação à castidade, por causa da condição humana depois do pecado, que exige o matrimônio. Egidio Ferasin (1927-2009) sintetiza eficazmente o pensamento dos teólogos da reforma nos seguintes termos:

O celibato e a virgindade não são, como ensina a igreja católica, um valor cristão genuíno e legítimo e muito menos constituem um estado superior ao matrimônio. Certamente a continência é dom de Deus, mas é tão grande milagre e exceção de tal teor que quase nunca pode verificar-se na prática; o sinal certo de que não se possui tal dom é o fato de que normalmente o homem arde de concupiscência. A condição normal do homem decaído exige, pois, como remédio moral, o matrimônio: este é o mandamento divino e universal vocação terrestre; e, por conseguinte, o dever e o ideal do homem. Os que se propõem a cultivar a virgindade e a continência, como estado de vida que comporta maior perfeição e maior mérito, praticam um ato presunçoso e farisaico, oposto à humildade da fé fiducial, já que ele é exclusivo dom de Deus impossível de ser conquistado com as forças humanas.²⁸

Perante tal concepção da castidade consagrada tão diferente e contraditória em relação às reflexões seculares dos Padres e às inúmeras vocações presentes na Igreja, o Concílio de Trento escreveu o Cânon 10, no qual reitera e se opõe, com clareza, ao pensamento dos reformadores.

Se alguém disser que o estado conjugal deve ser preferido ao estado de virgindade ou celibato, e que não é melhor e mais valioso permanecer na virgindade ou celibato do que unir-se ao matrimônio: seja anátema.²⁹

No que tange a evolução histórica do rito litúrgico da consagração das virgens, não há modificações relevantes até o século XIX, quando o abade beneditino, padre Prosper Guéranger (1805-1875),³⁰ prepara um ritual em que funde numa única celebração a *Consecratio Virginum* e a profissão monástica. Esse rito, denominado *Ritus sacrae professionis virginis*, é aprovado pela Santa Sé.

²⁸ *Apud* CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 1244.

²⁹ DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Concílio de Trento: 24ª sessão, Cânon 10, n. 1810. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007. p. 457.

³⁰ As suas obras alimentaram a oração e formaram a espiritualidade de muitos cristãos antes da reforma litúrgica introduzida pelo Concílio Vaticano II.

No dia 15 de agosto de 1868, pe. Guéranger consagra as primeiras monjas do Mosteiro de S. Cecília de Solesmes. Posteriormente, outros mosteiros beneditinos obtêm a permissão de utilizar esse *ritus mixtus*. Assim, o rito da *Consecratio Virginum* obtêm uma atenção que tinha perdido há séculos.

No início do século XX, entre as mulheres leigas se difunde a consciência do valor da consagração a Deus. Vários fatores contribuíram para desenvolver tal consciência, entre os quais o reflorescimento do estudo dos textos da Patrística, as contribuições do movimento litúrgico e a sempre mais crescente atenção ao apostolado dos leigos.

Além disso, em 1930, Pio XI instituiu uma seção histórica para preparar a reforma dos livros litúrgicos. Em 1961, a Sacra Congregação dos Ritos promulga a edição típica da segunda parte do Pontifical Romano, por isso é auspiciada uma próxima revisão do *Ordo Consecrationis Virginum*.

No entanto, é necessário recordar que no momento da promulgação da Constituição Apostólica *Sponsa Christi* foi dado um passo importante: a promulgação, em 1947, da Constituição Apostólica *Provida Mater*, na qual Pio XII reconhece oficialmente a forma de vida dos Institutos seculares.

Em 1950, com a Constituição Apostólica *Sponsa Christi*, Pio XII reitera a relação entre a *Consecratio Virginum* e a vida monástica, afirmando que as antigas fórmulas solenes de consagração das virgens, contidas no Pontifical Romano, são reservadas às monjas. O documento se abre com uma reconstrução da história da vida consagrada feminina e recorda a experiência das virgens dos primeiros séculos do cristianismo.

A Igreja, Esposa de Cristo, desde os primeiros anos de sua história, não só demonstrou com repetidas manifestações o senso de estima e de materno amor com os quais circundava suavemente de amor as virgens consagradas a Deus, mas as confirmou com importantíssimos documentos. (...) Esta mística consagração das virgens a Cristo e esta dedicação à Igreja, nos primeiros séculos do cristianismo se desenvolveu espontaneamente, e mais ainda nos fatos do que nas palavras. Quando, depois, as virgens formaram não somente uma classe, mas um estado bem definido e uma ordem reconhecida pela Igreja, a profissão da virgindade começou a ser emitida publicamente, e a ser sempre mais reforçada por um vínculo ainda mais estreito. Em seguida, a Igreja, quando aceitava o santo voto ou propósito da virgindade, consagrava a virgem como pessoa unida inviolavelmente a Deus e à Igreja com um rito tão solene, que justamente é classificado entre os mais belos da antiga liturgia; e a distinguia claramente daquelas que se ofereciam a Deus somente com vínculos privados. (Sch. n. 1-3)

Com relação ao término do costume de consagrar as mulheres que vivem no mundo, são citados em nota os cânones de alguns Concílios. É constatado que na época medieval

desaparece a presença das *virgines consecrate in saeculo viventes*, enquanto se afirma que as monjas são consideradas as herdeiras legítimas das antigas virgens.

Apesar dos muitos obstáculos, constata-se que há cada vez mais mulheres que querem viver eclesialmente o carisma da virgindade na condição secular. Certamente, nesse período, nota-se a dificuldade de reconhecer uma plena consagração a Deus vivida no contexto da vida ordinária do povo de Deus.

O Concílio Vaticano II toma em consideração o tema da consagração das virgens. De fato, ele se expressa sobre o tema em diversos documentos: no capítulo 5 (Universal vocação à santidade na Igreja) e 6 (Os religiosos) da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, e nos decretos *Perfectae Caritatis* sobre a renovação da vida religiosa, *Optatam Totius* sobre a formação dos candidatos ao sacerdócio, *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos presbíteros.

Fomentam também a santidade da Igreja, de modo especial, os muitos conselhos cuja observância o Senhor propõe aos seus discípulos no Evangelho. Entre eles sobressai o dom precioso da graça divina, que o Pai concede a alguns (Mt 19, 11; 1Cor 7,7), para os levar com maior facilidade a consagrarem-se inteiramente a Deus na virgindade ou no celibato, sem repartirem o coração (1Cor 7,32-34). Esta continência perfeita por causa do reino dos céus sempre foi tida pela Igreja em singular estima, como sinal de caridade, e como fonte peculiar de fecundidade espiritual no mundo. (LG, n. 42)

Considerando esses textos, resulta que o Vaticano II, colocando-se na trilha da Tradição, reitera a superioridade da castidade consagrada em relação ao matrimônio.

A Ordem das Virgens está inserida entre as formas de santificação oferecidas pelo Senhor à Igreja, e esse dom não é um privilégio de um ou outro componente eclesial, mas é um bem de toda a Igreja, porque a condição virginal é vivida pelos religiosos (LG, n. 43; 46; PC, n. 12), pelos ministros sagrados (PO, n. 16) e também pelos leigos (AA, n. 4,22).

No que diz respeito ao rito da *Consecratio Virginum*, a Constituição *Sacrosantum Concilium*, no número 80, ou seja, logo depois dos números dedicados à reforma dos sacramentos e dos sacramentais em geral, dispõe que “o Rito de Consagração das Virgens, incluído no Pontifical Romano, seja sujeito a uma revisão”. (SC, n. 80)

2.1.5 A promulgação do Rito

Segundo as modalidades estabelecidas por Paulo VI para a revisão dos livros litúrgicos, em seguida às disposições do Concílio, a missão de preparar o novo rito da *Consecratio*

Virginum foi confiada a um dos grupos no qual se articula o organismo instituído para a realização da reforma litúrgica, ou seja, o *Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*.

O texto preparado foi enviado ao Papa, à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e para a Sagrada Congregação dos Religiosos. Em seguida, no Pontifical Romano são inseridos dois capítulos: o primeiro contém o rito para a consagração das virgens seculares e o outro contém o rito para as monjas, que podem ser usadas juntas ou sucessivamente à profissão religiosa perpétua.

Com um decreto datado no dia 31 de maio de 1970, a Congregação para o Culto Divino restabelece o rito da consagração das virgens para mulheres que vivem no mundo e promulga o texto latino do *Ordo Consecrationis Virginum* (OCV). Desse modo, renasce a antiga Ordem das Virgens. Utiliza-se o termo *consecratio*, deixando cair a expressão mais antiga *velatio* e aquela medieval *benedictio*.

Em 1972, publica-se a versão oficial do rito em português, intitulado Rito de Consagração das Virgens (RCV), ao qual nos referiremos como preferência.

Convém ressaltar que, depois de oito séculos a igreja latina, retomando uma praxe desaparecida depois de uma proibição do Concílio Lateranense II (1139), admite novamente as virgens leigas à consagração virginal. Trata-se de importante disposição litúrgico-canônica, em que devemos ver um ‘sinal do tempo’: em uma época em que a cultura, bem pouco impregnada da mensagem evangélica, não compreende, contesta e ridiculariza o ‘mistério’ da vida virginal, a igreja reconhece um aspecto essencial de si mesma no testemunho da virgindade consagrada por causa do Reino, mesmo quando ela é vivida com conotações tipicamente leigas, diferentes, portanto, e independentes das existentes na vida religiosa, e sanciona-a com o máximo reconhecimento litúrgico: um rito de consagração de índole esponsal, cristológica eclesial.³¹

O texto do decreto oferece uma apresentação do desenvolvimento histórico do rito e os traços fundamentais dessa forma de vida na Igreja, a saber: a castidade consagrada é um dom de Cristo à Igreja. As pessoas consagradas são imagem eclesial da Esposa de Cristo. Elas enriquecem o Corpo com uma admirável fecundidade, e a Igreja acolhe e confirma o propósito da castidade com uma solene oração de consagração.

A importância fundamental do novo *Ordo Consecrationis Virginum* é que, invertendo as posições de um passado recente, dá novamente às mulheres leigas a possibilidade de receber uma consagração reconhecida e aprovada pela Igreja.

³¹ CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 240.

A virgindade para o Reino, com efeito, é um *mysterium* ou realidade salvífica sobrenatural, que não se explica pela lógica da razão; é um dos *mirabilia Dei* que faz parte da ‘ordem nova’ inaugurada com a morte e ressurreição de Cristo e a descida do Espírito; ininteligível ao ‘homem carnal’, a virgindade cristã é experiencialmente inteligível ao ‘homem espiritual’.³²

Sucessivamente, o Código de Direito Canônico reconhece o *Ordo Virginum* como forma de vida consagrada. Dessa forma, o *Codex Iuris Canonici*, promulgado em 1983, insere o Cânon 604, concernente ao *Ordo Virginum*, na seção que trata das diversas formas de vida consagrada.

Uma vez reconhecida pelo Código de Direito Canônico, essa forma de vida consagrada é apresentada também pelo Catecismo da Igreja Católica, publicado em 1992. Oportuno notar a colocação dos textos relativos à Ordem das Virgens, pois se encontram incorporados no capítulo terceiro da segunda seção: Creio no Espírito Santo; no artigo nove: Creio na Santa Igreja Católica; no parágrafo quatro: Os fiéis de Cristo – hierarquia, leigos, vida consagrada. Portanto, ela está novamente incluída no ensinamento da Igreja.

Do ponto de vista do conteúdo, o Catecismo retoma substancialmente o RCV e o cânon 604, do Código de Direito Canônico de 1983.

Desde os tempos apostólicos, virgens e viúvas cristãs chamadas pelo Senhor a apegar-se a Ele sem partilha, em maior liberdade de coração, de corpo e de espírito, tomaram a decisão, aprovada pela Igreja, de viver respectivamente no estado da virgindade ou de castidade perpétua ‘por causa do Reino dos Céus’ (Mt 19,12). Emitindo o santo propósito de seguir a Cristo mais de perto, [as virgens] são consagradas a Deus pelo Bispo diocesano, segundo o rito litúrgico aprovado, misticamente desposadas com Cristo, Filho de Deus, e dedicadas ao serviço da Igreja. Por este rito solene (*Consecratio virginum*), a virgem é constituída pessoa consagrada, sinal transcendente do amor da Igreja a Cristo, imagem escatológica desta Esposa do Céu e da vida futura. Acrescentada às outras formas de vida consagrada, a ordem das virgens constitui a mulher que vive no mundo (ou a monja) na oração, na penitência, no serviço a seus irmãos, no trabalho apostólico, conforme o estado e os carismas respectivos oferecidos a cada uma. As virgens consagradas podem se associar para guardar mais fielmente seus propósitos. (CIC, n. 922-924)

Uma outra citação magisterial é encontrada na Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, na qual o Papa João Paulo II fala do *Ordo Virginum* durante a apresentação das várias formas históricas de vida consagrada suscitadas pelo Espírito Santo.

Um motivo de alegria e esperança é ver que hoje volta a florescer a antiga Ordem das virgens, cuja presença nas comunidades cristãs é testemunhada desde os tempos apostólicos. Consagradas pelo Bispo diocesano, elas contraem um vínculo particular com a Igreja, a cujo serviço se dedicam, mesmo permanecendo no mundo. Sozinhas ou associadas, constituem uma imagem escatológica especial da Esposa celeste e da

³² CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 245.

vida futura, quando, finalmente, a Igreja viverá em plenitude o seu amor por Cristo Esposo. (VC, n.7)

O adjetivo *antiga* atribuído à Ordem das Virgens e a referência às comunidades cristãs apostólicas mostram que é a mesma forma de vida que está sendo reapresentada, cujas características fundamentais são: a função do bispo diocesano, o vínculo com a Igreja, a dedicação ao serviço na Igreja, o caráter simbólico esponsal em relação ao mistério da Igreja e a dimensão escatológica.

A partir das citações desses documentos magisteriais, podemos afirmar que, substancialmente, a pessoa consagrada é concebida como imagem da Igreja, esposa de Cristo, com um especial relacionamento com a Igreja particular, na figura de seu bispo diocesano.

No mês de setembro de 1980, foi publicada a edição oficial do Rito na língua italiana. Em 1983, quando veio a público o novo Código de Direito Canônico, começou a crescer, na Itália, o número de mulheres que pediam ao próprio bispo para se tornar consagradas do *Ordo Virginum*. Portanto, durante esta pesquisa, pudemos constatar que, na Itália, essa forma de vida está bem consolidada, pois há inúmeras vocações e as diversas dioceses do país se organizaram devidamente para acompanhar tanto as consagradas quanto as mulheres que manifestam tal desejo.

Podemos destacar, no Norte do país, especificamente a Arquidiocese de Milão, que acompanhou e incentivou essa vocação. Interessante salientar que, após a morte de seu arcebispo, o cardeal Carlo Maria Martini, a própria Arquidiocese preparou um livro que contém uma coletânea com as várias homilias que fez durante as diversas celebrações de consagração das virgens realizadas ali e presididas por ele.

Vale ressaltar o apoio e o incentivo constante desse cardeal às pessoas que se sentem chamadas a viver esta forma de consagração. Assim, apresentamos um trecho de uma das homilias pronunciadas pelo Cardeal Martini.

Portanto, vocês entram, como a liturgia afirma, em uma verdadeira e própria “ordem”, ou seja, em um modo de existência novo; assim como existem na Igreja diversas ordens religiosas, com diversos modos de vida, também esta é uma ordem, isto é, um modo estável de vida consagrada no âmbito da Igreja local, mesmo se se deixa a pessoa na sua normalidade, na sua existência exteriormente leiga e, portanto, vivendo em contato estreito com as vicissitudes do povo de Deus. A aparência, portanto, é simples, mas a realidade é imensa e as orações que faremos, todas as invocações que faremos, darão a graça de entrar com alegria nesta nova forma de vida que as coloca no coração da Igreja local e sigila as suas relações indestrutíveis com o mistério de

Deus; Ele é maior do que vocês, contudo, é amigo de vocês e será sempre próximo de cada uma.³³

Depois de nos adentrar no caminho histórico, passaremos à investigação dos aspectos jurídicos e ao aprofundamento da teologia do Rito. No cânon 604 o carisma do *Ordo Virginum* encontra sua colocação dentro da vida consagrada. Além disso, o texto do Rito de consagração, incluindo a introdução, constitui o documento fundamental e abrangente para conhecer a fisionomia do *Ordo Virginum*. Destarte, faremos um aprofundamento teológico do Rito, a fim de reconhecer a identidade e para compreender a originalidade do carisma

³³ MARTINI, Carlo Maria, Cardeal. *Cammini esigenti di santità*. Bologna: Dehoniano, 2018. p. 27, tradução nossa.

3 *SPONSA CHRISTI*: UMA LEITURA TEOLÓGICA

Como já afirmamos, a “redescoberta” e o “renascimento” da Ordem das Virgens são frutos da reflexão do Concílio Vaticano II. Ele não tratou diretamente o tema da consagração das virgens, no entanto, os padres conciliares manifestaram a preocupação com o rito litúrgico da *consecratio virginum*. Podemos, portanto, afirmar que o reflorescimento do antigo *Ordo Virginum* é um dos múltiplos frutos da eclesiologia conciliar e, particularmente, da redescoberta da Igreja particular.

O costume de consagrar as virgens, que vigorou desde a primitiva Igreja cristã, deu origem a um rito solene, que constitui a virgem como pessoa consagrada, sinal transcendente do amor da Igreja para com Cristo e imagem escatológica da Esposa celeste e da vida futura. Pelo rito da consagração, a Igreja manifesta sua estima pela virgindade, implora a graça de Deus para as virgens e pede a efusão do Espírito Santo. (PR, n. 1)

De fato, a vocação da Ordem das Virgens se caracteriza por uma forte ligação com a Igreja local. O carisma é vivido no exercício do serviço eclesial, prescindindo de qualquer ligação com uma figura de fundador ou fundadora de referência, em relação direta com o Bispo que se torna ponto de referência da consagração, da missão e do apostolado eclesial. A pessoa, portanto, oferece à Igreja diocesana, na qual vive, a riqueza da própria vocação, não somente no exercício dos diversos ministérios eclesiais, mas principalmente com o testemunho de vida que remete ao mistério da Igreja, esposa de Cristo.

3.1 O Cânon 604

Não faremos uma análise aprofundada sobre o Cânon 604 do Código de Direito Canônico, porém, procuraremos considerar os elementos de maior relevância na compreensão jurídica dessa forma de vida.

As consagradas pertencentes ao *Ordo Virginum* têm em comum a consagração específica desse Cânon. Esta realidade comum faz com que constituam uma Ordem. Elas escolhem livremente a própria espiritualidade e decidem, com liberdade, sobre as próprias atividades, ou seja, procuram conduzir as próprias escolhas à luz da vida de consagração a Deus.

A legislação canônica atual contempla a Ordem das Virgens seja no Código latino (Cânon 604), seja no Código oriental (Cânon 570). O legislador optou por resumir num Cânon todos os elementos que constituem a virgem consagrada, fruto da rica história que esta consagração possui. Estabelece-se que sigam Cristo mais de perto

mediante o santo propósito da virgindade, que vem a ser um voto público perpétuo que implicitamente requer também a pobreza e a obediência. São consagradas pelo bispo diocesano, porque são uma realidade da Igreja particular e desenvolvem o próprio serviço na diocese e para a diocese e, através desta, à Igreja universal, segundo o próprio estado. A consagração une as virgens em verdadeiras núpcias místicas com Cristo, ao qual as virgens consagradas se doam plenamente, manifestando publicamente a própria pertença mediante os sinais estabelecidos no rito de consagração. Não devem deixar o mundo, nem se retirar dentro dos muros. A consagração requer a plena inserção no mundo, manifestando a plenitude de vida na liberdade da sequela de Cristo.¹

O Cânon 604 representa uma novidade sob vários aspectos. Ele oficializa, antes de tudo, no mundo canônico a forma de vida da virgindade. “As formas de vida consagrada individuais têm o direito de ter o próprio lugar no direito eclesial; este direito assegura a estas formas de vida a própria autonomia e liberdade”.² Embora não possam fazer parte da categoria de vida consagrada, pelo fato de não assumir os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência mediante os votos ou vínculos sagrados, no entanto, é inegável que no *Ordo Virginum* se realize uma verdadeira e própria consagração, diferente da batismal.

As Virgens constituem, no Código, um instituto jurídico chamado “ordem das virgens”, que não é, propriamente falando, um Instituto de vida consagrada, no sentido do cânon 573, embora se assemelhe a ele (cânon 604 § 1). Com efeito, as virgens prometem castidade perfeita, mas não necessariamente pobreza nem obediência; contudo, na sua vida, assemelham-se aos Institutos de vida consagrada, porque constituem um estado público na Igreja. Consequentemente, não se aplica à “ordem das virgens” a normativa do Código a respeito dos Institutos de vida consagrada.³

Nos próximos parágrafos, exploraremos alguns aspectos fundamentais do Cânon 604, a fim de compreender o *proprium* dessa forma de vida consagrada.

Cânon 604 – § 1. Dessas formas de vida consagrada aproxima-se a ordem das virgens que, emitindo o santo propósito de seguir a Cristo mais de perto, são consagradas a Deus, pelo Bispo diocesano, de acordo com o rito litúrgico aprovado, misticamente desposadas com Cristo Filho de Deus, e dedicadas ao serviço da Igreja.

§ 2. Para cumprir mais fielmente seu objetivo e aprimorar o serviço à Igreja, adequado a seu estado, **mediante** ajuda mútua, as virgens podem se associar. (CDC)

¹ JIMÉNEZ, Aitor. Ordine delle Vergini. CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (Org.). *In Dizionario di Ecclesiologia*. Roma: Città Nuova, 2010. p. 982, tradução nossa.

² GHIRLANDA, Gianfranco (a cura di). *Punti fondamentali sulla vita consacrata*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1994. p. 266, tradução nossa.

³ SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José Maria Urteaga (dir). Virgens, ordem das. *Dicionário de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 755.

3.1.1 Uma forma de vida consagrada

Esta primeira parte “dessas formas de vida consagrada aproxima-se a ordem das virgens” nos oferece importantes considerações para a reflexão. Antes de tudo, é necessário explicar a expressão “aproxima-se” (*accedit*). Dois componentes essenciais são consideradas nessa parte do Cânon: o primeiro componente da consagração faz com que o *Ordo Virginum* seja semelhante aos Institutos de vida consagrada (cuja descrição se encontram nos Cânones 573-602). O segundo da individualidade faz com que seja semelhante à forma de vida eremítica (Cânon 603).

No entanto, é importante afirmar que a expressão “aproxima-se” não significa que a Ordem das Virgens seja somente, de modo não pleno, uma forma de vida consagrada.

Neste modo encontrou explícito reconhecimento eclesial a consagração virginal de mulheres que permanecem no próprio ordinário contexto de vida, radicadas na comunidade diocesana reunida ao redor do Bispo, nas modalidades do antigo *Ordo Virginum*, não sendo atribuídas a um Instituto de vida consagrada. O próprio texto litúrgico e as normas nele estabelecidas delineiam nos elementos essenciais a fisionomia e a disciplina de tal forma de vida consagrada, cujo caráter institucional – próprio e distinto daquele dos Institutos de vida consagrada – foi sucessivamente confirmado pelo Código de Direito Canônico (Cânon 604). Em modo análogo, também o Código dos Cânones das Igreja Orientais explicitou a possibilidade que nas Igreja Orientais o direito particular constitua virgens consagradas que professam publicamente no século a castidade “por própria conta”, ou seja, sem vínculos de pertença a um Instituto de vida consagrada (Cânon 570).⁴

No que diz respeito ao termo *ordem* (*ordo*), o significado é que se trata de um grupo, uma categoria de fiéis que têm em comum uma ou mais realidades eclesiais e, portanto, um *status* comum. O exemplo clássico na Igreja é o dos fiéis que têm em comum o presbiterado ou episcopado, por isto recebem o sacramento chamado “da ordem”, e formam a ordem dos presbíteros e a ordem dos bispos. No direito civil também encontramos o conceito de *ordem*, para designar aquelas pessoas que têm em comum um estado de vida ou uma profissão, como por exemplo, a ordem dos advogados.

As virgens consagradas no século formam uma ordem de pessoas do sexo feminino que, emitindo o propósito de seguir Cristo mais de perto pelas mãos do bispo

⁴ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. *Ecclesiae Sponsae Imago* – Istruzione sull’*Ordo Virginum*, 2018, n. 7. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20180608_istruzione-ecclesiasponsaeimago_it.html. Acesso em: 14 out. 2019, tradução nossa.

diocesano, são por ele consagradas segundo um rito litúrgico aprovado pela Igreja, para dedicar-se ao serviço eclesial, em místicas núpcias com Cristo.⁵

As virgens têm em comum a consagração, não uma genérica, mas aquela específica do Cânon 604. Essa realidade comum faz com que elas constituam uma ordem. Em um Instituto há também a consagração, mas um outro elemento em comum é a pertença ao mesmo Instituto, pois trata-se de um conjunto de fiéis que têm em comum a espiritualidade, as finalidades e as atividades. A virgem consagrada, ao invés, escolhe livremente a própria espiritualidade e decide livremente as próprias atividades, permanecendo em condição de vida individual, sem pertencer a um grupo específico.

Neste modo, as virgens são constituídas pessoas consagradas, sinal sublime do amor da Igreja a Cristo, imagem escatológica da Esposa celeste e da vida futura. A pertença exclusiva a Cristo, sancionada com o vínculo nupcial, enquanto alimenta nelas a vigilante espera do retorno do Esposo glorioso, as associa em modo peculiar ao seu sacrifício redentor e as dedica à edificação e à missão da Igreja no mundo.⁶

3.1.2 Seguimento de Cristo

Da expressão “emitindo o santo propósito de seguir Cristo mais de perto” podemos evidenciar, sobretudo, duas questões: o significado do propósito e se há uma distinção do voto clássico dos religiosos.

Propósito significa vontade, que é manifestada diante do bispo diocesano e que tem como matéria o seguimento de Cristo “mais de perto”, portanto, a consagração. Essa vontade é definitiva e diz respeito a toda a vida. Este aspecto está contido, implicitamente, na realidade da consagração, porque, ao contrário, não teria sentido as palavras sucessivas do cânon “misticamente desposadas com Cristo Filho de Deus” se a escolha não fosse perpétua. Explicitamente, está presente no rito de consagração, porque a consagranda é interrogada sobre a sua vontade de permanecer consagrada por toda a vida: “Quereis perseverar na virgindade consagrada e no serviço do Senhor e da Igreja por toda a vossa vida?” (PR, n. 17). Assim sendo, “a oblação fundamental das virgens, no sentido do cânon 604, é a proveniente de sua promessa de castidade perfeita perpétua”.⁷

⁵ GHIRLANDA, Gianfranco. *Il Diritto nella Chiesa mistero di comunione*. Milano: San Paolo, 1990. p. 190, tradução nossa.

⁶ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA, 2018, n. 19, tradução nossa.

⁷ SALVADOR; EMBIL, 1993, p. 755.

Esta realidade espiritual é significada e realizada na celebração litúrgica da *consecratio virginum*, com a qual a Igreja implora sobre as virgens a graça de Deus e a efusão do Espírito Santo. Em tal rito, as consagradas expressam o *sanctum propositum*, ou seja, a firme e definitiva vontade de perseverar por toda a vida na castidade perfeita e no serviço de Deus e da Igreja, no seguimento de Cristo como propõe o Evangelho para dar ao mundo um vivo testemunho de amor e ser sinal evidente do Reino futuro. O *propositum* das consagradas é acolhido e confirmado pela Igreja através da solene oração do Bispo, o qual invoca e obtém para elas a unção espiritual, que estabelece o vínculo esponsal com Cristo e o novo título as consagra a Deus.⁸

Portanto, o santo propósito declarado pela consagrada indica a vontade de doação total a Deus, que se realiza na disponibilidade ao “seguimento de Cristo proposto no Evangelho” (PC, n. 2). Essa norma fundamental da vida religiosa está contida na segunda interrogação que o bispo dirige à consagrada durante o rito: “Quereis seguir o Cristo conforme o Evangelho, de tal modo que a vossa vida seja um testemunho de caridade e um sinal eloquente do Reino do Céu?” (PR, n. 17). A consagrada, como é afirmado no cânon 604, expressa o propósito de uma perfeita *sequela Christi*, pressupondo uma vida conforme o seguimento de Cristo e, portanto, assumindo implicitamente os três conselhos evangélicos, mesmo se, formalmente, é declarado somente o da castidade perfeita.

3.1.3 A consagração

A figura do bispo diocesano é essencial, pois a pertença à Diocese constitui uma dimensão qualificante do *Ordo Virginum*. Como já vimos, elas não são religiosas, não são membros de um Instituto secular, não fazem referência a um fundador ou fundadora, não assumem uma regra monástica ou um estatuto de vida religiosa, não se reúnem em comunidade e não têm superiores ou superioras. São leigas consagradas.

É tarefa do Bispo diocesano acolher como dom do Espírito as vocações à consagração no *Ordo Virginum*, promovendo as condições para que o enraizamento das consagradas na Igreja a ele confiada contribua ao caminho de santidade do povo de Deus e à sua missão. Em continuidade com a antiga tradição eclesial, o *Ordo consecrationis virginum* delinea a figura do Bispo diocesano não somente na sua tarefa de sacerdote dispensador da graça divina, mas também como mestre que indica e confirma o caminho de fé, como pastor que cuida com amor das pessoas a ele confiadas. A solicitude pastoral em relação ao *Ordo Virginum* é, de fato, parte do ministério ordinário de santificação, de ensinamento e de governo do Bispo diocesano, e o empenha seja em relação a cada consagrada e às mulheres que aspiram a receber

⁸ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. 2018, n. 19, tradução nossa.

a consagração, seja em relação ao *Ordo Virginum* da sua Diocese, como *coetus* de pessoas.⁹

A ligação que se estabelece entre a consagrada e o bispo diocesano é de natureza litúrgica e mística. Está fundamentada à luz do mistério contido no rito de consagração, o quer dizer que a ligação fundamental dela é com Cristo, mas é o bispo que na comunidade local representa o Esposo da Igreja, da qual a consagrada é imagem.

Em relação às consagradas, o Bispo diocesano exercita o cuidado pastoral encorajando as virgens a viver em alegre fidelidade a própria vocação, fazendo-se atento às exigências da caminhada de cada uma e verificando que tenham a disposição instrumentos idôneos para a formação permanente.¹⁰

Compete ao bispo diocesano o discernimento sobre a autenticidade da vocação ao *Ordo Virginum*, a admissão ao Rito de consagração, a presidência da *consecratio*, a definição das modalidades com que cada uma viverá sua consagração e o cuidado da formação permanente das consagradas.

Como responsável da admissão à consagração, o Bispo diocesano preside ao recolhimento dos elementos de conhecimento de cada candidata, estabelece as modalidades com as quais desenvolver um adequado percurso de formação e leva para frente o discernimento vocacional.¹¹

É importante que a consagrada e o bispo tenham a atenção de manter um espaço de encontro e de confronto no qual ela seja acompanhada por ele. No que diz respeito o relacionamento existente entre os dois, deveria ser direto e imediato, ou seja, sem intermediários.

A introdução geral do Rito, especificamente no número 5 do texto, atribui ao bispo ordinário do lugar a responsabilidade da admissão de mulheres à *consecratio virginum*. Consequentemente, deve-se considerar que lhe cabe seja o discernimento final como a decisão sobre a admissão, mas também a tarefa de dar orientações fundamentais sobre a caminhada formativa. “(...) Que sejam admitidas à consagração pelo Bispo Ordinário do lugar. Cabe ao Bispo determinar o modo e as condições pelas quais as virgens que levam vida secular obrigar-se-ão a abraçar perpetuamente a vida virginal.” (PR, n. 5)

⁹ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA, 2018, n. 46, tradução nossa.

¹⁰ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA, 2018, n. 48, tradução nossa.

¹¹ CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA, 2018, n. 47, tradução nossa.

A admissão pressupõe a verificação das condições requeridas na Introdução do Rito, a saber:

- a) que nunca tenham contraído núpcias, nem vivido pública ou manifestamente em estado contrário à castidade;
 - b) que pela idade, prudência e bons costumes reconhecidos por todos, deem garantia de perseverança na vida de castidade, dedicada ao serviço da Igreja e do próximo.
- (PR, n. 5)

Para a verificação desses pressupostos, o bispo pedirá e considerará os pareceres de pessoas que acompanharam e participaram da formação humana, espiritual, teológica e a experiência eclesial. Deve, portanto, assegurar, primeiramente, que a candidata nunca tenha se casado. A Introdução Geral do Rito não se adentra em questões como a consumação do matrimônio, e não faz distinção entre matrimônio válido ou inválido, civil ou religioso. A norma parece, portanto, excluir da consagração as mulheres que emitiram um consenso nupcial bem como aquelas que não assumiram o estado conjugal por nulidade do matrimônio.

A lógica dessa norma parece afirmar sobre a necessidade de reconhecer no testemunho das consagradas a capacidade de um “coração indiviso”, ou seja, que nunca tenham decidido, com um ato de vontade livre, de unir-se a um homem com um consenso de tipo matrimonial, mas caracterizado pelo amor único pelo Esposo divino.

Além disso, deverá também verificar os requisitos pertinentes à idade, à prudência e à conduta moral. Não é colocada uma idade mínima, embora seja fundamental avaliar a maturidade da candidata, que considere também os testemunhos de pessoas que tenham um conhecimento direto e possam expressar uma avaliação de estima e confiança.

A admissão à *consecratio virginum* não representa um direito subjetivo. Portanto, a candidata que porventura não é admitida não tem muitas possibilidades de recurso contra o ato do bispo, a não ser que considere que as informações que ele recebeu não sejam verdadeiras. Contudo, o bispo não deveria negar a consagração se não for por motivos graves, mesmo porque tem o dever de favorecer as vocações à vida consagrada, conforme encontramos no Cânon 385: “O Bispo diocesano incentive ao máximo as vocações para os diversos ministérios e para a vida consagrada, tendo especial cuidado com as vocações sacerdotais e missionárias” (CDC).

A consagração no *Ordo Virginum* é, como podemos constatar, por sua natureza perpétua e definitiva, e não há compromissos ou votos temporários. A prudência sugere, dessa forma, que a celebração seja precedida por um adequado período de formação inicial e de avaliação sobre a solidez do propósito de viver castamente, sobre a capacidade de estabelecer relações serenas e de inserção na comunidade eclesial e civil.

Cada diocese na qual o *Ordo Virginum* está presente é convidada a formular orientações apropriadas, para oferecer uma pista para a realização da consagração, num caminho que é e permanece pessoal.

Ao bispo ainda compete também a tarefa de indicar às consagradas as diretrizes fundamentais, dentro das quais cada uma delas estabelece livremente um projeto pessoal de vida e as obrigações que pretendem seguir, para preservar em modo fecundo o santo propósito.

3.1.4 Rito litúrgico

O Concílio Vaticano II estabeleceu que o antigo rito da *Consecratio Virginum*, um dos mais preciosos tesouros da liturgia romana, fosse revisto para adequá-lo à reflexão que foi feita sobre a Igreja, sobre o ser humano e sobre as realidades terrenas durante o período conciliar. O novo rito foi aprovado por Paulo VI, no dia 31 de maio de 1970, e entrou em vigor no dia 6 de janeiro de 1971.

O rito, mediante o qual as mulheres que vivem no mundo são consagradas em modo pleno e definitivo na Igreja local, é particularmente solene. Além de dar uma explícita confirmação ao propósito das consagradas, põe em evidência como a castidade consagrada no mundo seja um sinal eclesial singular e eficaz, porque contribui a reavivar uma autêntica cultura cristã e a ajudar o povo de Deus a redescobrir os valores evangélicos.

De modo especial favorecem igualmente a santidade da Igreja os múltiplos conselhos que no Evangelho o Senhor propõe à observância dos seus discípulos. Entre eles sobressai o precioso dom da divina graça que é dado a alguns pelo Pai (Mt 19,11; 1Cor 7,7), para que na virgindade ou no celibato se consagrem mais facilmente com indiviso coração (1Cor 7,32-34) somente a Deus. Esta perfeita continência pelo amor do Reino dos céus sempre foi tida pela Igreja em singular estima, como sinal e estímulo da caridade e fonte peculiar de fecundidade espiritual no mundo. (LG, n. 42)

O RCV se insere na celebração eucarística. “É conveniente que a consagração das virgens se realize na oitava de Páscoa, nas solenidades, sobretudo nas que comemoram os mistérios da Encarnação, nos domingos e nas festas de Nossa Senhora ou das santas Virgens”. (PR, n. 8).

O conteúdo da rubrica reflete substancialmente a praxe tradicional, e um critério teológico preciso orienta a escolha dos dias: o caráter esposal do mistério celebrado. Primeiramente a páscoa de Cristo, de cujo lado aberto nasceu a igreja-esposa (SC 5); o natal, memória da encarnação em que o verbo uniu esposalmente a si a natureza humana o domingo, dia nupcial porque *anamnese* semanal do Espírito do Ressuscitado. Depois, as solenidades de sta. Maria, expressão mais do que qualquer

outra eminente da *virgo sponsa Verbi*, modelo e quase hipóstase da igreja-esposa; as festas das santas virgens, que viveram no seu ser – no espírito e na carne – o evento nupcial Cristo-igreja.¹²

É previsto que a consagração aconteça na igreja sede da cátedra episcopal. Essa escolha também segue um critério teológico, pois, de fato, a catedral é considerada a “esposa” do bispo, ele que é o símbolo de Cristo Esposo. Deste modo, é expresso também que o carisma do *Ordo Virginum* é ligado à Igreja local e a consagrada irá dedicar-se ao serviço da Diocese.

O rito de consagração se desenvolve entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística e prevê sete momentos, que seguem.

A) O chamado das virgens. B) A homilia ou alocução, expondo ao povo e às virgens a excelência da virgindade. C) O diálogo, no qual o Bispo pergunta às virgens se querem perseverar no propósito de virgindade e receber a consagração. D) A ladainha, rogando a Deus Pai e pedindo a intercessão da Santíssima Virgem Maria e de todos os santos. E) A renovação do propósito de castidade. F) A solene consagração das virgens, pela qual a Mãe Igreja suplica ao Pai do céu que derrame sobre as virgens os dons do Espírito Santo. G) A entrega das insígnias da consagração que manifestam exteriormente a consagração interna. (PR, n. 7).

No momento central da ação de graças eucarística, as consagradas são confiadas ao Pai, para que, unindo-se ao sacrifício do Filho na potência do Espírito Santo, aprendam a fazer de toda a vida uma oferenda agradável a Deus.

A celebração da consagração das virgens é o momento em que se realiza e se apresenta um caminho de salvação muito específico. O rito, na sua forma mais simples, tem como objetivo expressar o sentido que uma vida recebe e introduzir a um estilo de vida que proclama a beleza de viver. As consagradas se tornam sinais vivos de um Deus que está presente na história, que caminha ao lado de cada ser humano, que não abandona ninguém, sobretudo os mais necessitados do seu amor.

3.1.5 *Sponsa Christi*

A expressão “misticamente desposadas com Cristo” faz notar o cerne do significado da consagração das virgens. Claramente, trata-se de dar um destaque ao valor simbólico da entrega, mas não são elementos exclusivos do *Ordo Virginum*. O relacionamento nupcial com Cristo, evidenciado de uma maneira, diz respeito a todos os consagrados, contudo, certamente, nessa forma de vida consagrada, essa dimensão é mais forte, mais peculiar e a que melhor qualifica a sua identidade carismática.

¹² CALABUIG; BARBIERI, 1992, p. 241.

O chamado à vida consagrada é um dom gratuito que vem do alto, portanto, antes de ser uma condição humana, é uma atribuição divina, uma realidade intratrinitária.

Assim, este especial «seguimento de Cristo», em cuja origem está sempre a iniciativa do Pai, reveste uma conotação essencialmente cristológica e pneumatológica, exprimindo de forma muito viva o caráter trinitário da vida cristã, da qual antecipa de algum modo a realização escatológica, para onde tende a Igreja inteira. (VC, n. 14)

O Pai é a origem de toda a vocação cristã, é Ele quem chama as consagradas, quem inspira nelas o propósito, quem acende no coração a chama da castidade. O elemento específico é a união esponsal da consagrada a Cristo, o Esposo da Igreja e da humanidade. A natureza esponsal da *Consecratio Virginum* está presente em toda a liturgia. De fato, na homilia, o bispo assim se expressa:

O Espírito Santo, pela água fecunda do Batismo, fez de vossos corações templos de Deus; hoje, por nosso ministério vos enriquece com nova unção espiritual e vos consagra a Deus por novo título. Elevando-vos à dignidade de esposas de Cristo, une-vos ao Filho de Deus por um laço indissolúvel. (PR, n. 16)

A consagrada, portanto, participa do mistério nupcial por meio de um chamado específico, ao qual responde ativamente entregando-se a Jesus Cristo. Sob a ação do Espírito Santo, invocado pela Igreja no rito litúrgico e que a constitui esposa de Cristo, renuncia às núpcias humanas, mas alcança igualmente a realidade profunda simbolizada pelo matrimônio, ou seja, a união esponsal entre Cristo e a Igreja. Assim sendo, podemos constatar que o carisma da Ordem das Virgens se espelha na imagem da Igreja-Esposa, figura essa que tem o seu fundamento bíblico-teológico. Efetivamente, o Concílio Vaticano II usa a imagem da esposa referindo a Igreja:

A Igreja é chamada também “Jerusalém celeste” e “nossa mãe (Gal 4,26; Ap 12,17). É ainda descrita como a esposa imaculada do Cordeiro imaculado (Ap 19,7; 21,2.9; 22,17). Cristo “amou-a e por ela se entregou, para santificá-la” (Ef 5,26); associou-a a Si por uma aliança indissolúvel e incessantemente “a nutre e dela cuida” (Ef 5,29); tendo-a purificado, a quis unida e sujeita a Si no amor e na fidelidade (Ef 5,24); enfim, cumulou-a para sempre de bens celestes para que compreendamos a caridade de Deus e de Cristo, para conosco, que ultrapassa todo o conhecimento. (LG, n. 6)

Do ponto de vista jurídico, é o rito de consagração que a constitui, na Igreja e diante da Igreja, como esposa de Cristo. O Espírito Santo que é invocado faz da virgem uma nova realidade, ou seja, a esposa, assim como o Espírito agiu em Maria, na encarnação do Verbo.

3.1.6 A escolha de servir

A vida de consagração que comporta a escolha da castidade é vocação ao amor, que se torna missão. Certamente, a consagrada vive o seu relacionamento esponsal com Cristo, não simplesmente como um fato místico e espiritual individual, mas dentro de um contexto eclesial, tendo como referência o bispo diocesano, assumindo a realidade, as experiências e as iniciativas com espírito de comunhão e de partilha.

No tocante a uma ação apostólica específica, é necessário expressar que uma atividade pastoral pode ser pedida, mas não pode ser considerada como uma imposição. Na introdução geral do rito de consagração, encontramos descritos alguns deveres das consagradas do *Ordo Virginum*:

Devem, pois, as virgens cristãs, conforme a condição e o carisma de cada uma, entregar-se às obras de penitência e de misericórdia, à atividade apostólica e à santa oração. Para o cumprimento desse dever de oração, recomenda-se instantemente às virgens consagradas que recitem todos os dias o Ofício Divino, sobretudo Laudes e Vésperas. Assim, unindo sua voz à de Cristo, sumo Sacerdote, e à da Santa Igreja, louvarão sem cessar o Pai do céu e intercederão pela salvação do mundo inteiro. (PR, n. 2)

Destarte, uma das atribuições primordiais que a Igreja confia à consagrada é a oração, a contemplação. Podemos usar o ícone bíblico de Maria sentada aos pés do Mestre em escuta e adoração (Lc 10,39) como imagem que nos ajuda a vislumbrar essa perspectiva orante e contemplativa da consagrada do *Ordo Virginum*. É a partir do relacionamento de amor, pessoal e exclusivo, que a consagrada cultiva com o seu Senhor, que nascem posteriormente as obras de penitência e de misericórdia e, conseqüentemente, a atividade apostólica como tarefa atribuída.

São João Paulo II assim falou em ocasião do XXV aniversário da promulgação do novo rito para a consagração das virgens:

Cabe ainda às virgens que se façam mãos operosas de generosidade da Igreja local, voz da sua oração, expressão da sua misericórdia, socorro dos seus pobres, consolação dos seus filhos e das suas filhas aflitos, sustento dos seus órfãos e das suas viúvas. [...] Amais os filhos de Deus. O vosso amor total e exclusivo por Cristo não vos desvieis do amor para com todos os homens e todas as mulheres, vossos irmãos e irmãs, porque

os horizontes da vossa caridade – porque justamente sois do Senhor – são os mesmos horizontes de Cristo.¹³

A consagração das virgens não se realiza na perspectiva do exercício de um apostolado específico, como pode ser uma pastoral social, entre outras, mas faz com que a pessoa, movida pelo amor a Cristo e à Igreja, seja dedicada ao serviço apostólico. Falou-se sobre a tríplice faceta do serviço à Igreja, isto é, oração, penitência e apostolado. De acordo com o carisma de cada consagrada, será enfatizado um ou outro aspecto do serviço. A escolha será uma questão de inclinação pessoal, de qualificação e, também, da necessidade da Diocese à qual pertence.

3.1.7 Possível associação das consagradas

Encontramos no parágrafo 2 do Cânon 604: “Para cumprir mais fielmente seu objetivo e aprimorar o serviço à Igreja, adequado a seu estado, mediante ajuda mútua, as virgens podem se associar”.

O tema sobre a associação das virgens consagradas foi muito discutido, durante e após a preparação do Cânon 604. Podemos evidenciar primeiramente que o Código diz “*consociari possunt*”, ou seja, podem e não devem se associar. Portanto, a escolha é da consagrada. Compreende-se, portanto, que o bispo ou outra autoridade, em nenhum caso, pode obrigar a consagrada a entrar em uma associação ou instituto. De fato, a pertença à Ordem das Virgens não depende da adesão a uma associação, mas é consequência da adesão à *Consecratio Virginum*.

Para ter a ajuda assegurada através de uma vida fraterna, para uma resposta mais fiel ao compromisso assumido e um apoio no serviço à Igreja, bem como para os outros benefícios mencionados no Cânon 602, as virgens consagradas podem se associar seja de fato, como também de direito.¹⁴

É importante evitar, no caso de formas associativas para as consagradas, o perigo de transformar a habitação em estruturas que imitem as comunidades religiosas. As associações das consagradas da Ordem das Virgens podem ter formas e estilos diferentes, com estruturas elásticas que não ameacem, substancialmente, a liberdade de autodeterminação da consagrada

¹³ JOÃO PAULO II, PAPA. Discurso di Giovanni Paulo II alle partecipanti al Convegno Internazionale dell’*Ordo Virginum* nel 25° anniversario della promulgazione del Rito. Roma, 2 de junho de 1995. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1995/june/documents/hf_jp-ii_spe_19950602_ordo-virginum.html. Acesso em: 20 nov. 2019, tradução nossa.

¹⁴ GAMBARI, Elio. I religiosi nel Codice – commento ai singoli canoni. Milano: Ancora Milano, 1986. p. 100, tradução nossa.

no próprio estilo de vida e atividade. Igualmente no que se refere aos bens pessoais, a consagrada deve ser livre de administrá-los como melhor entende.

O Cânon 604 § 2 especifica que o objetivo de uma possível associação das consagradas do *Ordo Virginum* é para uma ajuda recíproca na realização do propósito e uma colaboração no serviço à Igreja.

Concluindo, é necessário afirmar que o Direito Canônico considera que a consagrada do *Ordo Virginum* é livre de decidir o modo com o qual estruturar sua vida, porque é este mesmo o modo de viver específico dessa forma de vida.

3.2 Solene Oração Consecratória ¹⁵

À consagração subjetiva (renovação do propósito) segue a consagração objetiva da Igreja (oração consecratória), por meio da qual é pedido ao Pai o dom do Espírito Santo para que se realize as santas núpcias com Cristo.

A oração de consagração, chamada de *Deus castorum corporum*, presente no rito da *Consecratio Virginum*, é atestada desde a antiguidade e atribuída a São Leão Magno, sendo contemporânea à bênção da “*velatio nuptialis*” para o matrimônio.

Ela contém uma rica teologia do mistério da virgindade que é estreitamente relacionado ao mistério do matrimônio.

A solene oração segue o momento memorial-epiclético da consagração. A memória das “*mirabilia Dei*” na história da salvação proclamado na celebração litúrgica, ritualiza aqueles grandes gestos salvíficos e, acrescentando a aos gestos este novo “*mirabilia*” da consagração virginal introduz a consagrada com um novo e especial título na história da salvação animada e guiada pelo Espírito Santo. A oração, salvo algum pequeno retoque, é substancialmente aquela venerável e antigüíssima do Sacramentário Veronese atribuída a São Leão Magno.¹⁶

A consagração de uma pessoa não é algo espontâneo, uma iniciativa pessoal ou uma oferta individual. É inserida na história de um Deus que salva, que toma a iniciativa, chama, convida a partir. Ele é o “inspirador”, como diz a oração de consagração.

Há um outro elemento importante para ser considerado e que coloca em evidência a iniciativa de Deus: o chamado divino é um dom, portanto, é Deus que consagra, que doa à

¹⁵ Utilizaremos a Oração Solene de consagração das virgens, que se encontra no Pontifical Romano, n. 24. p. 300-303.

¹⁶ ESPOSITO, Salvatore. *L'Ordo Consecrationis Virginum – Un esempio di revisione voluto dalla Sacrosanctum Concilium*. Rivista di Teologia Asprenas, Napoli, v. 50, nn. 2-4, p. 429-430, dic. 2003, tradução nossa.

pessoa a capacidade de se entregar com todas as forças para Ele. De fato, um dos versos facultativos da Oração de Consagração, expressa a pergunta a Deus:

Como poderia o espírito humano
dominar as inclinações da natureza,
os excessos da liberdade,
o peso da rotina
e os impulsos da juventude,
se vós mesmo, ó Pai,
não tivésseis acendido esta chama,
alimentado este desejo
e dado esta fortaleza?

Segue-se, a partir desse momento, o texto da oração normalmente. Fizemos a opção de não citar somente os dois versos facultativos, pois a tradução em português nem sempre consegue expressar a beleza do original em latim e a intensidade de algumas expressões. Entretanto, a densidade do conteúdo é possível ser compreendida a partir de uma leitura orante e contemplativa.

Essa composição segue o esquema tripartite das orações de consagração, ou seja, a anamnese, a epíclese e a intercessão. A solene oração, sempre dirigida ao Pai, procura abranger todo o mistério da salvação, considerando também o evento que está para acontecer.

Ó Deus, vós habitais os corpos castos
e amais as almas puras.
Em vosso Verbo,
pelo qual tudo foi feito,
de tal modo restaurais a natureza corrompida
pela fraude do demônio,
que não só lhe restituís,
a inocência original,
mas lhe concedeis a experiência
de bens da vida eterna,
tornando semelhantes aos anjos
os simples mortais.

Essa primeira parte da oração glorifica a Deus pela obra da criação e da redenção, pelo retorno do ser humano à inocência das origens, elevando-o à semelhança dos anjos, da qual a consagrada que vive a castidade é sinal visível, antecipando, em si mesma, a experiência do Reino futuro. É possível observar um convite à contemplação do mistério da encarnação do Verbo como união sponsal entre a natureza divina e a natureza humana.

A grande Oração de Consagração salienta que a castidade é um dom de Deus misericordioso. Como o pão e o vinho se tornam o Corpo e o Sangue do Senhor por meio da consagração e invocação do Espírito Santo, assim a pessoa humana é consagrada.

A castidade consagrada é um dom por uma dúplice consideração que o rito salienta. Em primeiro lugar, antes de ser um fato físico, é uma realidade espiritual. Além disso, simbolicamente significa integridade, incorruptibilidade, honestidade. Sabemos que a natureza humana foi corrompida pelo pecado, por isto, ela é frágil, ambígua e corrupta. Somente pela graça de Deus a pessoa humana pode viver espiritualmente a castidade. Assim, a Oração de Consagração se abre com uma explícita profissão de fé em Deus que toma a iniciativa.

Olhai estas vossas filhas.
Depondo em vossas mãos
seu propósito de castidade,
elas vos oferecem o amor
que vós mesmo inspirastes.

As mulheres, nas quais o Espírito Santo suscita o carisma do *Ordo Virginum*, recebem a graça de uma vocação particular, com a qual Deus Pai as atrai ao coração da aliança nupcial, que, em seu eterno desígnio de amor, quis estabelecer com a humanidade e que se realizou na Encarnação e na Páscoa do Filho.

Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque chegou o tempo das núpcias do Cordeiro, e sua esposa já se preparou. A ela foi dado vestir-se com linho brilhante e puro. (O linho significa as obras justas dos santos). E o anjo me disse: “Escreve: “Bem-aventurados os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro”. Disse-me ainda: “Estas palavras de Deus são verdadeiras”. (Ap 19,7-9)

No verso da Oração acima, vemos que a Igreja pede ao Pai para olhar pelas consagradas, pois, nesse momento, expressam o *sanctum propositum*, ou seja, a firme e definitiva vontade de perseverar por toda a vida na castidade perfeita e no serviço a Deus e da Igreja, seguindo Cristo como propõe o Evangelho, para prestar ao mundo um testemunho vivo do amor e ser sinal transparente do Reino futuro. Nesse sentido, as mulheres são constituídas consagradas, sinal sublime do amor da Igreja para com Cristo, imagem escatológica da Esposa celeste e da vida futura. A pertença exclusiva a Cristo, legitimada com o vínculo nupcial, as associa em modo peculiar ao seu sacrifício redentor.

Na verdade, derramando a vossa graça
em todos os povos,
adotastes de todas as nações
os herdeiros da nova aliança,
incontáveis como as estrelas.

Como todas as vocações cristãs, a das consagradas pertencentes ao *Ordo Virginum* é experiência do diálogo entre a graça divina e a liberdade humana. De fato, a entrega de si mesma

é precedida, sustentada e realizada pela livre e gratuita iniciativa de Deus, fundamentada na vocação batismal de todos os cristãos.

E entre as virtudes dadas a essas criaturas vossas,
que não nasceram do sangue,
nem da vontade da carne,
mas do vosso Espírito,
fizestes jorrar para algumas,
da fonte do vosso amor,
o dom da virgindade.

O dom da castidade, acolhido pela consagrada e confirmado pela Igreja, provém do Pai, por meio do Filho, no Espírito. O Espírito Santo conserva, purifica, cura e eleva a capacidade de amar da pessoa, reconduzindo à unidade todo fragmento de sua história e as diversas dimensões de sua humanidade – espírito, alma, corpo –, para que possa corresponder à graça com a entrega integral e livre da própria existência.

Sem diminuir em nada
a glória do matrimônio,
sobre o qual permanece a primeira bênção,
quisestes, na vossa providência, que certas almas,
renunciando ao sacramento do matrimônio,
aspirassem ao que ele prefigura;
e, abstendo-se das núpcias terrenas,
desejassem o que elas simbolizam.

Um aspecto importante a ser ressaltado é a exaltação da bondade do estado conjugal, proclamando, porém, a excelência da castidade, com a qual a mulher possui no íntimo a realidade do mistério nupcial, visto que vive diretamente a sponsalidade da Igreja com Cristo, realidade da qual o matrimônio é somente um sinal que se expressa na humana relação de casal.

A estas filhas, ó Pai,
que imploram o vosso auxílio
e desejam ser fortalecidas
e consagradas pela vossa bênção,
sustentai e guiai com a vossa proteção.
O antigo inimigo,
que combate os mais nobres propósitos
com os mais hábeis ardis,
e quer obscurecer o brilho da castidade,
não se aproveite de um momento de fraqueza
para roubar às virgens
a fidelidade das esposas.

Nessa segunda parte da oração, encontramos os vários pedidos de intercessão juntos com a invocação do Espírito Santo. O elenco do que se pede é longo, mas não monótono.

Suplica-se para que o Senhor defenda do maligno o grande, embora frágil, dom concedido às consagradas. Depois, segue o pedido de numerosas graças. É a invocação incessante do Espírito Santo para que conceda à consagrada aquelas virtudes que devem adornar sua vida.

Em vossas filhas, ó Pai,
pelo dom do vosso Espírito,
seja prudente a modéstia,
sábia a bondade,
forte a brandura,
casta a liberdade.

Tais virtudes relacionam-se com o comportamento da consagrada, ou seja, bondade, brandura, liberdade.

Sejam ardentes na caridade
e fora de vós nada amem.
Vivam de modo louvável,
mas não desejem louvores.

As virtudes acima se referem ao amor total a Deus e a Cristo, valor absoluto e resposta a todas as exigências vitais da consagrada. Afinal, quem se entrega no *Ordo Virginum* deve estar atenta a perceber as necessidades presentes no contexto em que vive e ser solícita em colocar à disposição do Senhor os dons recebidos, a fim de dar sua contribuição para renovar a sociedade segundo o espírito do Evangelho, assumindo como própria a predileção da Igreja pelos pobres, os mais necessitados e marginalizados.

Sempre vos glorifiquem
pela santidade do corpo
e a pureza da alma.
Por amor vos temam
e por amor vos sirvam.

Este pedido feito a Deus, por meio do Espírito, se refere a como as pessoas olham para a consagrada, com olhar de admiração pela resposta ao chamado de Deus, tornando a consagrada digna de estima. O relacionamento constante com Deus leva sua escolhida ao senso de gratidão pela obra divina, à capacidade de contemplação, ao gosto da beleza, ao cuidado com todas as dimensões da pessoa.

Sede para elas a honra, a alegria e a força:
consolo na tristeza,
conselho na dúvida,
defesa na injustiça,
paciência na adversidade;

abundância na pobreza,
alimento no jejum,
remédio na enfermidade.

Essas virtudes acima se referem ao relacionamento de total entrega e confiança que a consagrada é chamada a construir com Deus. Desse modo, ela aprende do Esposo, manso e humilde de coração, a viver na esperança e no abandono a Deus, acolhendo por toda a vida o amor sponsal do Senhor Crucificado e Ressuscitado.

No lugar de pregar sobre a virgindade, é melhor deixar que outros reconheçam o perfume e façam experiência do seu esplendor e da sua fragilidade; é melhor um testemunho direto, que deixe perceber o sussurro em meio ao barulho da sociedade contemporânea, até a interrogar e, talvez, tocar as pessoas de boa vontade, sensíveis aos apelos do céu.¹⁷

Com o testemunho de sua consagração, recorda a todos que a origem, o sentido e a destinação da história humana se encontram no mistério de Deus, em sua bondade misericordiosa e infinita, no amor que quer alcançar todas as criaturas.

Que em vós tudo encontrem,
pois a tudo vos preferiram.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.

Respondendo a um apelo de Deus, a pessoa consagrada retorna agora para o meio do povo de Deus como uma “nova criatura”, com os traços simples e elevados nela impressos pela ação do Espírito Santo. Assume-se um compromisso muito sério diante de Deus e diante da comunidade cristã. Destarte, uma pessoa, quando chega à entrega de sua vida na forma do *Ordo Virginum*, se compromete a buscar a cada dia uma vida interior profunda e intensa.

O Papa João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, explicou bem sobre a necessidade da ação da graça de Deus na vida da pessoa consagrada.

A resposta da vida consagrada está, antes de mais nada, na prática alegre da castidade perfeita, como testemunho da força do amor de Deus na fragilidade da condição humana. A pessoa consagrada atesta que, aquilo que é visto como impossível pela maioria da gente, torna-se, com a graça do Senhor Jesus, possível e verdadeiramente libertador. Sim, em Cristo é possível amar a Deus com todo o coração, pondo-o acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda criatura! (VC, n. 14)

¹⁷ DANESE, Attilio; DI NICOLA, Giulia Paola. Verginità e Matrimonio – reciprocità e diversità di due vocazioni. Milano: San Paolo, 2000. p. 24, tradução nossa.

A vida consagrada é caracterizada pela radicalidade que abraça toda a existência e todas as dimensões da pessoa. Primeiramente, é importante reiterar que é um dom do Espírito Santo, que se expressa no chamado ao seguimento de Jesus Cristo, por iniciativa do Pai. Portanto, a vida consagrada envolve a pessoa que se consagra no que diz respeito a totalidade de sua vida, por conseguinte, a seu modo de viver, de compreender e de praticar a vida cristã.

Essa entrega se vive no cotidiano e, especificamente no que diz respeito ao *Ordo Virginum*, é concretizada com as características dessa forma de vida consagrada. Manifesta-se, desta forma, a variedade de carismas presentes na Igreja e, assim, a beleza de Deus que se expressa nas mais diversas formas de vida cristã.

4 *SPONSA CHRISTI*: FECUNDIDADE E ALEGRIA NO SENHOR

O chamado, a consagração e o envio são os três momentos que apontam ao caminho da mulher consagrada para a realização de sua vocação. No momento desta investigação e do aprofundamento, é necessário indicar sucessivamente os temas: vocação, consagração e missão; mas, na vivência, o ser e o fazer se compõem conjuntamente.

Exporemos sobre a vivência da vocação ao *Ordo Virginum*, procurando valorizar a consagrada. O fato de ser mulher leva-a a privilegiar a dimensão amorosa, isto é, um amor que se torna missão quando o “gênio feminino” consegue se envolver nas diversas situações das pessoas com as quais ela venha a se relacionar.

Além disso, o carisma do *Ordo Virginum* adquire o significado de um ministério a serviço do povo de Deus quando é vivido na autêntica busca pela santidade.

4.1 Na Igreja e para a Igreja

O Código de Direito Canônico fala explicitamente de Ordem das Virgens. Em seu Cânon 604, não somente retoma uma antiga forma de vida cristã, mas suprime também a proibição, feita no ano de 1921, de consagrar mulheres que vivem no mundo, aprovando e reforçando o valor do novo Rito promulgado em 1970 e que está na origem do citado Cânon. Portanto, o *Ordo Virginum* constitui um estado de vida consagrada, que não é uma das novas formas citadas no Cânon 605.¹ Trata-se, ao invés, de uma renovação muito esperada e finalmente atuada.

A pessoa que, sob o impulso do Espírito Santo, faz a livre opção de se consagrar por meio do rito da *Consecratio Virginum* inicia e leva adiante seu caminho no âmbito da Igreja local. Ela tem como interlocutor o bispo diocesano, que preside a celebração de sua consagração e acompanha seu caminho.

Ainda que a pessoa consagrada *in saeculo viventes* não pertença a nenhum Instituto de vida consagrada, não significa que não deva fazer experiência da dimensão comunitária cristã. É fundamental que a consagrada esteja atenta a tal dimensão que a vida cristã traz consigo, ou

¹ Cânon 605: Reserva-se unicamente à Sé Apostólica aprovar novas formas de vida consagrada. Os Bispos diocesanos, porém, se esforcem para discernir novos dons de vida consagrada confiados pelo Espírito Santo à Igreja; ajudem seus promotores para que expressem e protejam, do melhor modo possível, seus objetivos, com estatutos adequados especialmente usando as normas gerais contidas nesta parte.

seja, na vida paroquial, na inserção profissional e na participação a um grupo de oração ou de atividade apostólica.

Lembrando que a consagração estabelece uma ligação espiritual e pessoal entre a pessoa consagrada e o próprio bispo, como com a Igreja local, com base na ligação com o bispo ordinário, o lugar de vivência na comunidade cristã é a Diocese.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a Ordem das Virgens é reconhecida como forma individual de vida consagrada, semelhante aos Eremitas, e, portanto, distinta dos clássicos Institutos de vida consagrada.

A vida fraterna concebida como vida partilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial. Com particular cuidado, é cultivada pelos Institutos religiosos e pelas Sociedades de Vida Apostólica, onde adquire especial significado a vida em comunidade. Mas a dimensão da comunhão fraterna está presente também nos Institutos seculares e mesmo nas formas individuais de vida consagrada. Os eremitas, na profundidade de sua solidão, não se subtraem à comunhão eclesial, antes pelo contrário, servem-na com o seu específico carisma contemplativo; as virgens consagradas, no século, realizam a sua consagração numa especial relação de comunhão com a Igreja particular e universal. (VC, n. 14)

As consagradas pertencentes ao *Ordo Virginum* vivem uma consagração pessoal. Mesmo se são muitas as pessoas que vivem essa vida, não se pode falar de um carisma comum, como, ao invés, acontece para os membros de um Instituto de vida consagrada.

Para preservar o valor desse carisma individual, as consagradas têm liberdade para organizar suas vidas, de modo tal que cada uma pode responder à própria vocação. Trata-se, porém, de uma liberdade que nasce de um amor que busca ser fiel e fecundo e, por isto, procura sempre novos modos para se expressar. Contudo, essa forma de solidão é para uma plena comunhão com Deus na comunidade eclesial. Assim, o fato de ser uma forma individual de vida consagrada não é sinônimo de individualismo, mas de expressão de um carisma que precisa ser vivido dentro da comunidade diocesana.

Nesta altura de nossa reflexão sobre o *Ordo Virginum*, encontramos-nos diante da dimensão pessoal do carisma, uma característica que precisa ser colocada em evidência para que o espaço de liberdade não seja invadido por um cego individualismo a tal ponto que o dom, recebido do alto, se apague. “Hoje a ética cristã é favorável ao desenvolvimento da originalidade da qual cada pessoa é portadora. A formação não é nivelamento. Ao contrário, o Espírito é mesmo aquele que cria realidades diversas, novas e únicas, mesmo dentro de um mesmo carisma”.²

² MOSCHETTI, Paola. *L'Ordo Virginum*, germoglio di vita cristiana. Siena: Cantagalli, 2008. p. 128, tradução nossa.

O único e idêntico Espírito se revela com seus dons em diversos modos. Escolhe propositalmente homens e mulheres para que vivam diferentes carismas. Assim, estes mostram a grande diversidade que existe. Deste modo, podemos afirmar que duas ou mais pessoas que fazem parte do mesmo carisma podem ser completamente diferentes entre elas no modo de vivenciá-lo. No entanto, devem responder à graça recebida segundo a medida da fé e da caridade que foram comunicadas a cada uma delas pelo mesmo Espírito.

A diversidade natural e sobrenatural se encontram e crescem uma na outra, mas é no Espírito que encontramos a unidade. O único Espírito se comunica ao ser humano, e as várias expressões provêm daquele “um” do Pai e do Filho, que desceu a Jesus e foi enviado pelo mesmo Jesus sobre a Igreja, Ele que sempre intercede, inspira e vivifica.

Neste contexto, parece-nos oportuno trazer aqui o testemunho de uma consagrada de Paris, citada pela autora Paola Moschetti.

Na França, quando nos encontramos, o que mais nos encanta é a nossa unidade e a nossa diversidade. A nossa unidade porque, quando uma consagrada encontra uma outra, se experimenta uma alegria imensa, pois sabemos que vivemos juntas a mesma consagração, no que se refere ao aspecto mais profundo do nosso ser. Por um outro lado, está a nossa diversidade. É verdade, uma diversidade grandíssima, não temos semelhança nenhuma. Somos de lugares diferentes, de culturas diferentes: há enfermeiras, professoras, pessoas que fazem trabalhos mais modestos, mas que, talvez, têm mais valor aos olhos de Deus. Há consagradas muito cultas, outras menos; há catequistas, pessoas que exercem os ministérios mais variados. A consagração das virgens é completamente diferente dos ministérios, mas é também verdade que entre nós muitas levam para frente diversos ministérios. Por exemplo, há uma formadora de animadores, uma outra que é secretária do bispo, outras que são catequistas... Somos ligadas entre nós por uma grande amizade, mas não somos em nenhum modo uma comunidade. Como dizia uma de nós, somos uma “comunhão”, creio que esta seja a palavra que melhor nos define.³

A consagrada que faz parte do *Ordo Virginum*, permanecendo nas condições normais de sua vivência cristã em sua cotidianidade, mantendo-se com o próprio trabalho, ama, reza, serve mediante os próprios dons que coloca à disposição concretamente na Igreja local.

É possível, ainda, encontrar consagradas que assumiram um estilo de vida eremítico, mais dedicado à oração e contemplação, como também quem desenvolve atividades profissionais e pastorais que ocupam muito tempo de suas vidas.

A virgem consagrada expressa na Igreja e chama a atenção de todos à relação de amor com Cristo, indicada no Novo Testamento e na *Traditio*, na metáfora da Igreja esposa de Cristo. Antes de cada ação que possa realizar e além de qualquer ministério ou função que possa assumir, pelo *propositum* formulado e a consagração recebida pelas

³ MOSCHETTI, 2008, p. 129, tradução nossa.

mãos do bispo, a virgem consagrada manifesta pela sua própria identidade este traço fundamental da identidade da Igreja: a relação de amor com Cristo Senhor.⁴

Há uma grande variedade de dons e serviços num único carisma. À luz de tudo o que expusemos até agora, podemos afirmar que o aspecto fundamental, para quem adere a esta forma de vida, é o rito litúrgico que une misticamente a pessoa a Cristo. Consagrada pelo Espírito, torna-se figura da Igreja que abraça uma variedade de carismas, num só Espírito.

4.2 O júbilo da consagração

Onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e os religiosos, os jovens há sempre alegria, há sempre júbilo! É a alegria do vigor, é a alegria de seguir Jesus; a alegria que nos dá o Espírito Santo, não a alegria do mundo. Há alegria! Mas — onde nasce a alegria? A alegria nasce da gratuidade de um encontro! É ouvir-se dizer: «Tu és importante para mim», não necessariamente com palavras. Isto é bonito... E é precisamente isto que Deus nos faz compreender. Ao chamar-vos, Deus diz-vos: «Tu és importante para mim, eu amo-te, conto contigo». Jesus diz isto a cada um de nós! Disto nasce a alegria! A alegria do momento no qual Jesus olhou para mim. Compreender e sentir isto é o segredo da nossa alegria.⁵

A escolha de iniciar com as palavras do Papa Francisco parte do fato de que a palavra *alegria* é muito recorrente em seu Pontificado, sobretudo quando se dirige a todos os cristãos e, particularmente, aos consagrados e consagradas. Para estes últimos, a palavra “alegria” é apresentada com várias declinações e nuances em referência à identidade da vida consagrada, à origem e ao fundamento da vocação das pessoas envolvidas na ação missionária da igreja.

Ele propõe a alegria como sentimento que deveria acompanhar a vivência de todos os cristãos que progredem na consciência da vida cristã como vocação. Esse sentimento é necessariamente a expressão incisiva da vivência daqueles que, consagrando-se, escolhem seguir o Senhor “em modo especial, em modo profético”.⁶

No início da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, dirigida a todos os cristãos, o Papa afirma que Jesus Cristo é a fonte da alegria para todos aqueles que se encontram com Ele. Mas vemos que esse anúncio e convite à alegria é amplificado, genuinamente, quando Francisco se dirige especificamente aos consagrados e consagradas.

⁴ NOCETI, Serena. I 40 anni anni dell’*Ordo Virginum*. Il Regno, Bologna, n. 1092, p. 62, gen. 2011, tradução nossa.

⁵ FRANCISCO, Papa. Palavras do Papa Francisco no encontro com os seminaristas, os noviços e noviças na Sala Paulo VI. Roma, 6 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_incontro-seminaristi.html. Acesso em: 13 jan. 2020, tradução nossa.

⁶ FRANCISCO, 2013c, tradução nossa.

A vida consagrada não cresce se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo.⁷

Essas palavras, unidas à paixão e ao entusiasmo, despertam a atenção sobre a beleza e a dignidade da vida consagrada. No geral, os documentos eclesiais sobre a consagração atestam o valor testemunhal da alegria. É expressão do chamado à santidade da Igreja que deve se manifestar “nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis” (LG, n. 39). Destarte, a alegria é dom do Espírito Santo e se torna o sinal do testemunho da vida em Cristo, escolhido como único horizonte existencial das pessoas consagradas.

A resposta da vida consagrada está, antes de mais, na prática alegre da castidade perfeita, como testemunho da força do amor de Deus na fragilidade da condição humana. A pessoa consagrada atesta que aquilo que é visto como impossível pela maioria das pessoas, torna-se, com a graça do Senhor Jesus, possível e verdadeiramente libertador. Sim, em Cristo é possível amar a Deus com todo coração, pondo-o acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda criatura! Este testemunho é hoje mais necessário que nunca, exatamente por ser tão pouco compreendido pelo nosso mundo. (VC, n. 88)

O sentimento da alegria, portanto, não é um superficial estado interior emotivo, mas é o sinal da fé e da esperança. Surge como fruto da graça, do encontro com Cristo, já no percurso atual e na perspectiva escatológica. Ela nasce da pertença a Cristo, princípio necessário da vida de quem se consagra a Deus com o coração íntegro.

A beleza de viver em Cristo não é visível sem a alegria. Ao contrário, todas as formas de preguiça e de insatisfação se mostrarão antitestemunho da boa notícia evangélica. Um testemunho que significa estar no mundo com a própria humanidade, feita de corpo, mente e coração.

Consideramos importante reiterar que a alegria nasce da pertença a Deus, do testemunho e da partilha do encontro com o Filho de Deus.

Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando

⁷ FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada, cap. 2, n. 1. Brasília: CNBB, 2015. p. 19.

alguém dá um passo pequeno em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. (EG, n. 3)

4.3 Dimensão escatológica

A vida consagrada, além de ser expressão do seguimento de Jesus Cristo, contém uma clara dimensão escatológica.

A existência do Reino de Deus nos dá o fundamento e a justificação da vida entregue. Entretanto, ele tem características que hoje são expressas da seguinte maneira: “já” e “ainda não”, visto que *já* está no nosso meio, conforme encontramos nas narrações evangélicas: “já chegou até vós o Reino de Deus” (Lc 11,20). Mas, num outro sentido, o Reino de Deus *ainda não* chegou, e é por este motivo que na oração assim nos expressamos: “venha o teu Reino” (Lc 11,2). Uma vez que o Reino de Deus já chegou, porque com Jesus Cristo a salvação final já está acontecendo, é possível que algumas pessoas, chamadas por Deus, escolham, desde já, viver como se vive na condição final do Reino, explicada pelo próprio Jesus no Evangelho segundo Lucas:

Jesus respondeu-lhes: Os homens e as mulheres neste mundo casam-se e são dadas em casamento, mas os que forem julgados dignos de participar do mundo vindouro e da ressurreição dos mortos, não se casam nem são dados em casamento. Com efeito, já não podem morrer, pois são iguais aos anjos; são filhos de Deus, porque pertencem à ressurreição. Que os mortos ressuscitam também foi mostrado por Moisés, na passagem da sarça ardente, quando chama o Senhor de *‘Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó’*. Ele é Deus não dos mortos, mas de vivos, pois todos vivem para ele. (Lc 20, 34-38)

Esta é a segunda parte do trecho do Evangelho segundo Lucas, no qual Jesus responde a uma questão que lhe foi posta pelos saduceus que, diferentemente dos fariseus, não acreditavam na ressurreição dos mortos. Ele responde muito bem à pergunta, deixando os seus interlocutores impossibilitados de refutar seus argumentos, afirmando a existência da vida após a morte, inclusive, dando detalhes de como será esta vida: “iguais aos anjos”.

A segunda parte da resposta de Jesus refere-se à autoridade de Moisés, para afirmar de maneira inequívoca o fundamento da fé no “Deus dos pais”, o “vivente”, que mantém uma relação de comunhão atual com todos os justos também além da morte. Para os cristãos que leem o evangelho de Lucas, esta afirmação tem sólida fundamentação na certeza de que Jesus é o “vivente” para Deus, além da morte. Todos os fiéis participam agora nesta comunhão vital, que nem a morte pode interromper.⁸

⁸ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. Os Evangelhos (II). São Paulo: Loyola, 1992. p. 199.

Encontramos, nas palavras de Jesus, uma explicação muito clara sobre a vida escatológica, apresentada como uma forma para além da realidade histórica do matrimônio. Podemos afirmar que a vida consagrada, sobretudo no que se refere à esfera da castidade, é uma antecipação terrestre da escatológica e um símbolo real, ou seja, é uma realidade-sinal. Como realidade, ela proclama, só pelo fato de existir e sem necessidade de palavras, qual será a condição final da humanidade redimida, quando as relações humanas serão vividas de outra forma e os nossos corpos serão glorificados. Como sinal, a vida consagrada remete para o Absoluto que é Deus, proclamando a transitoriedade deste mundo.

Muito se discutiu no passado se a vida consagrada devia ser considerada um estado de vida mais perfeito em relação ao matrimônio. Certamente, não é justo considerar que haja uma superioridade ontológica, pois cada uma das vocações é um caminho que leva à santidade e à perfeição na caridade. No entanto, no que se refere à escatologia, podemos afirmar que a vida consagrada coloca, de fato, as pessoas em um estado mais avançado em relação à condição de quem vive a vida matrimonial.

À luz de quanto foi exposto até aqui, podemos afirmar que a vida consagrada é uma realidade escatológica que se torna um sinal que preconiza sobre os últimos tempos que estão presentes no mundo, mesmo se ainda não plenamente revelados.

É verdade, entretanto, que ela, mesmo explicada com esta objetividade, vive ainda em uma condição “carnal”, que necessita de uma constante atitude de vigilância. Isto quer dizer que a realidade da vida consagrada é um sinal, mas ainda opaco em relação à revelação de o que realmente será a condição dos ressuscitados.

É um testemunho direcionado a manter viva a consciência eclesial (e não somente) de que “somos cidadãos do céu” (Fl 3,20), superando a pretensão de querer manter os horizontes da vida somente nos confins deste mundo. O paradoxo está no fato de que é possível ver tal testemunho neste mundo. Assim, a vida consagrada edifica o Reino de Deus hoje, no “já”, não obstante o “ainda não”.

As pessoas chamadas realizam a vocação não acima ou fora das realidades humanas, mas no coração delas, como sinal profético do Reino de Deus. É oportuno apresentar uma passagem de um texto de Teilhard de Chardin, no qual ele escreve sobre a espera ativa de nós cristãos relativamente à escatologia.

A espera – a espera ansiosa, coletiva e atuante de um fim do mundo, isto é, de uma saída ou um desfecho airoso para o mundo – é a função cristã por excelência e o traço mais distintivo da nossa religião.

Historicamente, a expectativa nunca cessou de guiar, como um facho, os progressos de nossa fé. Os Israelitas foram perpétuos expectantes – e os primeiros cristãos também. Porque o Natal que, segundo parece, deveria ter virado os nossos olhares para os concentrar no passado, não faz senão lançá-los para mais longe ainda e para diante. Aparecendo um momento entre nós, o Messias não se deixou ver nem tocar senão para se perder, ainda de novo, mais luminoso e inefável, nas profundezas do futuro. Ele veio. Mas agora devemos esperá-lo outra vez de novo, não já só um grupinho escolhido, mas todos os homens, mais do que nunca. O Senhor Jesus só virá depressa quando o esperamos muito. É uma acumulação de desejos que fará eclodir a Parusia.

Cristãos, encarregados, a seguir Israel, de conservar sempre viva na Terra a chama do desejo, só vinte séculos depois da Ascensão, que fizemos nós desta espera?⁹

É imediato encontrar uma analogia entre o texto de Chardin e a vida consagrada. Esta remete às realidades últimas, é um sinal luminoso do que irá por vir.

4.4 Dimensão profética

Logo depois do Concílio Vaticano II, são numerosas as intervenções dos Sumos Pontífices sobre o tema da mulher na Igreja e na sociedade. Grande número de cartas, de discursos, de mensagens expressa que muito trabalho de reflexão foi feito. Algumas palavras do Concílio podem nos explicar o motivo desse grande interesse.

Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática. (GS, n. 4)

Isto posto, podemos afirmar que a preocupação e o interesse da Igreja pela mulher devem ser interpretados em continuidade com o Vaticano II. Foram as mudanças sociais e culturais do século XX que suscitaram esta nova reflexão.

No final do Concílio, Paulo VI escreveu uma mensagem dirigida às mulheres. A mensagem tem grande valor, porque reconhece a inserção e a influência femininas na sociedade. Trata-se de uma breve mensagem, da qual trazemos aqui uma parte.

Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui. É por isso que, neste momento em que a humanidade

⁹ CHARDIN, Pierre Teilhard. O meio divino. Lisboa: Presença, [19--]. p. 178-179.

sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto trabalhar para ajudar a humanidade a não decair.¹⁰

Esta “profunda transformação” do modo de conceber a presença feminina na Igreja e na sociedade é visto como um sinal dos tempos e, como todo sinal, é um chamado de Deus que requer reconhecimento e conversão. Reconhecer a vocação divina significa colocar-se diante do sinal com um olhar de fé, sem esconder as dificuldades, mesmo porque a missão nunca existiu sem dificuldades.

Muitos dos temas e das preocupações em relação à mulher são os mesmos de Paulo VI até Bento XVI. Reflexões foram muito desenvolvidas, tais como: o fundamento antropológico, o grande esforço para defender a dignidade da mulher, o desejo expresso para que os direitos e deveres da mulher fossem respeitados, o esforço para que a mulher possa ter na Igreja e na sociedade o seu lugar, encontrando assim a sua dignidade como ser humano, entre outros.

No magistério de João Paulo II encontramos importantes documentos que falam sobre a dignidade feminina. O mais importante é a Carta Pastoral *Mulieris Dignitatem* sobre a dignidade e vocação da mulher, escrita em ocasião do ano mariano de 1988. Nela, utilizou a expressão que se tornou famosa e muitas vezes repetida durante o seu magistério, referindo-se ao “gênio feminino” da mulher.

“Se tu conhecesses o dom de Deus” (Jo 4,10), diz Jesus à samaritana num daqueles admiráveis colóquios, nos quais ele mostra quanta estima tem pela dignidade de cada mulher e pela vocação que lhe consente participar da sua missão de Messias. (...) A Igreja agradece todas as manifestações do “gênio” feminino surgidas no curso da história, no meio de todos os povos e nações. (MD, n. 31)

Nota-se que houve um reconhecimento do “gênio feminino” por parte dos últimos pontífices no fato de afirmar como Doutoras da Igreja: por Paulo VI primeiro, Santa Teresa de Ávila, Santa Catarina de Siena e, depois por João Paulo II, Santa Teresa de Lisieux. Um sinal de maturidade eclesial depois de muitos séculos, indicando que a mulher pode oferecer à Igreja universal um ensinamento válido.

Naquele momento histórico a Igreja, por meio da figura de Paulo VI, manifestava explicitamente a estima e consideração pelo que representa a figura da mulher. Um trecho da homilia no dia da proclamação de Santa Teresa de Ávila como Doutora da Igreja é significativo:

¹⁰ PAULO VI, Papa. Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II às mulheres. Roma, 8 de dezembro de 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 23 jan. 2020, tradução nossa.

A mulher, ao ser recebida na Igreja pelo batismo, participa do sacerdócio comum dos fiéis, que a habilita e obriga a «professar diante dos homens a fé recebida de Deus por meio da Igreja» (*Lumen Gentium*, 11). E nesta profissão de fé muitas mulheres chegaram aos cumes mais elevados, até serem, com a sua palavra e os seus escritos, luz e guia para os seus irmãos. Luz alimentada todos os dias no contato íntimo com Deus, também nas formas mais nobres da oração mística, para a qual São Francisco de Sales não hesita em dizer que possuem uma especial capacidade. É luz que se tornou vida, de maneira sublime, para o bem e o serviço dos homens.¹¹

Nenhuma destas mulheres estudou Teologia e, inclusive nem podia. No entanto, são capazes de propor uma doutrina que a Tradição da Igreja católica reconhece como verdadeira.

Podemos afirmar, a partir do que escrevemos acima, que ser Doutora da Igreja não tem uma relação direta com um título acadêmico, mas, sim, com uma profunda vida espiritual que dá a cada uma destas mulheres a capacidade de penetrar o mistério e chegar a um profundo conhecimento de Deus. É o amor que tornou sábias essas mulheres. Além disto, elas receberam também a capacidade de comunicar por escrito aquilo que viveram, em modo tal que todos podem ter acesso à experiência pessoal de cada uma.

Um ensinamento imediato dessas três Doutoradas da Igreja encontramos relacionado ao nosso labor teológico: precisamos ter sempre consciência de que, quando se trata das “coisas de Deus”, o estudo deve ser acompanhado de uma rica vida espiritual.

Dando continuidade ao Concílio Vaticano II e aos sucessivos pontificados, a solicitude com que o papa Francisco, desde sua eleição, se dedicou ao tema das mulheres, à função e ao acesso aos cargos de maior responsabilidade eclesial coloca em evidência a urgência de enfrentar uma realidade que diz respeito à visão que a Igreja tem sobre si mesma.

É tal visão, de fato, que leva Francisco a perceber um desequilíbrio, considerando que sem a presença ativa feminina o anúncio e o testemunho do Evangelho ficam empobrecidos e, portanto, compromete a missão da Igreja. É, de fato, significativo que o Papa, no início de seu ministério petrino, tenha chamado a atenção para um gesto realizado na liturgia da Semana Santa, que surpreendeu e, ao mesmo tempo, provocou interrogações, convidando duas mulheres da prisão para participar da celebração de lava-pés na Quinta-feira Santa. Um gesto importante para explicar e expressar o mistério pascal na história, reintegrando toda a humanidade. E, logo depois, com o anúncio pascal, destacou o testemunho das mulheres no anúncio da ressurreição, denominando-as como as primeiras testemunhas chamadas a anunciar a salvação, protagonistas privilegiadas da Páscoa.

¹¹ PAULO VI, Papa. Homilia em ocasião da proclamação de Santa Teresa de Jesus como Doutora da Igreja. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html. Acesso em 23 jan. 2020.

Há ainda um último elemento, simples, que quero sublinhar no Evangelho desta luminosa Vigília Pascal. As mulheres se encontram com a novidade de Deus: Jesus ressuscitou, é o Vivente! (...) E os dois homens em trajes resplandecentes introduzem um verbo fundamental: lembrai. «Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galiléia (...) Recordaram-se então das suas palavras» (Lc 24, 6.8). Este é o convite a fazer memória do encontro com Jesus, das suas palavras, dos seus gestos, da sua vida; e é precisamente este recordar amorosamente a experiência com o Mestre que faz as mulheres superarem todo o medo e levarem o anúncio da Ressurreição aos Apóstolos e a todos os restantes.¹²

Em diversas ocasiões, fez declarações sobre a fundamental importância da mulher na Igreja. Citaremos um trecho de uma entrevista que o Papa Francisco concedeu a Pe. Antonio Spadaro, sacerdote italiano jesuíta, jornalista e diretor da Revista *Civiltà Cattolica*.

É necessário ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Temo a solução do “machismo de saias”, porque, na verdade, a mulher tem uma estrutura diferente do homem. E, pelo contrário, os argumentos que ouço sobre o papel da mulher são muitas vezes inspirados precisamente numa ideologia machista. As mulheres têm vindo a colocar perguntas profundas que devem ser tratadas. A Igreja não pode ser ela própria sem a mulher e o seu papel. A mulher, para Igreja, é imprescindível. Maria, uma mulher, é mais importante que os bispos. Digo isto, porque não se deve confundir a função com a dignidade. É necessário, pois, aprofundar melhor a figura da mulher na Igreja. É preciso trabalhar mais para fazer uma teologia profunda da mulher. Só realizando esta etapa se poderá refletir melhor sobre a função da mulher no interior da Igreja. O gênio feminino é necessário nos lugares em que se tomam as decisões importantes. O desafio hoje é exatamente esse: refletir sobre o lugar específico da mulher, precisamente também onde se exerce a autoridade nos vários âmbitos da Igreja.¹³

A efetiva colaboração entre homens e mulheres no âmbito eclesial, na reciprocidade e no serviço é, portanto, a direção indicada por Francisco em seus discursos ou entrevistas em que diz respeito à questão feminina.

Em março de 2018, a professora e escritora espanhola Maria Teresa Compte Grau apresentou em Madri o seu livro, cujo título é: “Dez coisas que o Papa Francisco propõe às mulheres”. O papa lhe respondeu, agradecendo pelo livro, e o texto integral dessa resposta encontra-se no início do livro de Maria Teresa. Cita-se aqui um breve trecho desse agradecimento, sendo que ele expressa com muita clareza sua preocupação sobre a necessidade de se refletir e, conseqüentemente, de dar início à construção de uma mentalidade que busque novos caminhos para a mulher na sociedade e na Igreja.

¹² FRANCISCO, Papa. Homilia na Vigília Pascal. Roma, 30 de março de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130330_veglia-pasquale.html. Acesso em: 27 jan. 2020.

¹³ FRANCISCO, Papa. Entrevista ao Papa Francisco, feita por Pe. Antonio Spadaro. Roma, 19 de agosto de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 27 jan. 2020.

Preocupa-me também que na própria Igreja o lugar de serviço ao qual todo cristão é chamado, escorregue às vezes, no caso das mulheres, para uma função mais de servidão do que de um verdadeiro serviço. Seguindo o pensamento dos meus predecessores, acredito que seja necessária uma renovada pesquisa antropológica que inclua os novos progressos da ciência e das atuais sensibilidades culturais para aprofundar, não só a identidade feminina, mas também aquela masculina, para assim servir melhor o ser humano no seu conjunto. Avançar nesta direção é nos preparar para uma humanidade nova e sempre mais renovada. (...) ¹⁴

No documento final do Sínodo dos bispos para a Região Panamazônica, ele, em colegialidade com todos as pessoas que participaram dessa ocasião, pré-anuncia que convocará novamente a comissão que fez os estudos sobre o diaconato feminino, que concluiu os seus trabalhos em 2018, sem conseguir apresentar uma conclusão unânime sobre o tema.

Nas muitas consultas realizadas na Amazônia, o papel fundamental da mulher religiosa e leiga na Igreja da Amazônia e em suas comunidades foi reconhecido e enfatizado, devido aos múltiplos serviços prestados. Num grande número destas consultas, foi solicitado o diaconato permanente para as mulheres. Por isso, o tema também esteve muito presente no Sínodo. Já em 2016, o Papa Francisco havia criado uma “Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres” que, como Comissão, chegou a um resultado parcial sobre como era a realidade do diaconato das mulheres nos primeiros séculos da Igreja e suas implicações hoje. Gostaríamos, pois, de partilhar as nossas experiências e reflexões com a Comissão e aguardar os seus resultados. ¹⁵

O Sínodo dos bispos para a Região Panamazônica ainda apresentou algumas novidades em relação a outras experiências como esta, uma vez que estiveram presentes em assembleia trinta e cinco mulheres, entre as quais líderes de populações indígenas, peritas, leigas e religiosas. Essa citação acima é um exemplo de reconhecimento da importância da presença feminina nesses lugares de reflexão e de decisão. É necessário que escolhas desse tipo possam crescer e amadurecer como atitudes regulares e normais dentro da Igreja.

Estes são sinais de que estamos a caminho! Como escreveu Paulo VI na mensagem às mulheres após a conclusão do Concílio Vaticano II: “Mas a hora vem, a hora chegou...”. ¹⁶ Temos consciência de que superar uma certa mentalidade demanda ainda muito tempo, todavia, esse último Sínodo deu passos que servirão de exemplo e estímulo para toda a Igreja.

¹⁴ FRANCISCO, Papa. Agradecimento à Maria Teresa Compte Grau, autora do livro: *Diez cosas que el Papa Francisco propone a las mujeres*. Roma, 2 de março de 2018. Disponível em: http://www.osservatoreromano.va/vaticanresources/pdf/QUO_2018_050_0203.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020, tradução nossa.

¹⁵ SÍNODO DOS BISPOS ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A REGIÃO PANAMAZÔNICA. Documento Final Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Vaticano, 26 de outubro de 2019. Disponível em: www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html#. Acesso em: 27 jan. 2020.

¹⁶ PAULO VI, 1965b.

Para o Papa Francisco, a questão da presença atuante das mulheres na Igreja é profundamente eclesial e, por isto, é necessária uma renovada consciência eclesial. É válido e apropriado reportar o trecho de um texto de Santa Teresa Benedita da Cruz, Edith Stein (1891-1942), morta no Campo de Concentração de Auschwitz.

A mulher pode atuar segundo a sua peculiaridade em qualquer profissão que esteja exercendo, corresponda esta às suas características específicas ou não, e em qualquer lugar, para o bem das pessoas. (...) Em toda a parte existe o desejo de receber atenção e auxílio maternal. Por isso, poderíamos resumir também na palavra maternidade tudo aquilo que falamos a respeito do valor próprio da mulher. Mas deve ser uma maternidade que não se restringe ao círculo reduzido dos parentes e dos amigos pessoais; a exemplo da mãe da misericórdia deve estar disponível para todos os sofredores e deprimidos, ela deve estar arraigada no amor divino universal.¹⁷

Um outro gesto profético do atual pontífice que consideramos importante citar neste contexto é a respeito da nomeação de uma mulher para um cargo relevante no Vaticano. Essa nomeação aconteceu no dia 15 de janeiro de 2020. A dra. Francesca Di Giovanni é a nova subsecretária da Secretaria de Estado. É a primeira vez que uma mulher ocupa um cargo de gestão na Secretaria de Estado.¹⁸

Ressalta-se que o objeto deste presente trabalho não é o tema da valorização e uma maior inserção eclesial da mulher, porém, sendo que o *Ordo Virginum* é composto de mulheres que consagram totalmente suas vidas na Igreja, reputamos pertinente tocar tal argumento, com a consciência de que, por conta dos limites da pesquisa, não é possível aprofundar ulteriormente esse tema. A necessidade de uma investigação sobre a presença das mulheres na Igreja é de fundamental importância em nosso atual contexto eclesial. Como nos indica a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é essencial que se façam reflexões, investigações aprofundadas e, até mesmo, uma reconsideração da linguagem e das estruturas.

4.5 Maria, modelo de seguimento

Consideramos importante dedicar uma parte da nossa reflexão sobre Maria, a mãe do Senhor. Desde o anúncio do anjo, ela entregou inteiramente sua vida, contribuindo à missão de Jesus. Nesse sentido, podemos afirmar que ela é a primeira discípula do Senhor e, portanto, modelo no caminho dos cristãos e cristãs, mas, especialmente, de toda a pessoa que consagra

¹⁷ STEIN, Edith. A mulher, sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru: EDUSC, 1999. p. 292.

¹⁸ L'OSSERVATORE ROMANO, Jornal. Na Secretaria de Estado uma subsecretária mulher. Vaticano, 15 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/na-secretaria-de-estado-uma-subsecretaria-mulher>. Acesso em: 27 jan. 2020.

sua vida a Deus. Ressalta-se que o modelo absoluto da vida cristã é Jesus Cristo e que há homens e mulheres que encarnaram o Evangelho até se tornarem, também eles, modelos no caminho do seguimento de Cristo.

Maria ocupa um lugar de relevo, reconhecido por toda a Igreja. Sua escolha da castidade se conjuga com o dom de Deus e com a sua missão. O evangelista Lucas, recorrendo à imagem do Espírito de Deus que desce sobre Maria, permite-nos compreender que aquilo que se realiza nela seja unicamente expressão da ação de Deus. Esse agir de Deus lhe confere um caráter de consagração, ou seja, ela é escolhida para se tornar a Mãe do Messias. Seu relacionamento único com o Espírito Santo a coloca em proximidade com a Santíssima Trindade. Ela se torna imagem, modelada pelo Espírito, da criatura humana que vive completamente consagrada a Deus e, ao mesmo tempo, expressão mais alta da castidade que se torna maternidade no Espírito.

“Ecce ancilla”. Com esta palavra Maria coloca tudo à disposição. É ela a eleita, aquela que foi visitada pelo anjo, porém compreende o seu serviço em modo tal que por seu intermédio todos os fiéis estejam incluídos. Diz o seu sim esperando de podê-lo pronunciar em nome de todos aqueles que estão dispostos a crer. Ela é a cheia de graça, mas mesmo quando responde em conformidade a esta graça, deseja retirar-se – pura serva – no anonimato do serviço. E, como única eleita, coloca à disposição também isto. A sua disponibilidade quer incluir tudo aquilo que Deus possa pedir-lhe, assim que na sua seja abraçada também a disponibilidade de todas as mulheres ao que lhes seja pedido.¹⁹

A irrupção de Deus em Maria representa o início de uma nova condição da existência. A humanidade está “grávida” da presença de Cristo. Por isto, a mãe de Jesus é exemplo para todos os cristãos, mas, em modo especial, para as pessoas chamadas à vida consagrada. Nela podemos encontrar explicitamente a motivação bíblica da castidade expressa nas palavras “para o Reino de Deus”. Afinal, para ele Maria acolheu a missão que lhe foi confiada e assumida até as últimas consequências.

Não só modelo, é também intercessora que auxilia no caminho de vida das pessoas consagradas. Além de mostrar o caminho a ser percorrido, ajuda nesse percurso com sua proteção e intercessão. Ela é aquela alma, cheia do Espírito, que reflete sua luz para iluminar o caminho de quem necessita.

O reconhecimento de Maria como modelo de vida cristã tem as suas origens nos primeiros séculos do Cristianismo. Nas reflexões dos Padres da Igreja, encontramos que é o arquétipo da castidade consagrada, ou seja, vemos evidenciada a novidade do estado de vida, fruto da ação do Espírito Santo e resposta caracterizada por uma livre escolha de amor.

¹⁹ VON SPEYR, Adrienne. *Maria nella redenzione*. Milano: Jaca Book, 2001. p. 29, tradução nossa.

Ao término deste capítulo, podemos afirmar que o *Ordo Virginum* é profecia não somente escatológica, mas também encarnada no agora. Com isto, atesta-se que a escolha de viver esta forma de vida é feita não somente pelo bem de quem a escolhe, mas igualmente para dar testemunho de um amor humano concreto, que faz da consagrada um sinal claro da vinda do Reino, de sua presença atuante na história da humanidade.

As consagradas do *Ordo Virginum* podem participar positivamente também do processo já iniciado de criar uma nova imagem da feminilidade. Como afirmado anteriormente, nestes últimos anos, estamos registrando uma considerável promoção da mulher seja no âmbito social, seja naquele eclesial.

A condição da mulher como também seu papel eclesial estão vivendo profundas transformações e se faz perceber a necessidade de reflexões que respondam à complexidade das mudanças necessárias para atuar tais transformações.

A missão das consagradas do *Ordo Virginum* é, ainda, a de assumir e de levar adiante estas importantes reflexões que constroem a figura da Igreja e o modo de evangelizar. É necessária uma capacidade de reflexão que tenha como ponto de partida Jesus Cristo e o Evangelho, para se tornar voz profética dentro de uma Igreja em transformação e, claramente, em busca de caminhos de inserção da mulher em âmbitos e setores relevantes da Igreja.

É importante ressaltar que o caminho de uma consagrada é caracterizado por uma vida de santidade. Não se trata de uma santidade que está “fora” do mundo, pelo contrário, está totalmente inserida no mundo. É revelação do amor, da verdade e da beleza de Deus, que se realiza no cotidiano de uma vida simples, caracterizada pela oração, pelo trabalho e pelo serviço ao Senhor. No ordinário da vida cotidiana, ser testemunha de uma luz que se encontra na relação com Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi responder à necessidade apresentada de um maior aprofundamento do *Ordo Virginum*, que tem suas origens nos primeiros séculos do cristianismo. Demos início à investigação considerando o fundamento bíblico da vida consagrada. Identificamos que desde a Igreja primitiva essa forma de vida cresceu e se desenvolveu, ocupando o pensamento e os escritos dos Padres da Igreja. Analisamos de forma breve suas características em unidade com os escritos do Novo Testamento e com as fontes dos textos patrísticos. Finalmente, descrevemos em linhas gerais como esse estado de vida se manifestou na Igreja primitiva, ao longo dos séculos, até os tempos hodiernos.

A metodologia adotada favoreceu o percurso que fizemos no aprofundamento dessa forma de consagração. Em consonância com o objetivo da pesquisa, apresentamos uma reflexão teológica, utilizando instrumentos como a análise do Cânon 604, específico sobre o *Ordo Virginum*, bem como uma leitura teológica da oração de consagração.

Nossa investigação realizou uma aproximação dessa temática e abriu a reflexão para aprofundamentos ulteriores, de dados mais concretos sobre a presença e a ação das consagradas do *Ordo Virginum* no contexto primitivo do cristianismo. Também se presta a uma abordagem bem mais ampla como a jurídico-teológica, que poderia considerar elementos teológicos e jurídicos de outros caminhos de consagração.

Outro caminho de aprofundamento poderia ser feito no enfoque da presença das consagradas nas várias dioceses espalhadas pelo mundo. É do conhecimento geral que tal forma de vida, após o Concílio Vaticano II, cresceu e se multiplicou, gerando muitas vocações em diversos países. Portanto, um estudo sobre a presença dessas mulheres consagradas seria um modo ulterior para aprofundar esse carisma.

Ordo Virginum é memória porque nos leva às origens da Igreja, às comunidades apostólicas, ao entusiasmo das primeiras gerações cristãs. Desde o início do cristianismo, o Espírito Santo suscitou pessoas que orientaram a totalidade de suas vidas no seguimento de Jesus Cristo. No contexto social e cultural no qual a fé cristã, começou a se difundir a escolha de renunciar ao matrimônio e à maternidade, expressão de algo jamais visto. Essa forma de vida surgia espontaneamente, suscitando admiração e imitação, como também escândalo e perseguição.

Ordo Virginum é profecia porque nos interpela no que diz respeito a dois aspectos: o primeiro se refere à transitoriedade desta vida e à importância de vivê-la em comunhão com

Deus. O segundo se refere à valorização da presença feminina na Igreja e na sociedade. Estamos vivendo tempos de profundas transformações com relação ao modo da mulher se inserir na Igreja, na sociedade e no mundo. Estamos no início de um novo tempo em que se testemunha a força de um profeta, o papa Francisco, estimulando reflexões sobre o feminino e inserindo-o em papéis de grande relevância na Igreja. Um novo tempo em que as mulheres podem transmitir seus dons, e esta é uma conquista para a humanidade inteira.

Ordo Virginum é inserção social porque a forma específica dessa consagração é caracterizada pelo compromisso de conduzir uma vida de fé e de radicalidade evangélica nas condições normais da existência, ou seja, as consagradas não se distinguem pelo hábito que usam nem pela pertença a um Instituto religioso, mas assumem o empenho de testemunhar o Evangelho onde se encontram. Portanto, vivem a experiência de um trabalho remunerado, enfrentam o desafio de dialogar com todas as pessoas, exercitam o ministério de ser uma Igreja “em saída”, que está no meio das pessoas, na simplicidade e como um sinal da presença do Reino. Especialmente nestas últimas décadas, o renascimento dessa entrega é um dom que a Igreja faz ao contexto social e um testemunho corajoso oferecido ao inteiro corpo eclesial.

Um aspecto de particular relevância nos tempos atuais se refere à presença feminina na Igreja e na sociedade. O pontificado do papa Francisco atesta a atenção na busca de novos caminhos para um protagonismo das mulheres na Igreja. De fato, ele nos convida a fazer uma profunda teologia da mulher, a fim de favorecer uma reflexão eclesiológica sobre a presença eclesial atuante da mulher.

Éclair²⁰

Que o céu puro sobre o meu rosto me tome,
 Este céu varrido por grandes nuvens,
 Um vento tão forte, um vento que perfuma de alegria,
 Que tudo renasça, purificado pelos sonhos.
 Nascerão para mim as cidades dos homens,
 Que um sopro puro livrou da bruma,
 Os telhados, os passos, os editais, as mil luzes,
 O burburinho dos homens, o que o tempo consuma.
 Nascerão os mares, a barca que balouça,
 A batida do remo e os fogos da noite.
 Nascerão os campos, a semente espalhada,
 Nascerão as noites, a estrela que segue a estrela.
 Nascerão as lâmpadas e os joelhos dobrados,
 A sombra, os golpes na mina;
 Nascerão as mãos, os duros metais trabalhados,
 O ferro apertado no uivo da máquina.
 O mundo nasceu, vento sopra para resistir!
 Caso contrário, perece, recoberto pelos vapores.
 Nascera-me numa dilaceração
 Lá do céu verde-pálido, em meio às nuvens.²¹

²⁰ Durante a realização desta pesquisa, inspirou-nos uma poesia da escritora, mística e filósofa Simone Weil (1909-1943). A extraordinária inteligência dessa mulher e sua capacidade de se colocar diante do mundo, não obstante os grandes desafios, se tornam uma luz no nosso caminho de busca de Deus e da relação com as pessoas. A poesia foi composta no ano de 1929. O título “Éclair”, em português, significa *relâmpago*. Com essa poesia, ela revela sua busca por um mundo novo, no qual fala de um renascimento. É este o sentido que nos acompanhou ao longo deste trabalho, ou seja, que um novo mundo esteja para nascer, com uma compreensão sempre mais autêntica do valor da mulher consagrada na sociedade e na Igreja.

²¹ DANESE, Attilio; DI NICOLA, Giulia Paola. *Abismos e Ápices – Percursos espirituais e místicos de Simone Weil*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 40-41.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, de Hipona Santo. *Opere di Sant'Agostino: matrimonio e verginità; la dignità del matrimonio; la santa verginità; la dignità dello stato vedovile; la continenza; le nozze e la concupiscenza*. Roma: Città Nuova, 1978.
- AGOSTINHO, de Hipona Santo. *A virgindade consagrada*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- AGOSTINHO, de Hipona Santo. *Dos bens do matrimônio; a santa virgindade; dos bens da viuvez; cartas a Proba e Juliana*. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Patrística)
- ALMEIDA, Luciano Mendes de. *Jesus Cristo luz da vida consagrada*. São Paulo: Loyola, 1997.
- ALVAREZ, Jesús. Virgens Cristãs. In: RODRIGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals (Dir.). *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 1136-1142.
- AMBRÓSIO, Aurélio Santo. *Scritti sulla verginità*. Torino: Internazionale, 1939.
- AMBRÓSIO, Aurélio Santo. *A virgindade*. Petrópolis: Vozes, 1980. (Os Padres da Igreja)
- AMBRÓSIO, Aurélio Santo. *La virginidad, la educacion de la virgen, exhortacion a la virginidade*. Madrid: Ciudad Nueva, 2007.
- AQUINO, São Tomás. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARUMI, José Rovira. *La vita consacrata oggi: rinnovamento, sfide, vitalità*. Bologna: Dehoniane, 2013.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto. *Consagração da mulher para tempos novos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *I Vangeli*. Assisi: Cittadella, 1978.
- BARBIERI, Roberto; CALABUIG, I. M. Virgindade Consagrada na Igreja. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1814-1824.
- BENEDETTO XVI, Papa. *Discurso do Papa Bento XVI às participantes da reunião internacional do Ordo Virginum*. Roma: 15 mai. 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080515_ordo-virginum.html>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- BEYER, Jean. *Il Codice del Vaticano II: dal Concilio al Codice*. Bologna: Dehoniane, 1984.
- BEYER, Jean. *Il diritto della vita consacrata*. Milano: Ancora, 1989.

- BEYER, Jean. Le forme individuali di vita consacrata. *Quaderni di Diritto Ecclesiale*, Milano, ano 5, v. 2, p. 131-141, 1992.
- BIANCHI, Enzo. Verginità e Celibato. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (a cura di). *Temi Teologici della Bibbia*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2010. p. 1495-1503.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- BLAQUIÈRE, Georgette *et al.* *Dignità e vocazione della donna, per una lettura della "Mulieris Dignitatem"*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1989.
- BOCCHIN, Sandrino. *La verginità professata, celebrata, confessata: contributo per la comprensione teologico-liturgica dall'Ordo consecrationis Virginum*. Roma: Liturgiche, 2009.
- BOLCHI, Elena Lucia. *La consacrazione nell'Ordo virginum: forma di vita e disciplina canonica*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.
- BONETTI, Renzo. *Verginità e matrimonio due parabole dell'unico amore*. Milano: Ancora, 1998.
- BONI, Andrea. Consacrazione delle vergini: evoluzione dottrinale e disciplinare attuale. In: ROCCA, Giancarlo. *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. Roma: Paoline, 1975. v. II. p. 1613-1621.
- BOUYER, Louis. *La siritualità dei padri (II-V secolo): martirio-verginità-gnosi cristiana*. Bologna: Dehoniane, 1988.
- BOUYER, Louis. *Storia della Spiritualità 3: I Padri*. Bologna: Dehoniane, 2013.
- BRIGHENTI, Agenor. *Em que o Vaticano II mudou a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- BUENO, Daniel Ruiz. *Padres Apostólicos*. Madrid: Católica, 1965.
- BURINI, Clara; CAVALCANTI, Elena. *La spiritualità della vita quotidiana negli scritti dei Padri*. Bologna: Dehoniane, 1988.
- BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CABRA, Pier Giordano. *Breve presentazione del Vaticano II*. Brescia: Queriniana, 2013.
- CALABRESE, Antonio. *Istituti di vita consacrata e società di vita apostolica*. Città del Vaticano: LEV, 1997.
- CALABUIG, I. M.; BARBIERI, R. Virgindade Consagrada na Igreja. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1235-1249.
- CANTALAMESSA, Raniero. *Verginità*. Milano: Ancora, 1988.
- CAPPELLINI, Ernesto (a cura di). *Problemi e prospettive di diritto canonico*. Brescia: Queriniana, 1977.

CAPSONI, Giuseppe. *L'Ordine delle Vergini*. Bologna: Dehoniane, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CENTRO DI AZIONE LITURGICA. *Enchiridion Liturgico*. Casal Monferrato: PIEMME, 1989.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O meio divino: Ensaio de vida interior*. Lisboa: Presença, [19--].

CHIAPPETTA, Luigi. *Il código di diritto canônico: Commento giuridico-pastorale*. Bologna: Dehoniane, 2012.

CLAUDIE, Bernard. La Virginité féminine. *French Politics, Culture et Society*, New Milford, v. 32, p. 130-133, mar. 2014.

CLEMENTE ROMANO, Papa. *Carta de S. Clemente Romano aos Coríntios: Primórdios cristãos e estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO: Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 1987.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, Declarações, Documentos Pontifícios complementares. Petrópolis: Vozes, 1984.

CONCÍLIO LATERANENSE II. Roma: 1139. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/evangelizandocommaria/concilio-da-igreja-catolica/segundo-concilio-de-latrao/canones-do-segundo-concilio-de-latrao>>. Acesso em: 08 set. 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1977.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA: *L'Ordo Virginum nella Chiesa in Italia: Nota pastorale*. Roma: Paoline, 2014.

CONFERENZA ITALIANA SUPERIORI MAGGIORI: *Vita Consecrata: Studi e Riflessioni*. Roma: Rogate, 1996.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Alegrai-vos: carta circular aos consagrados e às consagradas*. Brasília: CNBB, 2014.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Contemplai "Mostra-me, ó amor da minha alma" (Ct 1, 7): Aos consagrados e às consagradas sobre os sinais da beleza*. Brasília: CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Perscrutai: Carta Circular aos consagrados e às consagradas que caminham sob os sinais de Deus*. Brasília: CNBB, 2015.

CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSAGRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. *Ordo Virginum: Immagine e Segno della Chiesa Sposa*. Città del Vaticano: CIVCSVA, 2009.

CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. *Per vino nuovo otri nuovi: Dal Concilio Vaticano II la vita consacrata e le sfide ancora aperte*. Città del Vaticano: LEV, 2017.

CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. *Ecclesiae Sponsae Imago: Istruzione sull'Ordo Virginum*. Roma: 2018. Disponivel em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccscr_life_doc_20180608_istruzione-ecclesiasponsaeimago_it.html. Acesso em: 10 out. 2019.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA CONSAGRADA. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, Bernardino. As últimas três décadas da liturgia: releitura de alguns documentos do Magistério. *Revista Humanística e Teologia*, Porto, v. 31, n. 2, p. 27-53, 2010. Disponivel em: <http://hdl.handle.net/10400.14/19200>. Acesso: em 30 nov. 2017.

CREA, Giuseppe. *Il segreto della felicità nella vita consacrata*. Padova: Messaggero, 2015.

DANESE, Attilio; DI NICOLA, Giulia Paola. *Verginità e Matrimonio: reciprocità e diversità di due vocazioni*. Milano: San Paolo, 2000.

DANESE, Attilio; DI NICOLA, Giulia Paola. *Abismos e Ápices: Percursos espirituais e místicos de Simone Weil*. São Paulo: Loyola, 2003.

DE ALMEIDA, Antônio José. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

DE ALMEIDA, Antônio José. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015.

DE LA POTTERIE, Ignace. Verginità. In: LEON-DUFOUR, Xavier (dir.). *In Dizionario di Teologia Biblica*. Casale Monferrato: Marietti, 1971. pp. 1350-1354.

DE LORENZI, Lorenzo. Verginità. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G; GIRLANDA, A. (a cura di). *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1988. p. 1639-1654.

DENZINGER, H; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DE PAOLIS, Velasio. *La vita consacrata nella Chiesa*. Bologna: Dehoniane, 2010.

DE ROSA, Giuseppe. L'Ordo Virginum nella vita della Chiesa. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. 1, n. 3809, p. 496-497, mar. 2009.

DOMINGO, Andrés. *Le forme di vita consacrata: Commentario teologico-giuridico al codice di diritto canonico*. Roma: Edurcla, 2008.

ESPOSITO, Salvatore. L'ordo Consecrationis Virginum un esempio di revisione voluto dalla Sacrosantum Concilium. *Asprenas*, Napoli, v. 50, n. 24, p. 417-436, apr./dic. 2003.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.

FABRIS, Rinaldo. *Prima lettera ai Corinzi*. Milano: Paoline, 1999.

FACCENDA, Luigi M. *La donna consacrata alla luce della Marialis Cultus*. Bologna: Immacolata, 1977.

FACULDADE DE DERECHO CANÓNICO. *Comentario exegetico al Código de Derecho Canónico*. v. II. Pamplona: EUNSA, 1996.

FARINA, Marcella. Verginità. In: CENTRO INTERNAZIONALE VOCAZIONALE ROGATE (a cura di). *Dizionario di Pastorale Vocazionale*. Roma: Rogate, 2002. p. 1248-1256.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS. *50 anos após o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013a.

FRANCISCO, Papa. Homilia na Vigília Pascal. Roma: 30 mar. 2013b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130330_veglia-pasquale.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Palavras do Papa Francisco no encontro com os seminaristas, os noviços e noviças na Sala Paulo VI*. Roma: 6 jul. 2013c. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco20130706_incontro-seminaristi.html>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Entrevista ao Papa Francisco, feita por Pe. Antonio Spadaro*. Roma: 19 ago. 2013d. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada*. Brasília: CNBB, 2015a.

FRANCISCO, Papa. Papa Francisco a la Vida Consagrada. *Vida Religiosa*, Madrid, n. 119, 2 feb. 2015b. Disponível em: <https://vidareligiosa.es/category/c2-articulos/page/47/?filter_by=popular>. Acesso em 30 nov. 2019.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º dia mundial pelas vocações*. Vaticano: 3 dez. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20171203_55-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 30 nov. 2019.

FRANCISCO, Papa. *Agradecimento à Maria Teresa Compte Grau, autora do livro: Diez cosas que el Papa Francisco propone a las mujeres*. Roma: 2 mar. 2018. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/vaticanresources/pdf/QUO_2018_050_0203.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Homilia na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus, 53º Dia Mundial da Paz*. Roma, 1º jan. 2020. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/>>

2020/documents/papa-francesco_20200101_omelia-madredidio-pace.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

GABINO, Uríbarri Bilbao; NURYA, Martinez-Gayol. *Raíz y viento, la vida consagrada em su peculiaridade*. Cantabria: Sal Terrae, 2015.

GALVÃO, Henrique de Noronha. Do mistério aos ministérios da Igreja: significado teológico dos estados eclesiais. *Didaskalia*, Lisboa, v. 025, n. 1, 1995, p. 505-530. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/17819>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

GAMBARI, Elio. *I religiosi nel Codice*: commento ai singoli canoni. Milano: Ancora, 1986.

GHIRLANDA, Gianfranco. *Il diritto nella Chiesa mistero di comunione*. Milano: San Paolo, 1990.

GHIRLANDA, Gianfranco. *Introduzione ao diritto ecclesiale*. Casale Monferrato: Piemme, 1993.

GHIRLANDA, Gianfranco. (a cura di). *Punti fondamentali sulla vita consacrata*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1994.

GIOVANNI PAOLO II, Papa. *Discorso alle partecipanti al Convegno Internazionale dell'Ordo Virginum nel 25° anniversario della promulgazione del rito*. Roma: jun. 1995. Disponível em <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GIOVANNI PAOLO II, Papa. *Discorso di Giovanni Paulo II alle partecipanti al Convegno Internazionale dell'Ordo Virginum nel 25° aniversario della promulgazione del Rito*. Roma: 2 jun. 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1995/june/documents/hf_jp-ii_spe_19950602_ordo-virginum.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

GIOVANNI PAOLO II, Papa *et al.* *Ordo virginum*. Milano: Ancora, 1999.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

GOLDIE, R. Mulher. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Domenico (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. pp. 799-810.

GOMEZ, Alberto Garcia; CHAVEZ, Maria José; ORTEGA, Juan Carlos. *Consacrazione in uscita*: La consacrazione laicale nella Chiesa del terzo millennio alla luce del Concilio Vaticano II. Napoli: Scientifiche Italiane, 2017.

GRUPPO DI COLLEGAMENTO NAZIONALE DELL'ORDO VIRGINUM (a cura di). *Donne Pro-vocanti, l'Ordo Virginum se racconta*. Siena: Cantagalli, 2015.

GUIMARÃES, Adriana Barbosa. “A vida escondida em Cristo”: A virgindade consagrada na Igreja antiga. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 113-128. jul/dez 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/17366>>. Acesso: 30 nov. 2017.

HOURCADE, Janine. *Una vocazione femminile ritrovata*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2000.

HUBER, Sigfrido. *Las cartas de San Ignacio de Antioquia y de San Policarpo de Esmirna*. Buenos Aires: Desclee, 1945.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, Santo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*: Comunidade Eclesiais em Formação. Petrópolis: Vozes, 1970.

JIMÉNEZ, Aitor. Ordine delle Vergini. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco. *Dizionario di ecclesiologia*. Roma: Città Nuova, 2010. p. 977-984.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptoris Mater*. São Paulo: Paulinas, 1987.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica Mulieris Dignitatem*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996.

KING, Ursula. *Cristo em todas as coisas*. São Paulo: Paulinas, 2002.

LAGANÀ, Eleonora. *Il rito di consacrazione delle vergini*: Un'antica liturgia attuale a partire dal Concilio Vaticano II. Macerata: Diocesi di Macerata, 2000.

LARRAÑAGA, Xabier. *Nella Chiesa per il mondo*: la dimensione ecclesiale nella vita consacrata. Milano: San Paolo, 2015.

LARRAÑAGA, Xabier. *La vita consacrata nel mistero della Chiesa*. Milano: Ancora, 2017.

LATOURELLE, René (a cura di). *Vaticano II bilancio e prospettive venticinque anni dopo*. Assisi: Citadella, 1987.

LEIDI, Leonello. L'identità delle forme individuali di vita consacrata. In: *Simposio Internazionale per le persone che vivono forme individuali di vita consacrata*, Częstochowa, 5 giu. 2015. Disponível em: <http://www.ifzk.episkopat.pl/dokumenty/sympozjum2015_konf-1_ita.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

LÉON-DUFOUR, Xavier. Sexualidade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier *et al.* (Orgs.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972a. p. 969-974.

LÉON-DUFOUR, Xavier. Virgindade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier *et al.* (Orgs.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972b. p. 1088-1090.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. Coleção Theologica.

LIBANIO, João Batista. *Caminhos de existência*. São Paulo: Paulus, 2012.

LODI, Enzo. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: Dehoniane, 1981.

LORA, Erminio. *Enchiridion della vita consacrata*: Dalle Decretali al rinnovamento post-conciliare (385-2000). Bologna: Ancora, 2001.

L'OSSERVATORE ROMANO, Jornal. Na Secretaria de Estado uma subsecretária mulher. Vaticano: 15 jan. 2020. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/na-secretaria-de-estado-uma-subsecretaria-mulher>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MACCISE, Camilo. *Cento temi di vita consacrata: Storia e Teologia, Spiritualità e Diritto*. Bologna: Dehoniane, 2007.

MAGGIOLINI, Alessandro. (a cura di). *Profezia della donna: Lettera apostolica "Mulieris dignitatem" testo e commenti*. Roma: Città Nuova, 1989.

MAGGIOLINI, Alessandro. *Amore umano e cristiano, matrimonio sacramento, verginità consacrata, criteri di scelta*. Siena: Cantagalli, 2008.

MANES, Rosalba. *Il ritorno: La sfida della riconciliazione nella parabola del figlio prodigo*. Milano: San Paolo, 2013.

MARTINELLI Paolo; BLOCK Wiesław (a cura di). *Arte e spiritualità: studi, riflessioni, testimonianze*. Bologna: EDB 2014.

MARTINI, Carlo Maria. *Cammini esigenti di santità*. Bologna: Dehoniano, 2018.

MATURA, Thadée. *Il radicalismo evangélico alle origini della vita cristiana*. Roma: Borla, 1981.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante, o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

MERINO, Aquilino Bocos. *Un racconto dello Spirito*. Bologna: Dehoniane, 2013.

METZ, Johann Baptist, *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.

MISTRORIGO, Antonio. Consacrazione dele Vergini. In: *Dizionario Liturgico-Pastorale*. Padova: Messaggero, 1977. p. 502-508.

MONTAN, Agostino. La vita consacrata nella Chiesa particolare in un'ecclesiologia di comunione: il percorso dopo il Concilio Vaticano II. *Lateranum*, Città del Vaticano, v. 78, n. 1, p. 55-67, set. 2012.

MOSCHETTI, Paola. Ordine delle Vergini. In: CENTRO INTERNAZIONALE VOCAZIONALE ROGATE (a cura di). *Dizionario di Pastorale Vocazionale*. Roma: Rogate, 2002. p. 773-778.

MOSCHETTI, Paola. *L'Ordo virginum: germoglio di vita cristiana*. Siena: Cantagalli, 2008.

NOCETI, Serena. I 40 anni dell'Ordo Virginum. *Il Regno*, Bologna, v. 56, n. 1092, p. 58-64, gen., 2011.

NOCETI, Serena. REPOLE, Roberto (a cura di). *Commentario ai documenti del Vaticano II*. Bologna: Dehoniane, 2015.

PADRES Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

PAULO VI, Papa. *Carta encíclica Ecclesiam Suam*: Sobre os caminhos da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1965a.

PAULO VI, Papa. *Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II às mulheres*. Roma: 8 dez. 1965b. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

PAULO VI, Papa. *Homilia em ocasião da proclamação de Santa Teresa de Jesus como Doutora da Igreja*. Roma: 27 set. 1970. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html>. Acesso em 23 jan. 2020.

PELVI, Vincenzo. *Alle vergini consacrate*. Milano: San Paolo, 2009.

PENNA, ROMANO; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. *Temi Teologici della Bibbia*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2010.

PENNA, Romano. *Le prime comunità cristiane: Persone, tempi, luoghi, forme, credenze*. Roma: Carocci, 2017.

PERRELLA, Salvatore M. Maria e i consacrati, testemunhos da alegria cristã: Algumas reflexões em ordem ao ano dos consacrati. *Ephemerides Mariologicae*, Madrid, v. 65, n. III, p. 247-276, jul./sept. 2015.

PERRIN, Joseph-Marie. *A virgindade cristã*. São Paulo: Flamboyant, 1964.

PIANO, Lino. *La posizione della vita consacrata nella Chiesa alla luce del Vaticano II*. Torino: Elledici, 2014.

PIO XII, Papa. *Costituzione Apostolica Sponsa Christi*. Vaticano: 1950. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501121_sponsa-christi.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

PIO XII, Papa. *Carta Encíclica do Santo Padre sobre a Sagrada Virgindade*. Curitiba: AEC do Brasil, 1954.

PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2017.

PONTIFICIA UNIVERSITÀ LATERANENSE. Istituto di Teologia della Vita Consacrata “Claretianum”. *Teologia e teologie della vita consacrata*. Simpósio. Roma: 2016.

PONTIFICIO ISTITUTO LITURGICO S. ANSELMO DI ROMA (a cura di). *Anámnesis I: sacramentali e le benedizioni*. Genova: Marietti, 1989. v. 7.

RECCHI, Silvia. L’Ordine delle vergini. *Quaderni di Diritto Ecclesiale*, Milano, ano 5, v. 2, p. 141-151, 1992.

RODRIGUEZ, Marcelo Merino (dir.). *Ambrosio de Milán, escritos sobre la virginidade*. Madrid: Ciudad Nueva, 2011.

ROSANNA, Enrica; DEL CINQUE, Serenella. La vita consacrata e l'*Ordo Virginum* nell'insegnamento di Paolo VI. *Istituto Paolo VI*, Brescia, n. 67, p. 69-85, giugno 2014.

RUARO, Pietro (a cura di). *L'Ordine delle vergini: I documenti, i riti, le norme, i principi spirituali e pastorali*. Milano: Gribaudi, 1990.

SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José Maria Urteaga. Virgens, ordem das. In: SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José Maria Urteaga (Dir). *Dicionário de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 755-756.

SEBASTIAN, Babu. *Pienamente in Cristo: Aspetti psicologici e formativi della vita consacrata*. Milano: San Paolo, 2015.

SECONDIN, Bruno. *O perfume de Betânia*. São Paulo: Loyola, 1997.

SÍNODO DOS BISPOS ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A REGIÃO PANAMAZÔNICA. *Documento Final Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. Vaticano: 2019. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazzonia_po.html#>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS IX ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. *A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo: lineamenta*. São Paulo: Paulinas, 1993.

SIRI, Giuseppe. *La giovinezza della Chiesa*. Pisa: Giardini Editori, 1983.

STEIN, Edith. *A mulher, sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999.

STORNILO, Ivo; BALANCIN, Euclides M. (Trads.). *Padres Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias*. v. 1. São Paulo: Paulus, 1995.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio Litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2015.

TETTAMANZI, Dionigi. *Sarai chiamata mia gioia: Omelie per la consacrazione delle vergini*. Milano: Centro Ambrosiano, 2011.

THEOBALD, Christoph. *Vocazione?!*. Ferrara: Dehoniane, 2011.

TOSETTI, Gigliola. *Vergini consacrate nel mondo: Un ritorno alle origini*. Bologna: Dehoniane, 1990.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VIGANO', Egidio. *Mistero e storia, dono e profezia del Concilio*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1986.

VIZMANOS, Francisco de B. *Las virgenes cristianas de la Iglesia primitiva*. Madrid: Católica, 1949.

VON SPEYR, Adrienne. *Maria nella redenzione*. Milano: Jaca Book, 2001.

ZINCONE, S. Giovanni Crisostomo. In: DI BERNARDINO, Angelo; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (Org.). *I Dizionari di San Paolo: Letteratura Patristica*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007. p. 591.